Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/veritas6319unse

LAP

VERITAS

RARY OF PRINCETON
JAN 25 1988
OLOGICAL SEMINARY

REVISTA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO SUL
Pôrto Alegre — Brasil

SUMÁRIO

PROF. IR. JOSÉ PUHL — A faixa litorânea Rio-grandense 239

PROF.ª JOSEPHA NIDENTHAL — Um discurso de Lukasiewicg 247

MONS. DR. OCTÁVIO NICOLÁS DERISI — Conocimiento y cultura 254

FREI BENEVENUTO DE SANTA CRUZ O.P. — A teoria do desenvolvimento em face das exigências do humanismo cristão 263

EUNICE VIEIRA VILELA — O fortalecimento e a prosperidade da família e o progresso nacional 268

AYDA PEREIRA REIS — Contribuição do Serviço Social ao desenvolvimento nacional à base de um municipalismo autêntico 279

PROF. DANTE DE LAYTANO — Pequeno esbôço de um estudo do linguajar do gaúcho brasileiro 293

ANO VI — SETEMBRO DE 1961 — N.º 3

VERITAS

Publicação Periódica-Trimestral

EXPEDIENTE:

Diretor-responsável

Irmão José Otão

Secretário

Irmão Elvo Clemente

ADMINISTRAÇÃO

Pontifícia Universidade Católica do RGS — Praça Dom Sebastião, 2
PÔRTO ALEGRE (Brasil)

Preço anual	Cr$ 250,00
Número avulso	Cr$ 100,00
Exterior	$2 dólares
Alunos da Universidade assinatura anual	Cr$ 200,00

Formas de pagamento: Vale postal, valor declarado ou cheque pagável em Pôrto Alegre.

EDITÔRA TIPOGRAFIA CHAMPAGNAT
Avenida Bento Gonçalves, 4314 — Pôrto Alegre

VERITAS

REVISTA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

TOMO VI
N.º 3

1961
PÔRTO ALEGRE (R G S)
BRASIL

A FAIXA LITORÂNEA RIO-GRANDENSE

Ir. José Puhl

O litoral rio-grandense é uniforme. Dirige-se para sudoeste em linha quase reta. É uma larga praia de areias movediças, cortada durante as enchentes por vários canais que servem de desaguadeiros a numerosas lagunas. Prolonga-se desde o cabo de S. Maria até o Uruguai. O único canal importante que interrompe esta uniformidade é o canal de Rio Grande comunicando a laguna dos Patos (Tibiquara, dos indígenas) com o oceano. Nenhum promontório, nenhuma baía notável, nem ilha estável aí se formam: é sempre o mesmo lençol arenoso, sem oferecer possibilidades de estabelecer portos naturais. Atrás das dunas seguem duas linhas paralelas de lagunas. As costas são modeladas pela abrasão.

Duas penínsulas imperfeitas formam o litoral rio-grandense; a do Estreito ou de Pernambuco, de Rio Grande ao norte e a do Albardão, dos molhes de Rio Grande do Sul. A península do Albardão parece ser mais recente e mais despida de vegetação do que a de Pernambuco. Os materiais de entulhamento provieram do alto da Serra do Sudeste e da Serra Geral. Ainda atualmente a Serra do Sudeste despeja na laguna dos Patos, através de seus rios, Camaquã e Piratini, a decomposição do seu granito indo formar dois tipos de solos: arenosos em campos pobres e argilosos que também são pobres por perderem fàcilmente os componentes metálicos.

O páleo-litoral se achava separado do interior pelos contrafortes da Serra do Sudeste e da Coxilha das Lombas constituídas de rochas cristalinas de gnais e de granito e pela Serra Geral de embasamento arenítico capeado pelos derrames basálticos. A ação da abrasão marítima contra essas serras foi lenta e relativamente curta. A maior parte das areias atuais foram transportadas pelos rios, enxurradas e lavagem superficial difusa erodindo desertos e superfícies desnudas e carreando o material sôbre a plataforma continental sendo, posteriormente, devolvidas ao litoral pelas ondas de fundo.

Três pilares salientes possuía êsse litoral antigo: Xuí, Coxilha das Lombas e Tôrres. De Xuí a Pôrto Alegre se estendem os maciços graníticos arqueanos; de Torres à laguna dos Barros o meláfiro pós-triássico e da laguna dos Barros a Pôrto Alegre uma série de formações geológicas em que sobressai a

Pesquisa realizada pelo Prof. Ir. José Puhl F.M.S.

série do arenito Botucatu. A desagregação dessas fornecem materiais para construir as atuais restingas. (foto 4).

As águas atlânticas edificaram, a partir dessa páleo-costa, uma série de tômbolos, esporões e cordões litorâneos que separaram do mar as extensas restingas e seu conjunto de lagunas. Processou-se, assim, uma lenta colmatagem, e talvez, auxiliada pelos fenômenos epeirogênicos costeiros. O tamanho da superfície reconquistada ao mar, após a transgressão flandriana, conduz, lògicamente, a essa conclusão. O fenômeno se continua ainda atualmente, ainda que menos ràpidamente, regredindo o mar numa média de 4 a 5 m. anuais em alguns pontos.

Essa páleo-costa parece ter origem numa falha pós-triássica que mergulhou nas águas atlânticas imensos tratos de terra. Múltiplos impactos basculares sofreu a região. Constituiu-se uma costa de falésias e muito recortada na retaguarda da atual linha de costa. Milhares de anos se seguiram com formação de aspectos sempre novos até constituir e solidificar a vasta restinga de Pernambuco e do Albardão.

Com a lenta retirada do mar, em maré baixa, ia-se descobrindo um panorama novo cuja extensão mudava de dia para dia com a maré: ilhotes semeados de seixos, blocos rochosos cobertos de algas, praias de areia de km. de largura, extensões monótonas de vasas, sedimentos grosseiros e finos sem uma verdadeira harmonia deposicional. O agente de transformação mais importante dêste litoral foi, inquestionàvelmente, o vento. Destrói pela ação das vagas e correntes aqui para ir depositar acolá vastos trechos. As constantes mudanças da ondulação costeira, tão freqüentes no litoral sul, com suas vagas ora paralelas, ora oblíquas jogaram um papel importante nas novas costas. Fazem surgir, com a acumulção dos sedimentos, os cordões arenosos. Seu alargamento e consolidação posterior com a colmatagem dos espaços intermédios ocupados pelas águas rasas constituiram a restinga. Sua alimentação e evolução continua com os materiais expulsos do mar. Na zona de arrebentação das vagas se forma uma região de dunas submersas que são expulsas pelas vagas e acamadas ao longo da linha do litoral e o vento se encarrega de varrê-las continente a dentro. O escoamento laminar e turbulento das águas de chuva devolvem parte dêstes materiais, mas a ação marinha sempre consegue subjugar essas fôrças intermitentes. As fôrças conjugadas dos fenômenos marinhos e dos processos morfoclimáticos construíram ao longo do litoral barras retilíneas, paralelas, curvas e festonadas.

Os rios que descem do planalto, da Serra do Sudeste e que entalham a Depressão Central do Estado, após as falhas litorâneas, entram numa nova fase de intenso transporte sedimentar e de materiais grosseiros e finos resultantes do entalhamento e alargamento de suas vertentes. A deposição dêsses materiais diferentes na orla litorânea e a ação dos micro-organismos imprime uma verdadeira escala cromática às capas estratificadas. Nos estuários é mais rica em variantes e aí aparecem mais amiudamente turfas, tijucos e lodos. (fig. 1). Constatam-se ainda dois tipos de vasas: a slikke que é a extensão inclinada, lisa, nua e em vias de aumento; a shorre que se encontra já solidificada e raras vêzes é atingida pelas marés, mas apenas penetrada pela água doce. A shorre cobre-se, via de regra, de uma vegetação halófila e semelha o pólder.

Nota-se também a presença de antigas rias. Êste fenômeno se vê claramente desenhado no atual Guaíba. O débito do então curso de água devia ser vigoroso para permitir a formação de tão vasta restinga como aquela de Pernambuco ou do Estreito. Além disso, o estuário-ria, de então, devia ter sofrido um grande afogamento em sua foz como se denota por um verdadeiro panelão próximo a Itapuã cuja isóbata máxima alcança os 44 m. o que está muito acima das médias do restante curso do Guaíba. O mar devia invadir o curso do Guaíba até

a região do atual delta interiorizado do Jacuí. Deve ter seguido um período de intensa deposição sedimentar. O excepcional estrangulamento frontal, com a imensa planície aluvionar de Tapes, é ainda uma prova dêste intenso trabalho de sedimentação na foz do Guaíba.

Três fatôres influíram na estruturação das restingas rio-grandenses: a) As correntes secundárias; b) Influência do fundo do mar; c) O efeito das vagas de translação e as correntes de marés.

Antes da restinga pròpriamente se formar apareceu o pontal que é uma língua de terra que avança ao longo de mares pouco profundos. Passam a ter formas chanfradas e retilíneas. Conseguiram êstes pontais, alargando-se, formar as lagunas em três áreas bem distintas do Rio Grande do Sul: Albardão, Pernambuco e Palmares a Tôrres.

As zonas mortas dos pontais deviam ser muito numerosas. Os feixes circulantes foram aos poucos avançando tanto do lado do mar como do lacustre para, como verdadeiras pinças entre duas correntes, adiantar-se e levar os depósitos para frente na zona das águas mortas. A restinga marcha e suas areias começam a subir das águas e, quando enxuta, na maré baixa, os ventos nelas atuam. Há interrupções de avanço e de recuo. Formada e consolidada e desaparecendo a atuação da corrente externa sôbre a interna dos rios do hinterland rio-grandense, os ventos periódicos agindo sôbre as águas tranquilas da enseada motivam o desdobramento da circulação interna em círculos fechados menores. Assim se formam os esporões. A morfologia da restinga e do esporão é similar, mas a resultante é oposta, pois a restinga cria a laguna e o esporão a desrói. Os esporões fazem desaparecer as lagunas por cissiparidade em lagunas fraccionadas sucessivamente. Os ventos nordeste e sudoeste atuam poderosamente na constituição dos esporões gaúchos. Enquanto os pontais avançam, nos contornos circulares as correntes se isolam em circuítos fechados e independentes, imprimindo, geralmente, formas elípticas ou circulares que tendem a formar lagunas fraccionadas, tão comuns em território rio-grandense.

A tendência dos esporões das lagunas gaúchas é a de buscar uma saliência na margem fronteira. Não raro, porém, antes que ali chegue a ponta móvel de areia, um novo esporão desprende-se da saliência oposta vindo em sua busca. Impossível negar uma atração mútua dos pontais opostos, a não ser que causas desconhecidas no leito das lagunas provoquem um desvio inesperado das correntes. Dificultam a navegação, obrigam a constante dragagem dos canais de acesso portuário, limitam o calado e operam a fretagem. (foto 2).

Os esporões rio-grandenses encontraram três requisitos favoráveis à sua formação no início da transgressão flandria-

na: mares rasos, correntes litorâneas e abundância de areias sôltas movimentadas pela água em circulação. Em têrmos mais restritos os mesmos requisitos se observam nas lagunas atuais.

No litoral gaúcho interpenetram-se naturalmente dunas e restingas. As restingas que formam a laguna dos Patos e Mirim apresentam-se desenvolvidas numa série de fitas arenosas justapostas que contribuem para a retificação da linha do litoral, transformando antigas enseadas em lagunas. Verifica-se, dêste modo, um recuo do mar resultante do seu próprio dinamismo construtivo.

As restingas se formam nas costas onde deságuam rios volumosos. É o caso rio-grandense. As águas do Jacuí arrastam grande quantidade de sedimentos para o mar. A ação conjunta das ondulações perpendiculares à costa e das correntes de derivação para o norte constroem inicialmente as restingas que vão de Palmares até Torres cuja formação parece ser mais antiga e se encontra em fase de colmatagem mais avançada do que a parte que vai de Palmares aos molhes de Rio Grande.

De outro lado, os sedimentos arrastados pelos rios Jaguarão, Piratini, Pelotas e Camaquã contribuíram na formação do Albardão. Além disso, as correnest marítimas do sul atiram oblìquamente contra as costas gaúchas a grande massa sedimentar que o Rio da Prata leva ao oceano.

Quase defronte a Mostardas a lombada central aqui mais consolidada, parece ter infletido de alguns graus mergulhando em direção ao mar. Ao longe de alguns km. entre a lombada central e a praia encravou-se uma pequena depressão. O Oceano Atlântico acumulou uma faixa estreita de areias que isola intermitentemente a laguna do Peixe do mar. A laguna é extremamente rasa e permite vau aos veículos. Seu fundo é revestido de vegetação palustre e oferece um gabarito perfeitamente consolidado. Na estação chuvosa água para o oceano e nas estiagens o mar se infiltra nela por um sangradouro. É uma restinga barreira em fase de extinção.

Duas correntes: oceânica, externamente, e fluvial, internamente, depositam materiais sólidos sôbre as restingas e vão alargando sua superfície. Com os depósitos fluviais acamados nos altos fundos das lagunas surgem restinguinhas que isolam trechos lacustres que entulhados aumentam progressivamente a planície interna ou a restinga. O que constitui característica peculiar a estas formações arenosas é o paralelismo invulgar entre essas sucessivas restinguinhas. Tal estrutura paralela apresenta grande estabilidade, conservando-se inalterável através dos tempos a despeito dos ventos fortes que sopram nesta região costeira. A estabilidade da forma topográfica original deve-se, em parte, à vegetação que age aqui como elemento natural de fixação das areias sôltas. Ao paralelismo das longas fitas lagunares intercala-se, pela sua própria

origem, o paralelismo providencial das altas faixas arenosas. são de uma coloração claro-cinzenta que vai progressivamente passando à amarela-castanho nas camadas inferiores. As primeiras parecem ser depósitos holocênicos, enquanto que as últimas, pleistocênicas.

A plataforma continental submarina do litoral rio-grandense é suave até a curva batimétrica d 18 m. A largura dessa curva batimétrica varia de 3 a 30 km. como se pode constatar na carta batimétrica compilada pela marinha brasileira em 1956. Esta característica seja, talvez, o maior dos auxiliares na edificação da vasta e larga restinga rio-grandensoe.

Das observações e constatações anteriores podemos concluir em dividir a faixa litorânea gaúcha em três grandes setores com subramificações em cada um dêles. *I. De Xuí aos molhes de Rio Grande.* — Denominado de Albardão, pois a topografia local ao longo da Mirim e do Xuí justificam o têrmo. Esta restinga poderia ser dividida em 4 subramificações:

1. Planície de butiàzeiros encravada entre a Mirim, a Mangueira e o arroio do Xuí.

2. Do trecho entre as duas extremidades da Mangueira e a barra do Jaguarão. Não há ligações epicêntricas entre o oceano e a Mangueira e a Mirim e nem correntes osmóticas subterrâneas. Por isso, com os pequenos arroios que ainda recebe tende a Mangueira alargar sua vertente. A vasa lodosa que atapeta os leitos dêsses arroios são tremedais perigosos. A colmatagem provocada pelos sedimentos do Jaguarão são mais nítidos na margem uruguaia do que na brasileira onde a batimetria lacustre é maior.

3. Trecho situado entre a Mangueira, o S. Gonçalo e os molhes de Rio Grande. É uma faixa arenosa larga sem lagunas na encosta do oceano e a parte central é pantanosa. Trabalhos de recuperação foram executados pelo poder público nos banhados do Taim. Taim era o canal de descarga das lagunas Caiuvá e Flores na Mirim. Uma chuva torrencial, em 1878, obstruiu o canal e o vento SO se encarregou de fazer desaparecer, em pouco tempo, o arroio Taim e sepultou a própria mata de galeria que o rodeava. Vasto pântano se estendeu sôbre a região. Os cômoros de areia alcançam grandes alturas e ameaçam estancar, com seu avanço, algumas das pequenas lagunas que se anicham de cá e de lá.

4. Planícies jaguarenses, arroio-grandenses e pelotenses que se estendem entre o Jaguarão, a Mirim, o S. Gonçalo, o Pelotas e o Ecudo Rio-grandense. São de uma planura, drenagem e fertilidade extraordinárias.

II. Parte central, desde a barra do Rio Grande até Palmares. — Subdividimos a região em:

1. Restinga de Pernambuco. As dunas que nascem, em sua parte meridional, com as areias oceânicas são tangidas

Fig. 1 — Fase acentuada de peniplanização do Escudo Rio-Grandense na área de contacto com a planície quaternária, próximo à foz do Camaquã. Foto do autor, maio 1960.

Fifg. 2 — Casas de pescadores à beira da Laguna dos Patos, em Tapes, na crista de um pontal enxuto. Foto do autor, maio 1960.

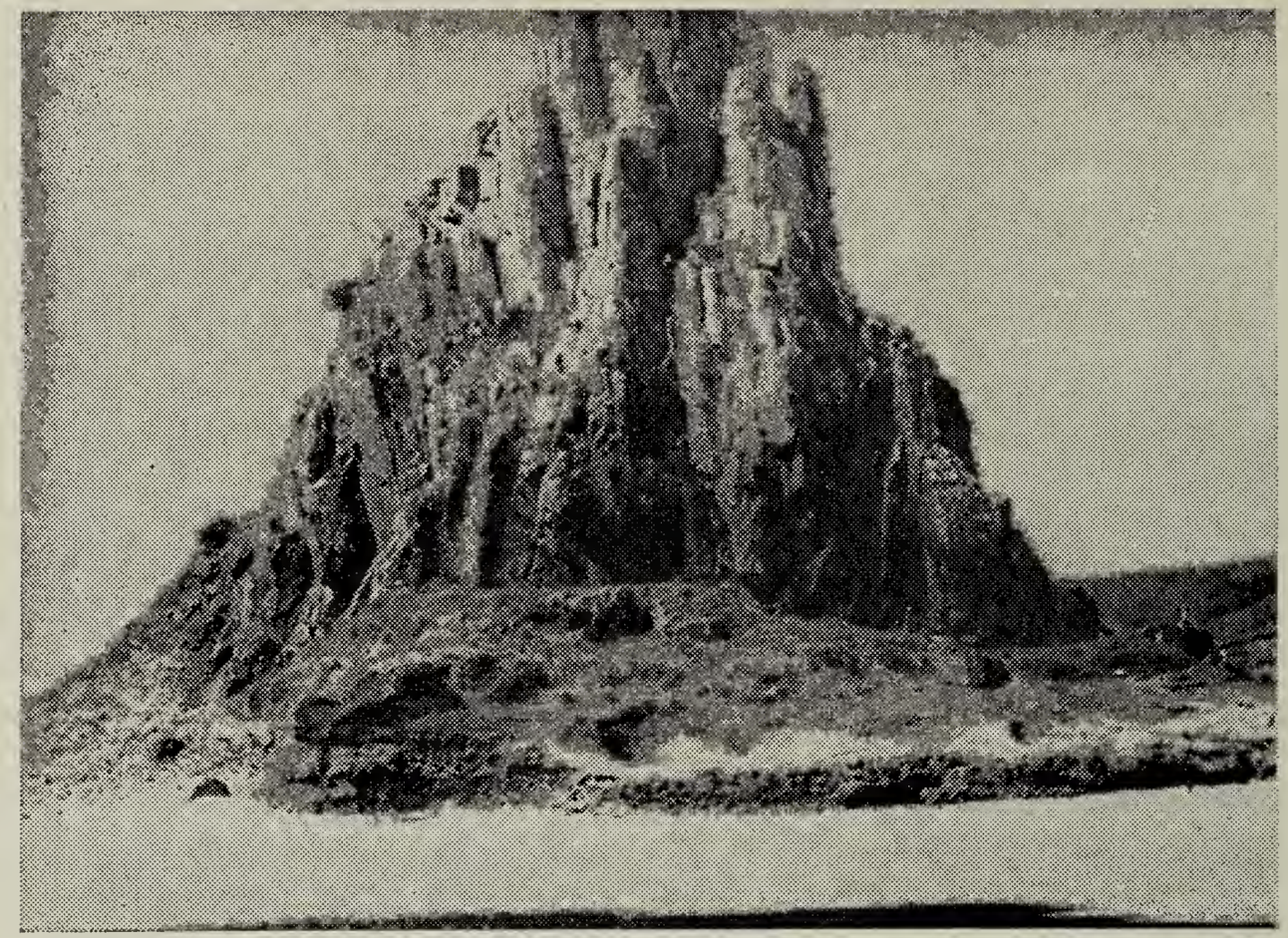

Fig. 3 — Tôrre do Sul, em Tôrres. Basalto colunar em cuja base se notam diques de arenito silicificado e o embasamento do arenito de Botucatu apresenta também inúmeros diques de diabases. Foto do autor, janeiro 1958.

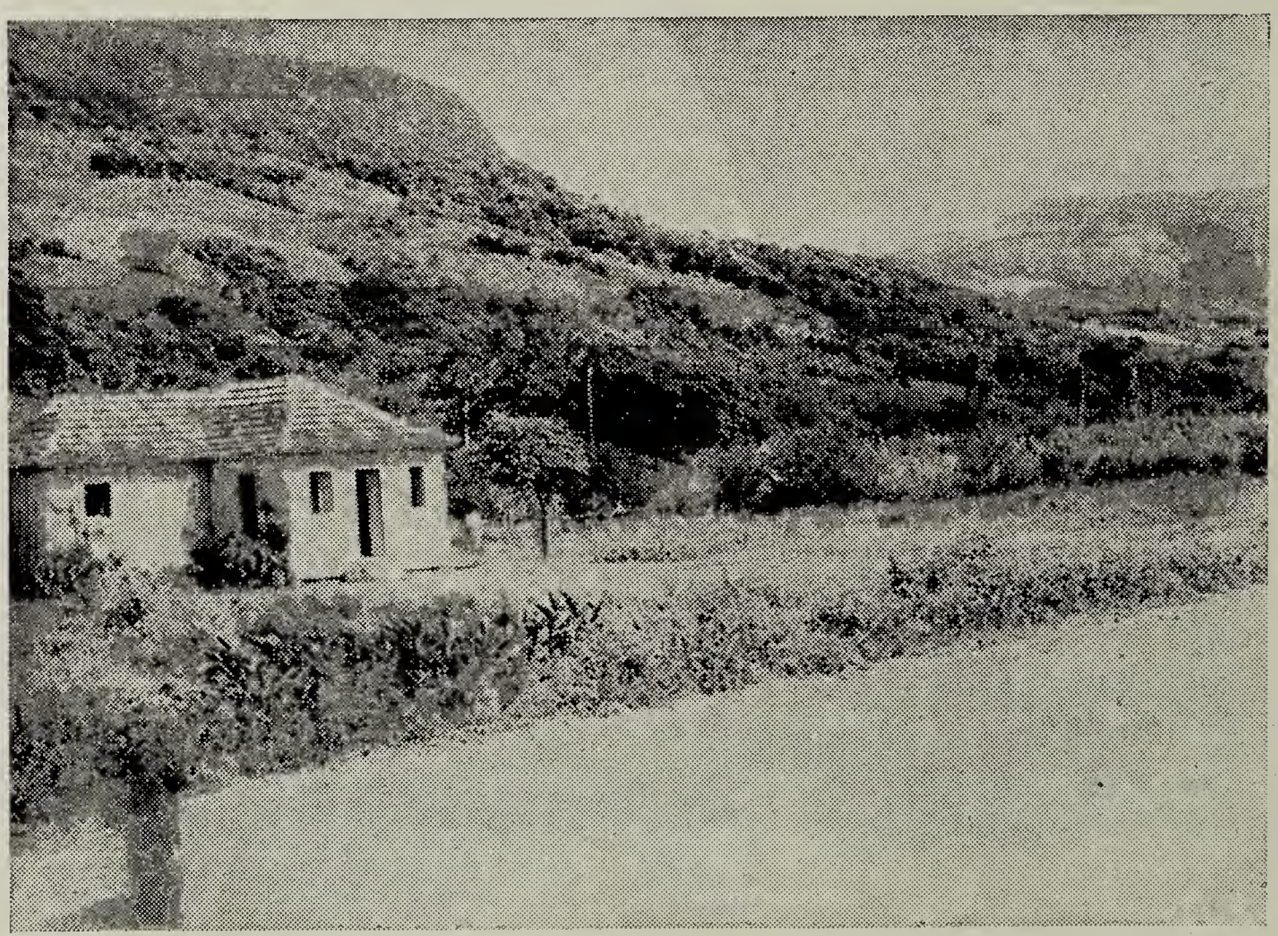

Fig. 4 — Escarpa de falha, nas proximidades de Osório. Limite do páleo-litoral. Na meia-encosta implantou-se a bananicultura. Foto do autor, janeiro 1958.

pelos ventos até a laguna dos Patos onde se precipitam lentamente e formam baixios que estão assoreando vagarosamente enormes extensões. Na parte central e norte, no contôrno da laguna dos Patos, rareiam as dunas e abundam ótimas pastagens.

2. Planícies tapeanas que se estendem entre o maciço cristalino e as fozes do Camaquã e do Guaíba. Topografia tabuliforme. As laguninhas em colmatagem final são numerosas.

III. De Palmares. — Já se nota certa influência continental na vegetação e na formação geológica. O canal do Tramandaí dá escoamento à vertente da Serra Geral. É a zona de contato com as rochas eruptivas. Tôrres é o lugar mais lindo da praia rio-grandense. Quatro rochas como tôrres saem do mar. A Tôrre do Norte, mais monte do que rocha, serve de pedestal à cidade de Tôrres e ao farol. Um pouco ao lado há mais três tôrres. A Central é mais esguia, ao passo que as outras duas são mais massudas. O embasamento é arenítico e o capeamento é meláfiro. Os diques de meláfiro e de arenito são avultados. (foto 3). O mar esbate furiosamente contra elas e tem conseguido formar várias grutas e cavernas. A. de Saint-Hilaire nos pincela em largos traços o que era Torres no século passado. Hoje, muita modificação se nota na paisagem humana e, mesmo, na física.

BIBLIOGRAFIA

Backheuser, Everardo

1946 — A restinga de Marambaia — Pol. do CNG n.º 40, julho.

1946 — O litoral da Guanabara — Bol. do CNG n.º 44, nov. Bigarella, João José.

1947 — Contribuição ao estudo da planície litorânea do Estado do Paraná — Bol. do CNG n.º 55, out. Bloudel, F.

1936 — La Géologie et les Mines des vieilles plateformes, Bourcart, Jacques.

1952 — Les frontières de l'Océan. Caldas, J. Tupi.

1938 — Aspectos geomorfológicos do Estado do Rio Grande do Sul. — Rev. I. H. G. do R.G.S.

1939 — Regiões naturais — Rev. I. H. G. do R.G.S. Chebataroff, Jorge. Esquema general de la evolución de las costas platenses. Couto, Carlos de Paula.

1953 — A bacia calcárea de Itaboraí e a tectônica da costa Sudeste do Brasil — Div. de Geol. e Min. n.º 75, out. Dansereau, Pierre.

1948 — Distribuição de zonas e sucessão na restinga do Rio de aJneiro — Bol. do CNG n.º 60, março, Duarte, Manoel.
Lagoa do Barros — Rev. I. H. G. do R.G.S. Freitas, Rui Osório

1951 — Ensino sôbre o relêvo tectônico do Brasil — Bol. do CNG, n.º 2, abril — junho.
Guerra, Antônio Teixeira

1950 — As variações do nível do mar depois do Plioceno e método do estudo — Bol. do CNG, n.º 90, set.

1953 — Geografia do litoral — Bol. do CNG, n.º 114, maio.
Lamego, Alberto Ribeiro

1948 — Ciclo evolutivo das lagunas fluminenses — Bol. do CNG, n.º 60, março.
Nogueira, Paulo de Castro

1948 — Litoral — Bol. do CNG, n.º 64, julho.
Oliveira, Beneval de

1950 — Estudo da região paranaense: a planície litorânea e a Serra do Mar. — Bol. do CNG, n.º 82, fev.
Pimienta, Jean

1958 — A faiva costeira meridional de Santa Catarina. Bol. 176 da Div. de Geol. e Min. — Rio.
Prévost, L., Joubin et G.

1951 — Le fond de la mer.
Rambo, Balduino

1956 — A fisionomia do Rio Grande do Sul.
Ruellan, Francis

1950 — Geomorfologia geral — Bol. do CNG, n.º 84, março.
Silveira, João Dias da

1952 — Baixadas litorâneas quentes e úmidas.
Spalding, Walter

1939 — El sistema lacustre sul-riograndense-oriental Toit, A.L. du

1952 — Comparação geológica entre a América do Sul e a África do Sul.

UM DIRCURSO DE LUKASIEWICZ

Josepha Niedenthal

Por um feliz acaso estamos de posse de uma palestra de Lukasiewicz, o conhecido lógico contemporâneo. Embora o discurso que transcrevemos a seguir tenha sido proferido há mais de 40 anos, quer nos parecer que não desmereceu em sua atualidade, pois, bem ao contrário, em face dos triunfos do determinismo histórico de tipo marxista, deparamos com palavras combativas, que conservou todo o seu valor. Isto, para não nos apoiarmos no fato incontestável de que Lukasiewicz ocupa, no panorama da lógica contemporânea, um lugar de destaque, sendo responsável, a par de sua revalorização da silogística aristotélica, em uma larga medida, pelo progresso da logística em nossos dias.

Antes de passarmos a algumas considerações genéricas sôbre a evolução do pensamento de Lukasiewicz, traduzimos, quase na íntegra, o discurso que êle proferiu, em março de 1918, ao despedir-se, temporàriamente, dos seus alunos da Universidade de Varsóvia.

"Nesta aula de despedida quero dar-lhes uma síntese de minhas obras, baseada numa confissão auto-biográfica. Quero apresentar-lhes o fundo emocional do qual surgiram as minhas idéias. Êste fundo é a luta espiritual contra tôda e qualquer forma de compulsão.

Existem duas formas de compulsão. A primeira, é a compulsão física que se manifesta, ou como fôrça externa tolhedora de nossas ações. Desta compulsão é possível libertar-se quer pela fôrça corporal, quer pela fôrça da vontade, e se todos os meios se nos recusam, resta-nos sempre a libertação pela morte. A segunda, é a compulsão lógica. Somos obrigados a aceitar os princípios evidentes e as afirmativas que dêles decorrem. Esta compulsão é a mais forte; não existe sequer a esperança de libertação. Não há fôrça física ou mental que possa opor-se aos princípios da lógica ou da matemática.

Foi com o aparecimento da lógica de Aristóteles e da geometria de Euclides que surgiu esta forma de compulsão. Saindo da Grécia, espalhou-se pelo mundo. Foi então que nasceu a concepção da *ciência,* compreendida como um sistema de princípios e afirmativas ligados entre si por relações lógicas.

De acôrdo com esta concepção da ciência, foi interpretado o *universo:* todos os acontecimentos e fenômenos estariam ligados entre si por um elo causal e resultariam uns dos outros do mesmo modo como resultam umas das outras as afirmativas da teoria científica. Tudo o que existe, pois, estaria sujeito a leis necessárias. Num mundo concebido desta maneira não há lugar para um ato criador, oriundo, não de uma lei, mas de um impulso livre — já que os próprios impulsos estão sujeitos a leis e condicionados pela necessidade, podendo serem previstos por um ser omnisciente. Desta forma, muito antes de eu ter nascido, por exemplo, todos os meus atos teriam sido determinados de antemão em sus mais íntimos detalhes.

Esta concepção penetrou até mesmo na *vida* prática. Pretenderam demonstrar que um procedimento que obedecesse tanto às leis sociais como às leis da ciência natural — quer dizer, um procedimento ordenado e conforme a seus fins — seria sempre eficaz. Se uma nação chegasse, pois, a transformar-se em mecanismo que reproduzisse em sua estrutura o sistema científico, neste caso a dita nação alcançaria um poder tão considerável que poderia tentar a conquista do mundo.

Pois bem, contra estas concepções da *ciência,* do *universo* e da *vida* revolta-se o espírito criativo do homem. Um indivíduo intrépido e cônscio de seu valor não se pode conformar com êste papel que se lhe pretende reservar: o de ser apenas um elo na corrente causal. O que quer é atuar livremente sôbre o destino do mundo.

Eis porque a liberdade criativa da arte se opõe constantemente à ciência. Contudo, os artistas criadores passam seu tempo longe dos problemas científicos, sem sentir a compulsão lógico. Mas o cientista — o que pode fazer nesta situação?

São dois os caminhos que se lhe deparam. Pode submergir no ceticismo e renunciar ao trabalho científico; mas pode também combater a vigente concepção da ciência, baseada na lógica de Aristóteles.

Escolhi o segundo caminho. Lenta e paulatinamente me tornava cada vez mais cônscio do objetivo desta luta que agora proclamo. Inconscientemente, porém, todos os meus trabalhos dirigiam-se, há tempo, para êsse fim.

Desde que se quisesse transformar a concepção da ciência baseada na lógica de Aristóteles, seria necessário forjar uma arma mais forte do que aquela lógica. Esta arma encontrei-a na lógica simbólica. À luz desta lógica perscrutei os grandes sistemas filosóficos que proclamavam a universal causalidade

dos fenômenos. Verifiquei que todos êles — até mesmo o criticismo de Kant desvaneciam-se, quando sujeitos à crítica desta lógica, reduzindo-se a um aglomerado de idéias, muitas vêzes geniais, mas privadas de valor científico. Descobri pois que, tais sistemas, não oferecem perigo para a liberdade humana.

Quanto às ciências empíricas, formam elas suas leis gerais por meio da indução. Examinei então as conclusões lógicas das conclusões indutivas. Tomando como ponto de partida as investigações de Jevons e Sigwart, esforcei-me em provar que a indução é um raciocínio redutivo que busca razões para conseqüências dadas. Êste tipo de raciocínio não apresenta conclusões certas, mas apenas hipotéticas. Aqui, pois, a compulsão lógica perde também a sua fôrça: sendo hipotéticas, as leis e teorias científicas não constituem a reconstrução dos fatos, mas a livre criação do pensamento. Podem ser comparadas, não com uma fotografia tirada de modo mecânico, mas com um quadro pintado por um artista. Como a mesma paisagem pode ser concebida de maneira bem diferente por diferentes artistas, assim também várias teorias podem servir como explicação dos mesmos fenômenos. Vi nisso, pela primeira vez, a aproximação existente entre a criação científica e a criação artística.

De maneira mais forte, porém, manifesta-se a compulsão lógica nas ciências apriorísticas. Neste campo encontrei a mais dura luta. Em 1910 publiquei um livro sôbre o princípio de contradição em Aristóteles, no qual procurei provar que êste princípio não é tão evidente como geralmente se o considera. Já então tentei elaborar uma lógica não aristotélica, mas tentei em vão.

Hoje porém, parece-me alcancei êste objetivo. O caminho me foi indicado pelas antinomias. Elas provavam existir uma lacuna na lógica de Aristóteles. O desejo de preencher esta lacuna conduziu-me à transformação dos princípios tradicionais da lógica.

Considerações sôbre êste tema formavam o conteúdo de minhas últimas aulas. Nelas provava que, além das proposições verdadeiras e falsas, existem proposições possíveis, às quais — como possibilidade objetiva — corresponde algo terceiro ao lado do ser e do não-ser.

Desta maneira surgiu o sistema de uma lógica de três valores que elaborei em detalhes no verão passado. Êste sistema é tão conciso e conseqüente como a lógica de Aristóteles, porém supera-a pela riqueza de leis e fórmulas.

Esta nova lógica, ao introduzir a *possibilidade objetiva,* rompe a concepção tradicional da ciência, baseada na necessidade. Os fenômenos possíveis não possuem causas, embora possam iniciar uma corrente causal. O ato de um indivíduo cria-

tivo pode, pois, ser livre e atuar, concomitantemente, sôbre o destino do mundo.

O fato de podermos criar vários sistemas lógicos, testemunha que a lógica não permanece prêsa à reprodução dos fatos, mas que constitui uma livre obra do homem, assim como é livre a obra artística. Dêste modo, a compulsão lógica desvaneceu-se em sua própria fonte.

Eis como encaro as minhas obras, seu fundo emocional e o objetivo para o qual tendiam.

E agora, por algum tempo, terei de pôr de lado esta atividade e submeter-me à compulsão. Terei que obedecer as leis e prescrições; e mais do que isto, terei de me tornar o seu guardião. Já não serei mais livre, embora tenha tomado esta decisão livremente. Mas, quando chegar a me ver novamente livre, voltarei à ciência. Voltarei e me apresentarei talvez diante de vocês, talvez diante de vossos sucessores, para levar adiante esta luta de idéias pela liberdade do espírito humano".

Pode surpreender, à primeira vista, num discurso proferido quarenta anos atrás, esta ânsia de liberdade, estas observações sôbre a nação transformada em mecanismo e sôbre a conquista do mundo. Não esqueçamos, porém, que a palestra teve lugar em março de 1918, quando a primeira guerra mundial continuava com a maior violência. As "Potências Centrais", de um lado, ameaçavam Paris, e de outro, tendo expulsado os russos muito além do Vístula, ocuparam quase todo o antigo território da Polônia, que, desmembrada há mais de um século, não existia como estado independente. Instalados em Varsóvia, os alemães, no intuito de neutralizar as promessas russas e de atrair para o seu lado o povo, autorizaram a formação do "Conselho de Regência", com jurisdição e sistema escolar próprio. Isto nos reconduz ao discurso de Lukasiewicz, que originou-se justamente no fato de ter aceito a chefia do ensino superior polonês.

Só tendo em conta a concreta situação histórica, é que se pode discernir e saborear — sem por isso perder de vista a importância e o alcance geral dessa "confissão" — a fina e sorridente ironia que ilumina o discurso: enquanto o cientista analisa as formas de compulsão e insiste sôbre o valor objetivo da possibilidade ou sôbre o papel da nova lógica, em luta pela liberdade, o patriota transmite aos jovens poloneses uma clandestina mensagem de esperança. Esta esperança aliás, não o enganou: no fim do mesmo ano a sua pátria recuperou a liberdade. Lukasiewicz passou, então, para o cargo de Ministro de Educação e Cultura, a convite de Paderewski (seja dito, entre parêntesis, famoso pianista e na época primeiro ministro). Só no outono de 1920, após a vitória sôbre os

bolchevistas, viu-se Lukasiewicz livre de suas obrigações e "voltou para a ciência" e a Universidade.

Formado pela Universidade de Lwow, imbuído da disciplina mental e da imparcial investigação dos fatos que caracterizavam o prof. Casimiro Twardowski, tornou-se agora Lukasiewicz um dos mais ativos organizadores da atividade filosófica em Varsóvia. Com o concurso de outros condiscípulos de Twardowski — mencionemos aqui pelo menos o nome de Stanislaw Lesniewski — conseguiu êle em poucos anos resultados suficientemente importantes para que a "Escola de Varsóvia" passasse a contar em todos aquêles centros filosóficos (Cambridge, Oxford, Paris, Gotinga, Viena, Zurique, etc.), onde se analisavam as bases da matemática e da lógica simbólica.

Além disso, ao mesmo tempo que o grande matemático alemão Hilbert, iniciou Lukasiewicz um novo ramo de investigações sôbre a lógica simbólica — a metalógica — na qual logo destacou-se um de seus alunos, Alfred Tarski. Convém lembrar também que era Lukasiewicz o primeiro a discernir a relação entre a lógica simbólica e os sistemas antigos e medievais de lógica formal, e que os seus trabalhos sôbre êste assunto abriram novas perspectivas para a história da lógica.

Em 1939 terminou êle a sua obra sôbre a silogística de Aristóteles e entregou-a à editôra. "... em setembro, as bombas destruíram totalmente a editôra e tudo se perdeu", escreve Lukasiewicz m 1951. "Ao mesmo tempo foi bombardeada e queimada tôda minha biblioteca, bem como os meus manuscritos. Durante a guerra não me foi possível trabalhar". Depois da guerra, vivendo nas difíceis condições de emigrante político, elaborou sua obra pela segunda vez, baseando-se em seus cursos proferidos na Universidade de Dublin.

Enquanto na palestra que acabamos de transcrever, opõe-se Lukasiewicz, radicalmente, à lógica de Aristóteles, em seu "Aritotle's Syllogistic from the Standpoint of Modern Formal Logic", reconhece êle tôda a importância do filósofo grego no campo da lógica, denunciando, ao mesmo tempo, a "desastrosa" deformação sofrida pela sua obra no passado. A silogística de Aristóteles não é, segundo Lukasiewicz, "a teoria das formas do pensamento dependentes da psicologia", mas um sistema "cuja precisão supera a da matemática". Contudo, considerado sob o ponto de vista da nova lógica, êsse sistema é estreito e não pode servir para todos os tipos de raciocínio.

Como uma das mais interessantes descobertas feitas no campo da silogística de Aristóteles, aponta Lukasiewicz a inovação de Slupecki (seu antigo aluno e atualmente professor na Universidade de Wroclaw). Slupecki apresentou a solução

do problema da "discernibilidade", quer dizer, um método apto a decidir quando uma dada proposição pertence e quando não pertence a um determinado sistema, o que permite a eliminação das formas de silogismo, que no sistema de Aristóteles não são verídicas.

Além dessa obra sôbre a silogística de Aristóteles, que é o resultado de muitos anos de pesquisas, publicou Lukasiewicz, depois da guerra, onze estudos menores. O mais interessante dêstes, é "A system of Modal Logic", que apareceu no "Journal of Computing Systems", vol. I, n. 3, 1953.

Nesse trabalho apresentou Lukasiewicz a solução de um outro problema que o preocupava desde que escreveu a sua importante obra sôbre a lógica de mais de três valores, publicada em 1920. Achava êle então que a possibilidade permite apenas duas interpretações: ou não possui ela graus, ou então possui uma infinidade de graus, do mesmo modo como acontece no cálculo de probalidade. Por isto julgava que só dois sistemas de lógica de mais de dois valores poderiam ter valor filosófico, a saber a lógica de três valores e a lógica de número infinito de valores (onde o conjunto dos valores lógicos tem a potência de alem zero). Contudo, êste ponto de partida tinha o grave incoveniente de não permitir a formação de um sistema de proposições modais, no sentido tradicional da palavra. Foi esta dificuldade, justamente, que Lukasiewicz superou na mencionada publicação, na qual construiu um completo e axiomatizado sistema de lógica de quatro valores, que constiuía a interpretação da lógica tradicional das proposições modais.

Acrescentemos ainda que Lukasiewicz proclamava incansàvelmente — em face dos céticos e indiferentes — a importância das novas lógicas, atribuindo-lhes não só o papel negativo de eliminar erros e falsidades, mas também um positivo. De fato, está comprovado hoje que as lógicas de mais de dois valores servem de instrumento na análise do determinismo e da teoria de probabilidades, na análise do chamado intuicionismo, nas investigações sôbre as bases da matemática e, ùltimamente, na teoria de comunicação. Há pouco foram feitas também tentativas para adaptar estas lógicas à teoria dos quanta.

Contudo, Lukasiewicz destinava à lógica em geral — para êle "uma arma muito nobre e muito poderosa" — um campo de atividade mais vasto ainda. "Tôda minha vida de atividade científica foi iluminada pela longínqua esperança de que, por meio da correção do pensamento lógico, cheguemos um dia a mais justas opiniões sôbre o mundo e a vida", escrevia em fins de 1955, ao receber, paradoxalmente, um prêmio conferido pela "Associação dos Antigos Combatentes Poloneses" da Inglaterra. E terminava: "Nunca fui soldado, mas,

no campo espiritual não deixo de travar uma luta obstinada contra o êrro e a falta de precisão, convencido que uma melhor lógica e uma melhor filosofia hão de nos conduzir para um melhor futuro".

Poucos meses depois morria no exílio, encerrando mais de 50 anos de trabalhos dedicados, conscientemente, à "pequena filosofia", condição e instrumento da futura "filosofia grande", seu objetivo supremo e inalcançável. "A síntese das pesquisas filosóficas é o sistema filosófico, a visão universal do mundo e da vida" — escreveu num manuscrito encontrado após a sua morte. "Não sou capaz de criar tal sistema, e não acredito que seja possível criar hoje qualquer sistema filosófico que possa satisfazer as exigências do método científico".

CONOCIMIENTO Y CULTURA

Dr. Octávio Nicolás Derisi

Rector de la Universidad Católica
Santa Maria de los Buenos Aires.

I

1. — En un trabajo anterior hemos tratado de establecer las relaciones entre el conocimiento científico y el conocimiento cultural, llegando a la conclusión de que el primero es parte del segundo y de que, por onde, entre ellos no cabe oposición alguna y de que los conflictos que a veces se plantean en ese terreno provienen de una deformación de los mismos, hecha por sus representantes, generalmente, por los hombres de ciencia, cuando carecen de cultura general.

Si nos hemos referido particularmente al conocimiento científico frente al cultural es porque allí se suele plantear la oposición, que hemos procurado dilucidar desde la esencia de ambos conocimientos.

Ahora deseamos establecer de un modo general y prescindiendo de todo conflicto, las relaciones entre *conocimiento* en general y *conocimiento* cultural: queremos determinar qué es lo que hace un conocimiento se convierta en *cultura* y cuándo y en qué condiciones un conocimiento hace al que lo posee un *hombre culto*.

Para dilucidar esta cuestión ningún método es más adecuado que el análisis y la confrontación: de conocimiento y de cultura.

2. — El conocimiento es la aprehensión inmaterial o consciente de la realidad distinta de la propia. A diferencia de la posesión *imaterial o subjetiva,* en que un objeto es recibido en

otro — como un papel o un color en la mesa o el alma en el cuerpo — formando un compuesto accidental o sustancial, según los casos, en el conocimiento un objeto es aprehendido como *objeto,* es decir, distinto del propio *sujeto,* o sea, de una manera opuesta a la material: de una manera *inmaterial* o *intencional.*

Los grados de *inmaterialidad* constituyen los grados de *objetividad* o *intencionalidad* congnoscitiva. De aquí que en los sentidos, en que la inmaterialidad no es total, tampoco la objetividad o el conocimiento es perfecto: se detiene en la aprehnsión de los objetos distintos del sujeto, pero no formalmente *como objetos* ni, consiguientemente, como *ser* o realidad distinta del sujeto. Los sentidos aprehenden de un modo concreto las cualidades fenoménicas bajo las cuales el *ser* es aprehendido sin ser develado o visto.

Recién con la inmaterialidad total, que es la *espiritualidad,* se logra la *objetividad perfecta,* la aprehensión consciente del objeto como objeto o, lo que es lo mismo, como *ser* transcendente y distinto del ser del *sujeto* (1).

Ambos conocimientos actúan en íntima dependencia: el sensitivo sirve al intelectivo, ya que éste no encuentra su propio objeto, el ser o esencia de las cosas, sino en el objeto o *datos* concretos de los sentidos.

En estes objetos del conocimiento sensible, mediante la abstracción de las notas materiales individuantes, la inteligencia de-vela el *ser* o esencia de las cosas materiales, como su primer y formal *objeto* con la ayuda permanente de los sentidos y reintegrando la *esencia* universal, en la *existencia* de la realidad concreta, de donde fué abstraída: en el *juicio* aprehende la *existencia* de las cosas del mundo circundante y del propio ser.

A partir de la existencia de esos seres el entendimiento lhega a conocer la existencia del Ser de Dios, cuya naturaleza así como del ser del alma llega a aprehender con conceptos *análogos,* elaborados a partir de los conceptos *propios,* conque directa e inmediatamente aprehende las cosas materiales.

Tal, en síntesis el proceso natural conque se desenvuelve el conocimento humano: aprehensión de las cualidades materiales, del coloir, extensión, etc. de una manera concreta, en los que, por eso mismo, se oculta el *ser,* por los sentidos; y de-velación de este *ser* o esencia de los objetos materiales y del propio ser del sujeto y captación de la existencia de los mis-

---

(1) Mis libros: *La Doctrina de la Inteligencia de Aristóteles a Sto. Tomás,* c. III, livros de cultura católica, Bs. Aires, 1945; *La Persona,* c. II, Universidad Nacional, La Plata, 1950.

mos, por medio de la inteligencia; y aprehensión del Ser infinito de Dios, como Primera del ser finito del mundo y del propio ser personal, por el raciocinio de la razón.

En esta de-velación o des-cubrimiento sucesivo en extensión y profundidad, del ser como es, los sentidos y el entendimiento proceden por una inclinación natural necesaria; que sólo la libertad puede interferir, hasta cierto grado al menos, apartando a la inteligencia de un objeto: el *ser* o *verdad* de las cosas.

3. — Esta de-velación progresiva del ser, sobretodo de sus zonas más alejadas del objeto inmediatamente dado a los ojos de la inteligencia — el ser o esencia de las cosas materiales — que es prcisamente el objeto espiritual, que más interesa al hombre y a su vida, se hace cada vez más penoso y difícil para la inteligencia, a la vez que se hace más fácil la caída en el error.

La constancia en la fidelidad a su objeto: el *ser* o la *verdad,* la penetración objetiva en los senos cada vez más oscuros y difíciles de de-velar del mismo, la progresiva extensión de éste mediante los pasos del raciocinio, tanto inductivo como deductivo, a partir del objeto inicial e inmediatamente aprehendído, las desviaciones por los fáciles caminos del error, exigem un *ejercicio* o *cultivo* de la inteligencia, un enriquecimiento de la misma con las cualidades *permanentes* o *hábitos,* que *faciliten* su difícil tarea de ver la verdad o el ser de las cosas como es, aun en tales objetos de la luz dela evidencia o manifestación inmediata de la propia verdad.

II

4. — La *cultura* es el desarrollo armónico de todas las actividades y zonas del ser del hombre — de los objetos del mundo que lo sirven — de un modo jerárquico, que culmina en la perfeccion o bien del propio espíritu o en la posesión de sus objetos: la *verdad* y el *bien* transcendentes, que, en última instancia, son la Verdad y el Bien infinitos.

Tal realización cultural en su origen es siempre y esencialmente obra del *espíritu:* de la *inteligencia,* que de-vela el *ser* o *vrdad* como *bien* o *valor* de las diferentes zonas de su propio *ser* y del *ser* de las cosas; y de su *voluntad,* que se lo propone o decide y que luego *realiza,* ya inmediatamente por sí misma en su propia actividad, ya en el cuerpo del propio hombre, ya en los objetos del mundo circundante mediante la actividad del cuerpo y de los instrumentos de que echa mano.

La cultura brota del espíritu en busca de los *bienes* e *valores* trascendentes, sólo *asibles* y *realizables* formalmente y como tales por el *espíritu;* y, por ende, no es sino el perfeccionamento o acrecentamiento ontológico de la *realidad natu-*

ral, del ser como es, material y espiritual — *mundo y hombre* — por el *espíritu,* para lograr alcanzar en él los *bienes* descubiertos y propuestos por el propio hombre. En tal sentido la realización de los bienes o valores del espíritu en la naturaleza *material* y *espiritual,* o sea, en el *ser y actividad* de la *materia* y del *espíritu,* tales cuales son realmente dados, para que alcancen la cima de la perfección, qu el spíritu s propone, en definitiva, para mejor alcanzar su propio bien o perfección del *propio espíritu* en las cosas y, si tenemos presente que el *hombre* es tal por su *vida espiritual,* es una *impregnación del hombre:* un *humanismo.* Por eso, esencialmente, *cultura* y *humanismo* son lo *mismo.*

5. — *Subjetivamente* la cultura o el humanismo tiene por *causa exclusiva originaria* al *espíritu* y es, por eso mismo, también fruto exclusivo de él. Los sentidos internos y externos, el cuerpo humano — las manos sobretodo — y los objetos exteriores de que el espíritu — inteligencia y voluntad — hecha mano para realizar sus bienes en los objetos exteriores, solo son instrumentos o causas enteramente sometidas y gobernadas por la acción del espíritu, fuente radical excluiva de la cultura o humanismo.

La cultura, pues, *subjetivamente* tiene sus raíces causales en la *inteligencia,* que de-vela o des-cubre el *ser* como tal, y el *bien* o *valor,* que no es sino el *ser* en cuanto *acto* o *perfección* que conviene a otro ser; y en la *voluntad libre,* que es la única capaz de decidirse a *elegirlo,* de proponérselo y luego *realizarlo,* ya por sí sola, ya por si y los instrumentos materiales sometidos a ella y de los que ha menester para su realización material.

Pero, *objetivamente* el campo de acción del espíritu en su obra de conquista espiritual o de los bienes del espíritu o, más brevemente, de su obra de *cultura* o *humanismo:* es el mundo *natural* del ser y actividad tanto *material* como *espiritual;* y comprende por eso, el perfeccionamiento: 1) en el *propio espíritu* a) de la *actividad intelectiva,* tanto *especulativa* — de contemplación o posesión de la verdad o del ser como es — como *prática* — de transformación del ser como debe ser, es decir, de las *normas directivas* de acción para el propio perfeccionamiento espiritual y de los objetos exteriores — y b) de la *actividad volitiva* o *estrictamente práctica,* que es el perfeccionamiento de la *libertad* u *obrar moral;* y 2) en los *objetos materiales,* para conseguir el bien de su *belleza* o *utilidad,* mediante el perfeccionamiento del *hacer artístico-técnico* que lo realiza.

La *cultura objetiva* abarca pues, la *naturaleza* finita, a saber la realidad espiritual y material finita, tal cual es dada por su creador, en todo su ámbito. La *finitud* del ser creado

es quien permite al espíritu su perfeccionamiento, su perfeccionamiento cultural cuando este espíritu es también finito, como en el caso del hombre.

6. — *La cultura de la inteligencia* es, pues, un sector de la *cultura objetiva,* el primer y fundamental sector del propio espíritu por perfeccionar.

La cultura de la inteligencia se logra, en primer lugar, mediante la repetición de los actos, que crean en los *hábitos* conque la facultad queda capacitada de un modo permanente a orientarse hacia la verdad, aún por los caminos más arduos para su descubrimiento, y a resguardo de extraviarse por los senderos del error. La facilidad natural de la inteligencia para descubrir el ser o verdad especulativa y prática es *robustecida* por estos hábitos y a la vez *extendida* hasta nuevos dominios, adonde con la sola facilidad natural difícilmente podría llegar, con la consiguiente capacidad habitual para evitar los errores, aún los más ocultos y difíciles de evitar.

Lo que va, por ejemplo, de una natural facilidad natural de *razonar* de la inteligencia a la seguridad y extensión progresiva de los raciocinios efectuados y controlados con las precisas leyes de la lógica y los métodos matemáticos de la logística bien asimilados, es un ejemplo de lo que va de un *conocimiento natural* a uno *cultural* de la razón.

Tal cultura de la actividad intelecutal no se refiere únicamente a los raciocinios, que ayudan a sacar las consecuencias contenidas en los principios — hábito de la *Ciencia* — o a alcanzar las primeras causas de las cosas — hábito de la *Sabiduría* o *Fliosofía,* especialmente de la *Metafísica,* que es su cima — sino también a la actividad de la *inteligencia práctica,* para des-cubrir en la luz del Bien i Fin último, las *normas* que ordenan la liberdad del hombre para su consecución — *Ciencia Moral* — y para ajustarla a las circunstancias concretas de cada situación real — *Prudencia* — así como a las reglas del entendimiento, que dirijen la actividad material del hacer *artístico* y *técnico* — *Ciencia Práctica* — y su aplicación a cada caso concreto — *Virtud del Arte* —.

Tal es la diferencia entre el conocimiento vulgar de la inteligencia del llamado sentido común, y el conocimiento *culto:* aquél procede por una inclinación natural, que capta fácilmente los objetos y principios inmediatamente dados, y con más dificultad los que de él se alejan, y está expuesto siempre a equivocarse, sobretodo cuando se trata de consecuencias muy alejadas relacionadas con la conducta humana, en que las pasiones fácilmente escurecen la visión de los mismos; mientras que ésta procede encauzada con los *hábitos,* que perfeccionan y capacitan la inteligencia para ver con más facilidad la verdad y ampliar en extensión y profundidad los domínios

de su objeto, con una gran seguridad de no desviarse de las exigencias de la verdad de los mismos.

La cultura de la inteligencia conduce naturalmente al enriquecimiento de la misma con la adquisición de nuevos conocimientos; pero *primordial* y *esencialmente* no consiste en ello, sino en la adquisición de los hábitos o *virtudes intelectuales* que acrecientan su fuerza aprehensiva natural y la capacitan así de un modo permanente para alcanzar la verdad en un ámbito cada vez más amplio y hondo, aún en las zonas más difíciles de des-cubrir y con seguridad, vale decir, de una manera en que la inteligencia controla reflexivamente sus propios pasos para alcanzar la verdad y lograr así la conciencia de la sguridad alcanzada en la verdad, es decir, de la *certeza.*

III

7. — Tal el sentido de la auténtica cultura del conocimiento de la inteligencia.

Sin embargo hay otra acepción de la *cultura intelectual,* ampliamente difundida y aceptada y que está en íntima dependencia con la anterior. Se trata de un cultivo que confiere a la inteligencia lo que se ha dado en llamar *"conocimientos generales".*

Frente a un cultivo de un sector limitado de la inteligencia, verbigracia de una ciencia especializada se coloca un cultivo de la inteligencia en todo el ámbito de su objeto y en los principios supremos que la gobiernan. Tal perfeccionamiento de la inteligencia en todo el ámbito de la verdad, sin la restricción de especialización, es lo que constituye la *cultura,* en este segundo sentido.

El *hombre culto* en oposición al *especialista puro,* posee de un modo habitual los conocimientos más universales o generales acerca del mundo y del hombre y sabe ubicar con justeza los hechos naturales dentro de la unidad superior que los comprende y juzgar con acierto sobre los acontecimientos humanos en la luz de esos principios y normas supremas. En una palabra, *culto,* en tal sentido, es el que posee los principios universales y la prudencia para aplicarlos a la realidad concreta. En el fondo, se trata de un cultivo o cultura filosófica — y teológica en la economía cristiana que vivimos —, la cual, sin llegar siempre a ser reflexiva y especializada de la misma, confiere una visión cabal del mundo y de la vida y da a los hechos naturales y humanos una apreciación ajustada a la verdad, sin penetrar en conocimientos muy hondos y preciosos, propios de la especialización y sin poder, generalmente, dar una fundamentación rigurosamente filosófica de sus juicios.

Se trata de un enriquecimiento habitual de la inteligencia, lograda con su cultivo permanente y ordenado mediante su buen uso y el estudio, siquiera somero y general de la filosofía, de los principios y conclusiones fundamentales de las diversas ciencias y de la observación y apreciacón de los hechos naturales y humanos. Sin llegar a crear los hábitos o virtudes intelectuales estrictamente tales, mencionados en el párrafo anterior, tales hábitos han sido logrados, hasta cierto grado al menos, favorecidos generalmente por una riqueza o facilidad natural, no común, del entendimiento, para descubrir los principios y para esclarecer en su luz las verdades particulares teóricas y prácticas.

8. — A una adquisición más firme de esta cultura, cimentada fundamentalmente en los princípios de la *Filosofía,* de la *Teología* y de la *Prudencia* ayuda eficazmente un conocimiento bien asimilado de la *Historia,* de sus hechos y direcciones fundamentales, de las *Humanidades Clásicas* greco-latinas y de la *literatura e idioma propios.*

En efecto, el conocimiento de la Historia ayuda a ubicar y apreciar justamente los hechos humanos. Con todo el ámbito dejado a la iniciativa de la libertad en cada caso similar de la historia, la verdad es que los hombres, considerados en conjunto, frente a situaciones semejantes y a análogos motivos, suelen obrar de un modo análogo, si prescinde de las diferencias individuales conque la libertad modifica este mismo modo general de obrar. Tal conocimiento, por eso, es sumamente importante para enfrentar la vida, sobre todo para el que, en un grado mayor o menor cumple una misión de gobierno. En tal sentido la historia y su conocimiento sigue siendo desde Cicerón, la aleccionadora de los hombres — especialmente de los gobernantes y de los pueblos: la *magistra vitae.* Por su parte, Santo Tomás, incluye el conocimiento de la historia entre las virtudes integrantes de la virtud de la prudencia, de un modo especial de la *prudencia política.*

La madurez del pensamiento y, en general, de la cultura occidental cristiana cuajó en las *formas clásicas,* especialmente en sus instituciones, literatura y artes en general y en su idioma, como encarnación de su estirpe. El estudio del griego y del latín clásico y cristiano es, por eso, educador por sí mismo, transmisor de los modos de pensar, querer y sentir, que expresan el desarrollo o *cultura* normal del hombre. Cada época tendrá derecho a crear sus propias formas de expresión idiomática, artísticas y técnicas, y hasta su estilo propio de vida de acuerdo a sus medios, situaciones concretas, como encarnación histórica de los principios inmutables como la naturaleza humana a que se ajusta la cultura específica del hombre, pero precisamente para iniciarse en esta cultura

humana y permanente como el hombre a través de todas sus vicisitudes históricas, nada ayuda tanto como el cultivo de los modalidades de la literatura del idioma, y formas clásicas greco-latino-cristianas, como encarnación precisamente de esa cultura específica y permenente del hombre.

También coadyuva a la adquisición de esta cultura el conocimento de la literatura y del idioma vernáculos: encarnan ellos las tradiciones y expresan el espíritu de un pueblo, su psicología y manera de ser, fuera de que su dominio es indispensable para la expresión adecuada de la cultura y para una comunicación espiritual, indispensable para el acrecentamiento del acervo cultural individual y social.

De aquí que el nivel cultural de un pueblo, en el plano de la inteligencia — del que aquí solamente tratamos — se logre con el cultivo de estas materias básicas: de la *Filosofía* y de la *Teología,* de la *Historia,* de las *Humanidades Clásicas* en toda su amplitud: de artes, instituciones y lenguas greco-latinas y de la *Literatura* y conocimiento teórico y práctico del propio *Idioma.* Materias éstas que han de ser fundamentales en el ciclo secundario — ciclo de formación eminentemente humana y cristiana — y que se han de continuar, más hondamente en el ciclo superior, en que el cultivo de las ciencias, las artes y las técnicas, para no deformarse y alcanzar un auténtico sentido humano-cristiano, han de cimentarse en este desarrollo cultural específico humano-cristiano, el cual constituye la esencia misma de la *formacion universitaria,* como base común a todas las Escuelas o Facultades de estudios especializados.

9. — Este cultivo de la inteligencia con las disciplinas de formación general, eminentemente humano-cristianas, engendra al hombre de *cultura o de cultura general,* como se le suelellamar, que, sin llegar a ser un especialista y hasta en oposición a esto, cuando se trata de un científico especializado puro, tiene la ventaja sobre él de poseer los grandes principios teóricos de la verdad y práctico-normativos del bien y de saber ubicar en su preciso lugar, dentro de la verdad total, las verdades de las ciencias particulares y apreciar en su justo alcance las acciones y acontecimientos humanos; que aquél, con sus conocimientos especializados, no siempre logra alcanzar.

Tal ventaja se funda en que el hombre de *cultura general* — nos referimos simpre a la *intelectiva* — se ha desarrollado como *hombre,* es decir, en todas sus *dimnsiones humanas — y cristianas,* en el plano sobrenatural en que de hecho vive actualmente — mientras que el hombre de ciencia o el artista, desprovisto de tales conocimientos generales, se han cultivado como *científico* o *artistas* y no como *hombres.*

Tal cultura general de la inteligente es la base para la ulterior cultura o creación de los hábitos o *virtudes morales* y *técnico-artísticas* de la *voluntad* — de las que aquí no tratamos — con las cuales se constituye el hombre *totalmente culto*.

De ahí tal *cultura humana general* de la inteligencia sea indispensable, en cierta medida al menos, en todo el hombre y cristiano, como base de toda *ulterior cultura especializada*, científica, artística y técnica, porque sin ella se carece de la cultura que el *hombre como hombre* y *cristiano* necesita para poseer la ajustada visión del mundo y de su vida y de las normas de su conducta, que ningún conocimiento especializado puede suplir, porque no es cultura o perfeccionamiento del hombre como tal; y que incluso sin tal *cultura humana o humanismo* puede conducir, como de hecho conduce frecuentemente, a un desconocimiento y a un desprecio de las grandes verdades fundamentales — teóricas y prácticas — para la vida humana y cristiana y, consiguientemente, a una deformación del objeto de la propia ciencia, según hemos señalado en el trabajo anterior.

A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO EM FACE DAS EXIGÊNCIAS DO HUMANISMO CRISTÃO (*)

(RESUMO)

Frei Benevenuto de Santa Cruz, O.P.
Diretor Técnico da S.A.G.M.A.C.S.
(Movimento de Economia Humana)

I — Conceito de desenvolvimento

A preocupação com o desenvolvimento econômico começou a surgir depois da Grande Guerra, oriunda talvez da observação dos desequilíbrios ou desníveis entre as várias regiões. A princípio, nos meios universitários; depois, em vários países subdesenvolvidos, inclusive certas regiões da Itália, França e Alemanha.

Êsses desníveis criaram muitos problemas econômicos, como também conflitos psicológicos (tensões), problemas demográficos e de mão de obra, de urbanismo; de custo das cidades, dada a industrialização; tensão agricultura-indústria, criando uma distorção técnica e outra distorção social; e tensões políticas. O crescimento excessivo das cidades está muito ligado à centralização das indústrias.

A idéia do custo das cidades grandes: — o custo das cidades está em proporção inversa com as facilidades para seus habitantes.

Problema do desequilíbrio entre a agricultura e a indús-

(*) Trabalho apresentado na reunião da U.C.I.S.S. — 12 a 14 de maio de 1961.

tria: a indústria passou a beneficiar-se muito mais efetivamente do instrumental fornecido pela técnica. Depois da última Guerra tomou-se mais consciência daquilo a que chamamos necessidades e níveis de vida. Desde os dirigentes até as massas. É um problema típico da consciência moderna. Daí surgiram as idéias de planejamento regional (geonomia ou planificação do espaço) e "amenagement" do território. Aí é subjacente a idéia de desenvolvimento.

Daí começou-se a tomar consciência do problema em escala muito mais ampla. Por exemplo — o problema da fome: 2/3 da humanidade vivem em regime deficitário. Surgiu a princípio com as doenças das massas, os flagelos ("mass diseases").

Vem a preocupação com o melhor aproveitamento das áreas não desenvolvidas, os chamados espaços perdidos. Numa escala mais avançada e com repercussões políticas, surgiu o problema do colonialismo.

A idéia do desenvolvimento nasceu do momento em que o homem passou a ter consciência de que possui meios capazes de dominar a natureza. O domínio do homem sôbre a natureza é uma das idéias fundamentais do humanismo cristão. Situar-se em Deus sem abstrair-se do Universo, em relação com o outro homem. O problema do desenvolvimento, sob o ponto de vista prático é fundamental para o humanismo cristão.

Há uma confusão muito grande em relação ao desenvolvimento, não apenas no Brasil, mas em tôda parte. É preciso distinguir desenvolvimento de crescimento (crescimento de ordem puramente quantitativa), de valorização econômica, de progresso econômico. Desenvolvimento implica fundamentalmente na idéia do Homem como centro, como finalidade. Atualização de recursos potenciais a serviço do homem. Não é antes de tudo quantitativo; não é fazer com que as pessoas *venham a dispor de mais,* comprar mais, procurar fazer com que o homem *seja mais.*

A teoria do desenvolvimento nos leva, pois, necessàriamente, à idéia de valores. Tôdas as concepções materialistas (embora não de intenção), na prática se afastam da concepção de Desenvolvimento. Para o humanismo cristão a idéia de desenvolvimento supõe um conceito integral: a utilização de todos os recursos segundo os planos do homem. É uma concepção que postula a utilização não para um pequeno grupo ou uma camada, não a utilização dos recursos para o desenvolvimento de algumas aptidões, mas para tôdas as exigências do Homem. E que leva à utilização dos recursos para o desenvolvimento simultâneo de tudo o que é possibilidade para o homem.

Desenvolvimento não é a soma de progressos técnicos e materiais: é tudo isso, mas dentro de uma perspectiva. O desenvolvimento não é o desenvolvimento econômico: é o desen-

volvimento do homem, pois grande parte dos planos do homem não são afetados pelo desenvolvimento econômico.

Desenvolvimento pràticamente se confunde com a noção do Bem Comum. Aqui está o fundamento primeiro das considerações presentes: é que para nós cada ser humano tem uma vocação, uma exigência a ser tudo aquilo que pode ser. Vocação se liga a plenitude. A idéia de plenitude é o fato de a criatura humana ser a imagem de Deus, e não simples vestígio. A vocação nos leva a pensar no plano de Deus — o mundo criado não é ocasional, mas está dentro de uma engrenagem, de um plano e dentro dêsse plano, cada homem deve poder desenvolver-se segundo todo o humano.

Examinemos a situação do homem na criação, na obra de Deus, na medida em que ela é a tomada de consciência: — numa perspectiva de humanismo, a criação só tem sentido quando leva o homem a ter consciência disso e da utilização da natureza para o bem do homem.

Nós nos realizamos sòmente quando utilizamos o que nos foi dado, como espíritos. Isto é muito importante. Nessa perspectiva não é possível aceitar nenhuma limitação do humano no homem, isto é, nenhuma mutilação do humano, pois que no mundo de hoje já temos o instrumental técnico que nos permite assegurar a viabilidade dessa exigência.

A noção do humano no homem interessa fundamentalmente a cada um enquanto pessoa. No homem o humano não é de ordem individual, mas é necessàriamente social. Essa vocação do homem para a plenitude não se determina em função exclusivamente do bem individual, mas do Bem Comum. O bem pessoa tem que se relacionar com o bem comum.

A noção do bem comum é a nota mais forte e mais exigente da noção de Desenvolvimento.

O bem humano não é o bem individual, mas o bem de todos.

Daí podemos compreender como tôda mutilação do humano, na medida em que é um atentado ao Bem Comum, é uma exigência do desenvolvimento. Portanto, em virtude de justiça, somos obrigados a fazer passar da possibilidade à disposição de todos.

Esta posição nos leva a afirmar que o homem enquanto grupo tem direito a êsse desenvolvimento (grupo família, grupo regional, nacional, em qualquer dimensão).

Isto nos conduz ao plano internacional, pois os povos, assim como os grupos mais restritos, também têm direito. Enquanto a humanidade não tinha recursos técnicos, não podia ser acusada de violar êsse direito. Mas hoje, que os homens têm êsses recursos técnicos, essa exigência é fundamental.

A sociedade deve estar organizada de tal forma que possibilite ao maior número de pessoas utilizar o mais possível

os recursos para o desenvolvimento do maior número de suas possibilidades, de suas exigências. O grande problema atual é a falta de atenção ao homem. É um problema da pessoa, e, nesta medida, de ordem coletiva; e, nesta medida, do plano de Deus.

O mundo será anti-humano enquanto não atender a vocação humana do homem. Fora disso, é entrave à obra de Deus, àquilo que Deus inscreveu na natureza do homem. Daí o desenvolvimento não ser um fenômeno puramente econômico, ser um fenômeno integral.

É o homem que é a meta e *objeto da ação*, o agente.

II — Ética do Desenvolvimento

Por que existe tanta confusão e tanta distorção da noção de Desenvolvimento? Porque até agora não se pensou bem no problema da ética do desenvolvimento.

Os homens que têm o comando do Mundo deixam os homens de laboratório fazerem suas pesquisas, mas não consentem que êles apliquem os seus resultados.

O problma fundamental é a passagem da perspectiva da moral individual para a moral coletiva, moral da repercussão do que se faz e do que não se faz. Moral que está integrada no plano de Deus.

Uma das exigências fundamentais não é a do pecado individual. Na noção de condição humana somos dependentes e necessários uns aos outros. Podemos ser absolutos na bem-aventurança, mas nas condições atuais somos dependentes.

Uma das exigências fundamentais da moral coletiva é a da participação na elaboração de uma visão do que deve ser a participação do homem nos problemas do desenvolvimento. Daí a ligação dessa moral com o Bem Comum. Não é um apêndice, mas uma exigência da justiça.

Tôda ação pessoal que colabora numa estrutura que prejudique o desenvolvimento integral do homem é um pecado coletivo.

Em geral se espera que o desenvolvimento seja missão do Govêrno, dos técnicos e de alguns voluntários. Em nome da Justiça, o Desenvolvimento exige a participação de todos para que passemos de fases menos humanas para fases mais humanas.

Nenhum privilégio é para o indivíduo: é para o maior número de homens, seja de fortuna, seja de capacidade. Êsse privilégio deve ser comunicado.

Nessa perspectiva é que encontramos a necessidade de postular não apenas uma ética de desenvolvimento, mas que não seja apenas a elaboração de princípios vagos, mas uma elaborção da ética coletiva, e mais uma política do desenvolvimento.

Aqui entram os problemas, os entraves do desenvolvimento, de tôda ordem: psicológicos, políticos, etc.

No plano da realização concreta há uma coincidência entre Desenvolvimento e Economia Humana.

Economia humana é "a disciplina — disciplina do saber e disciplina da ação da passagem, para uma determinada população, de uma fase menos humana a uma fase mais humana, a um ritmo o mais rápido possível, mediante um custo financeiro e humano o menos elevado possível, levando em conta solidariedade entre tôdas as populações" (L.J. LEBRET).

O Desenvolvimento só será desenvolvimento se fôr humano e para todos os homens.

III — Conclusões

1. Verificamos ausência completa de elaboração de um pensamento sôbre o Desenvolvimento integral. Decorre daí uma responsabilidade objetiva em elaborar (não é facultativo amar o homem). Se há uma tarefa e há os meios técnicos, essa tarefa tem que ser coletiva à base de uma justiça comunitária. Premissa-real necessidade de os homens acederem aos recursos que lhes permitam viver como homens.

2. As oposições ao desenvolvimento integral são uma infidelidade coletiva, o que exige uma conversão de visão e de métodos de ação. Ainda acreditamos (dentro de uma mentalidade liberal) que as cousas se desenvolvam espontâneamente. Essa espontaneidade tem provado mal: o que se vê é que ela trabalha contra o interêsse humano.

3. O privilégio não orientado para efetivar a ascensão dos subdesenvolvidos é imerecido e não se justifica. A substituição do predomínio do *haver*, do *ter*, da *posse*, pelo *valor*, pelo *ser* (se tiver os meios) postula a problemática de uma nova civilização. A civilização do quantitativo, da renda, do per capita, embora riquíssima, não permite o desenvolvimento. A generosidade é a *anti-posse* e a posse é a *anti-comunicação*, o *ser* é a comunicação. Devemos evitar que o crescimento do mundo seja materialista. E o materialismo é a tentação do homem técnico. O novo tipo de civilização é que vai impedir o materialismo.

4. A não inserção dos homens cristãos na luta concreta pelo Desenvolvimento é uma mentira em relação aos princípios que proclamamos. A consciência dos problemas atuais não nos deixa passar indiferentes ao cargo dêsses problemas. O humanismo cristão poderá ser acusado de um novo ópio se não dermos forma concreta a êsse humanismo, utilizando-nos dos meios técnicos. As massas urbanas e rurais hão-de pedir-nos contas das esperanças que nós despertamos nelas.

Chegamos a uma civilização do humano e dos valores.

O FORTALECIMENTO E A PROSPERIDADE DA FAMÍLIA E O PROGRESSO NACIONAL (*)

EUNICE VIEIRA VILELA professôra de Serviço Social de Casos e Supervisora da Escola de Serviço Social de Minas Gerais, da Universidade Católica. Ex-chefe do Serviço Social do Juizado de Menores de Belo Horizonte. Chefe da Seção Social do Departamento Social do Menor da Secretaria do Interior de Minas Gerais.

I

Parece desnecessário insistir na importância e oportunidade do assunto que nos foi confiado. O simples enunciado do tema está a sugerir uma crise, ou pelo menos graves problemas ligados à instituição familiar. E a preocupação com a questão não é apenas nossa, mas de todo o mundo, eis que se multiplicam organizações e movimentos, com o objetivo de fortalecer e defender a família. Já Pio XII afirmava: "Neste mundo doente do após guerra, a Família é a maior doente" (1).

À família tradicional, auto-suficiente e organizada, sucedeu a família do século XVIII, fruto do individualismo, transformando o casamento em um contrato como outro qualquer e sobrepondo o prazer individual às finalidades superiores da instituição. Persiste ainda a interminável série de problemas que esta filosofia acarretou para a família: divórcio, amor

---

(*) Trabalho apresentado na reunião da U.C.I.S.S. — 12 a 14 de maio de 1961.

(1) — Pio XII — Semanas Sociais de Pisa.

livre, baixa a natalidade, crise de autoridade, falsa igualdade dos sexos, etc.

A partir do século XIX, acentuam-se aquêles desvios, com a limitação calculada e voluntária da natalidade, que se deve também à influência do capitalismo e ao desejo imoderado de riquezas que pouco a pouco se estende às classes operárias. A revolução industrial vem acrescentar, aos problemas de ordem moral surgidos no século anterior, os de ordem econômica, agravando a crise familiar que entre nós atinge tôdas as classes. Se em algumas camadas da sociedade não se observa o problema econômico, apresenta-se o moral, freqüentemente em côres bem carregadas. A excessiva preocupação com os bens materiais, com o luxo e o prazer; o desejo de sucesso a qualquer preço; a crise de autoridade, o relaxamento de costumes, a sensualidade, a fuga à maternidade, tudo isto desvitaliza a família, afastando-a de seus objetivos e impedindo a contribuição efetiva que ela pode e deve oferecer ao bem comum da socidade.

Por outro lado, certos aspectos do problema econômico que atinge em cheio as classes proletária e subproletária, também afetam uma grande parte da classe média, como, por exemplo, o problema da habitação que em certos meios chega a ser angustiante.

Pretendemos comentar sob alguns ângulos o problema da família, sobretudo tal como se apresentam no nosso meio, especialmente na cidade de Belo Horizonte, pois que a exigüidade do tempo de que dispusemos para preparar êste trabalho não nos permitiu uma pesquisa mais ampla.

PROBLEMAS MATERIAIS: Normalmente o homem faz face às necessidades materiais através de seu salário e êste se torna cada vez mais insuficiente, donde a impossibilidade, para o operário, de atender às exigências de alimentação, vestuário, saúde, habitação e transporte. Eis porque a mulher deixa o lar, num esfôrço para aumentar a receita da família e criando com isto outros problemas, como o abandono dos filhos, o que, por sua vez, acarreta situações mais graves: a vadiagem, o absenteísmo escolar, a delinqüência, etc. O lar, privado da presença da mãe, torna-se apenas uma casa, onde se dorme e onde nem sempre se come. A dificuldade econômica em que vive a grande maioria das famílias brasileiras está a exigir uma séria revisão de nossa política familiar e a responsabilidade dos assistentes sociais nesse assunto parece-nos muito grande.

No que se refere à *Alimentação,* sabemos que o salário do operário não lhe permite proporcionar à família um mínimo adequado. As estatísticas de nossos serviços de j
lam o número de crianças subnutridas e estudos mais acurados do assunto mostrariam certamente a necessidade de medidas

que viessem a assegurar os meios de preservação da saúde. Em um dos nossos ambulatórios de Pediatria, em 100 menores internados em hospitais, no ano de 1960, houve 74 casos de distrofia. Dêsses internamentos, os financiados pela verba do serviço social importaram em Cr$ 480.140,30, sem falar dos que foram financiados por empregadores.

Êstes dados são mais significativos porque se referem à situação de fome em que vivem operários de indústria em Belo Horizonte. O que dizer daqueles marginais, sem profissão e sem trabalho, que constituem grande parcela da população?

No setor *Saúde,* o quadro não é menos desolador. Os Institutos de Previdência não se encontram completamente aparelhados para prestar assistência médica ao segurado e sua família e, além disso, há uma parte imensa da população do país não atingida pelo Seguro Social. De outro lado, como vimos pelos dados anteriormente apresentados, torna-se improfícua a simples assistência médica, sem os recursos de base, especialmente econômicos e educativos, que permitem a prevenção da doença e a preservação da saúde. Tais recursos escapam quase sempre à responsabilidade das obras, constituindo tarefa de Ação Social, necessária e urgente. O anuário estatístico de 1958 revela que a taxa de mortalidade infantil no Brasil foi de 171 por 1.000, enquanto em 1950 o coeficiente nos Estados Unidos era de 29 por 1.000. A vida média da população brasileira era de 43,7 em 1958, enquanto atinge, nos países civilizados, em tôrno de 60. Isto quer dizer que nossa população morre num período da vida em que poderia estar em franca produtividade.

Outro capítulo doloroso é o da *Habitação.* Quando vemos uma publicação da Liga das Famílias Numerosas da Bélgica (2) clamar por medidas que ofereçam garantias às famílias no terreno da locação de casas e reclamar porque são tidas como habitações para famílias numerosas as de 3 dormitórios, mais nos parece melancólica nossa realidade.

Numa pesquisa de 100 casos, feita por assistente social em um dos Postos de Puericultura de Belo Horizonte (3), verificou-se que 40% das famílias moravam em barracões de 1 e 2 cômodos; 9% dessas habitações têm água encanada; 97% não dispõem de instalações para banho; 52% de construções de adobe, sendo que 42% das famílias tinham 1 a 2 filhos e

---

(2) — Les Responsabilités Familiaires — Ligue des Familles Nombreuses de Belgique — A.S.L.B. — Exposé du thème du Congrès Général des 12-13 — fevrier 1955.

(3) — Ana Adelina Lins — A família proletária vista através de um Pôsto de Puericultura — T.C.C. apresentado à Escola de S.S. de Minas Gerais — 1957.

26%, de 5 a 6 filhos. Interessante observar que os chefes das famílias (95 tinham o chefe vivo), com exceção de 2, incapazes, trabalhavam e 42 dêles filiavam-se a Institutos de Previdência.

Outra pesquisa feita em favela de nossa Capital, por organismo especializado no setor de habitação (4), mostra que entre 120 famílias, 22,5% moravam em barracões de 1 cômodo e 34,16%, em barracões de 2 cômodos; 60% das famílias dispunham de 1 quarto e 18,33% de 2 quartos de dormir. Ainda aqui, 55% dos chefes de família eram empregados e 52% filiavam-se a Institutos de Previdência.

Não é preciso insistir na importância da habitação, condição indispensável ao exercício das funções familiares, e nas conseqüências de ordem moral e material que as precárias condições de habitação acarretam para a família.

Não menos graves se nos apresentam os problemas morais que afetam as famílias.

PROBLEMAS MORAIS: A mentalidade individualista que dominou o mundo a partir do século XVIII e os problemas econômicos oriundos da revolução industrial e do regime capitalista solaparam a família que passou a fugir ao dever da fecundidade. Ter filhos, especialmente ter uma família numerosa, é em nossos dias quase um heroísmo. O egoísmo dos pais mais afortunados descobre as desculpas mais sutis, enquanto para as classes pobres — justamente onde se encontram as famílias mais numerosas — a questão, como vimos anteriormente, é quase sempre de sobrevivência, uma vez que a sociedade não oferece recursos para a vida em níveis mais compatíveis com a condição humana.

A falta de preparo para o casamento gera as uniões apressadas e irrefletidas, seguidas de separação ou do desquite que provocam, de seu lado, quase sempre, uma união ilícita. Nossas obras sociais registram um sem número dêsses casos e tal situação está a clamar por um trabalho mais sistemático de preparação para o casamento e de educação dos cônjuges, tendo em vista a estabilidade e a unidade da família

Pesquisa recente, feita em prontuários de 235 menores do Juízado de Belo Horizonte (5) revela que 47,2% dêles são filhos ilegítimos, quase todos filhos de mães solteiras. A estatística dêsse mesmo serviço, em 1960, mostra que entre os 279 menores atendidos pelo Juizado, 42% foram abandonados por irregularidades na constituição da vida familiar. Em ou-

---

(4) — Maria Ofélia Costa Araujo — Serviço Social e Habitação — Trabalho de C.C. apresentado à Escola de Serviço Social de Minas Gerais — 1959.

(5) — Zulma A. Neves — T.C.C. apresentado à Escola de S. S. de Minais Gerais, 1960

tra obra que atende a solicitação de internamentos, entre os pedidos de 1960, 46,4% referem-se a filhos de mães solteiras e 17,3% de abandonadas pelo marido.

Neste particular, observa-se um fato curioso: os jovens são preparados para as carreiras profissionais que escolhem, mas não recebem qualquer formação para a vida conjugal, ou para sua tarefa como pais (6).

A pedagogia familiar não vem acompanhando os progressos da pedagogia escolar. De modo geral, as famílias não têm preparo para cumprir sua função educadora e a sociedade, de seu lado, também não ajuda nesse mister. O recurso encontrado pelos pais é bem conhecido de todos os assistentes sociais que trabalham em obras de assistência a menores: vendo falhar sua autoridade, e não dando resultado seus métodos corretivos, recorrem à internação em estabelecimentos do Estado, medida que não difere muito da adotada por muitos pais abastados, com a diferença que êstes pagam — e bem caro — a internação em colégios particulares. No fundo, o que há é uma incapacidade dos pais para educar os filhos, fruto do baixo nível educativo, aliado, freqüentemente, às condições de habitação e ao afastamento constante do lar pelo pai e às vêzes pela mãe, para assegurar a manutenção e o orçamento da família.

Em resumo: na maioria dos casos, os pais não têm tempo, nem meios para se dedicarem à tarefa da educação dos filhos. Isto, especialmente nas classes mais desfavorecidas, porque entre as mais afortunadas, freqüentemente, ao lado da falta de preparo para a tarefa de educar — esta generalizada — o que ocorre é o egoísmo, o amor ao confôrto, aos prazeres e ao luxo que afasta os pais do lar, provoca a desunião da família e a crise de autoridade, uma das características de nossa época.

Cresce, nos dias atuais, a importância do assunto, depois que estudos e experiências recentes provaram o papel insubstituível do meio familiar, especialmente nos primeiros anos de vida, na formação da personalidade (7). As conseqüências desastrosas da falta do lar nesse período fazem-se sentir, no plano físico e psicológico, pela vida inteira.

O ser humano, entretanto, não vive apenas na família. Sofre influência de ambientes diversos e outros problemas se

---

(6) — Pio XI — Divini Illius Magistri.

(7) — Burlingham, D. e A. Freud — La Guerra y los niños.
— Bowlby, J. — Soins Maternels et Santé Mentale.
— Zélia Rodrigues Pereira — Tratamento Social do Menor Abandonado Internado através do Juizado de Menores de Belo Horizonte.

criam, ligados à vida em sociedade e à necessidade de se recorrer a outros quadros sociais.

PROBLEMAS LIGADOS À VIDA SOCIAL: O primeiro dêsses é a *Escola,* colobaradora indispensável da família na tarefa educadora. Nem sempre, contudo, existem escolas em número suficiente e muitas famílias, mesmo em nossas capitais, não encontram possibilidades de matricular os filhos. Em 235 menores internados pelo Juizado de Belo Horizonte, 48% dos que estavam em idade escolar eram analfabetos (8). Em 279 menores atendidos pelo Serviço Social do Juizado em 1960, 41% eram analfabetos ou apresentavam acentuado atraso escolar.

Outras vêzes, os pais, não possuindo qualquer instrução, não consideram devidamente a necessidade de proporcioná-la aos filhos. Pesquisa feita em 602 casos de doentes matriculados em Clínica de Doenças Pulmonares de obra que atende a operários de indústria em nosso meio mostra que 50,6% eram analfabetos (9).

Há ainda outras questões que se colocam nesse aspecto educativo: as relações entre a Família e a Escola, nem sempre encarada apropriadamente; a necessidade de se dar maior atenção ao ensino profissional, tendo em vista a preparação daqueles que serão no futuro os chefes de família, de modo a que, pelo menos no setor profissional recebam a educação adequada. Um estudo feito na Seção do Trabalho do Menor do Juizado de Belo Horizonte revela que entre 125 menores de 12 a 14 anos que solicitaram licença para trabalhar, 57% tem o curso primário completo, havendo alguns freqüentando cursos secundários. Êstes menores, pertencentes a famílias de nível econômico e educacional um pouco mais elevado, certamente cursariam escolas profissionais, se as tivéssemos em número suficente. Não as encontrando, começam a trabalhar desde cedo, privando-se de um preparo que os habilitaria para a vida futura (10).

Além da Escola, há o *Quadro Profissional.* Os horários de serviço, as distâncias entre a casa e o local de trabalho, dificultam a vida da família, afastam os pais, sobretudo o pai, do lar. As condições de trabalho, por sua vez, freqüentemente inadequadas, não favorecem o desenvolvimento da personalidade e não oferecem ao trabalhador a oportunidade de realização

---

(8) — Zulma Neves — ob. citada.

(9) — Judith Guimarães — Uma Pesquisa Médico-Social num Dispensário Anti-Tuberculoso — Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de S. S. de Minas Gerais, 1955.

(10) — Rosa Gaetani — T.C.C. em elaboração: Escola de S. S. de Minas Gerais.

pessoal. Generaliza-se, entre nós, o desinterêsse pelas organizações profissionais que, desviadas de sua finalidade precípua, não criam para o trabalhador facilidades de desenvolvimento e progresso e muito menos cogitam de proporcionar possibilidades às famílias.

Com tudo isto, poucas são as horas de lazer do trabalhador, ocupadas quase sempre de maneira inadequada, quando não inconveniente. Há ainda a considerar a *Recreação* de crianças e jovens, cujos programas devem ser intensificados. Entre nós, em Belo Horizonte, o SESI e o SESC vêm desenvolvendo um esfôrço nesse sentido, mas representa ainda pouco, diante das necessidades enormes da comunidade. Inúmeros casos de vadiagem de menores e de irresponsabilidade paterna poderiam se evitar através de centros sociais ou obras congêneres, visando o aproveitamento do tempo livre de maneira útil, agradável e proveitosa.

PROBLEMA RELIGIOSO — Passando para o plano religioso, nota-se que, apesar de católica, nossa gente mal se dá conta das riquezas de graça do sacramento do Matrimônio. Não se considera o casamento, como uma "comunidade de amor e de vida" (11), e não se vive o matrimônio como sacramento nem conhecem os cônjugues as graças que os ajudariam certamente na sua missão de esposos e de pais. Aqui, caberia ainda uma reflexão sôbre a paróquia e a vida paroquial, sua influência na vida das famílias, e o intercâmbio necessário entre uma e outras.

O laicismo penetrou em nossas famílias e o casamento religioso para alguns não passa de mera cerimônia, deixando-se de lado todo aquêle conteúdo do sacramento, pelo qual os cônjuges se dão um ao outro e são instrumentos de santificação mútua. Felizmente, hoje já existe um grande número de casais filiados a Movimentos e Equipes Familiares, preocupados com os diversos aspectos da vida familiar. Aproveitando tudo o que existia de vitalidade na família tradicional e os recursos da técnica atual, aceitando a inegável dispersão a que a vida moderna obriga, êsses casais dedicam-se sincera e sèriamente a situar a família cristã do século XX. Procuram reestudar o matrimônio como Sacramento e como Instituição, o papel de cada cônjuge, a verdadeira posição da mulher na família e na sociedade, a educação dos filhos, a missão do cristão casado na época atual, a necessidade do apostolado familiar e sobretudo procuram compreender e viver a espiritualidade conjugal.

---

(11) — Pio XII — Casti connubi.

II

Acreditamos na possibilidade de fortalecer a família, apesar das côres aparentemente pessimistas com que apresentamos a situação.

Não haverá, aliás, outro caminho se se quiser o fortalecimento e o progresso da sociedade.

A família é a célula da sociedade e isto, ensina Lacroix (12), não apenas num sentido sociológico, mas num sentido ontológico, desde que ela é a origem última do ser social, a fonte de tôda existência física, moral e social, ali nascendo a própria capacidade de o homem viver em sociedade.

Pio XII, em 1951, dizia: "Tantas e tantas vêzes, a propósito de questões as mais diversas, temos insistido sôbre a santidade da família, seus direitos, seu papel como célula fundamental da sociedade humana. Por êste último título, sua vida, sua saúde, seu vigor, sua atividade são as que, em sua ordem, asseguram a vida, a saúde, o vigor, a atividade da sociedade inteira" (13).

Se a família tem tantos deveres e obrigações, tem, por outro lado, o direito de receber a proteção da sociedade e do Estado, tal como preceitua a Declaração Universal dos Direitos Humanos (14).

Mas se acreditamos na possibilidade e na necessidade de fortalecer a família, trata-se, então, de se saber: Como obter isto? Que programas, que política desenvolver? Que sentido dar à atuação do serviço social, aos programas de ação social?

Em princípio, talvez nada se precise acrescentar às Recomendações do II Congresso Pan-Americano de Serviço Social, realizado no Rio, há 11 anos atrás. Abrangendo os campos jurídico, econômico, médico-social, educacional, aquelas recomendações atingem todo o problema e são ainda atuais. Gostaríamos, entretanto, de lembrar alguns pontos que na hora presente parecem-nos os mais importantes, e os apresentamos à guisa de conclusões:

1. Em primeiro lugar, lembramos um aspecto focalizado no Congresso Mundial da Família, realizado em Paris, em 1958. Protegendo os indivíduos — operários, mães, crianças, estudantes, doentes — não se protege, necessàriamente, ao mesmo tempo, o grupo familiar. A política familiar não se define como a soma de medidas tomadas para as diversas categorias de in-

---

(12) — Jean Lacroix — Force et faiblesses de la famille — Aux Editions du Seuil — Paris, 1948.

(13) — Pio XII — Anuario Petrus, 1951.

(14) — Declaração Universal dos Direitos do Homem — 1948 — art. 16.

divíduos. Freqüentemente, até, certos programas que visam a atender necessidades imediatas concorrem para a desagregação das famílias.

Por outro lado, é uma verdade que tôdas as leis e medidas sociais influem direta ou indiretamente na vida da família, afetando-a de um modo ou de outro. Impõe-se, pois, um estudo consciente e apropriado dos problemas da família em todos os seus aspectos, se se deseja uma correta política familiar.

2. Para que as famílias possam se constituir e se desenvolver cumprindo as funções procriadora, educativa e social, cumpre asegurar-lhes um nível de vida suficiente. Neste particular, observa-se, em virtude do sistema de salários vigente em nosso país, decrescer o padrão de vida, à medida que a família cresce. O aumento de salário não é solução para o problema, impondo-se a adoção de medidas mais acertadas, algumas das quais já vigoram em maior ou menor escala em nosso meio: subsídio às famílias necessitadas; auxílio doença; auxílio maternidade; aposentadoria por doença ou velhice; pensão a viúvas e órfãos; abonos familiares proporcionais ao número de filhos, além da criação planejada e coordenada de obras sociais que possam atender as necessidades mais imediatas das famílias e as conseqüências de um salário deficiente. Com referência ao complexo problema de habitação, cumpre ter em vista que as famílias necessitam não apenas de um teto, mas de uma casa onde possam viver decentemente e onde cada um de seus membros tenha oportunidade de se desenvolver.

3. As características da vida moderna influem de modo decisivo na vida das famílias que experimentam dificuldades para assumir suas funções. Sem um conhecimento pormenorizado das necessidades específicas de cada região do país, não se podem planejar medidas ou criar obras que visem ao bem-estar das famílias e aos interêsses familiares.

O preparo dos assistentes sociais nesse sentido é de suma importância. Quanto mais conscientes estivermos do papel da família na sociedade, tanto mais capazes seremos de levar nossa contribuição aos programas de fortalecimento da instituição familiar. Aliás, o serviço social sempre considerou entre seus fundamentos o respeito ao grupo familiar e a importância da vida de família no desenvolvimento e melhor ajustamento do ser humano.

Temos, entretanto, a impressão de que o serviço social não aproveita suficientemente sua experiência, contribuindo para a ação social. Algumas obras não o fazem por não documentarem bem sua atuação, visando à ação social. Outras, apesar de estudos e pesquisas que realiza, não as aproveitam, omitindo-se assim no campo da reforma de estruturas. Nossa

profissão encontra-se, supomos, em um estágio que já nos permite um pouco mais de arrôjo nesse setor.

Parece que seria o caso de os assistentes sociais procurarem, diretamente ou através de elementos aos quais levassem seus estudos e observações, influir na legislação e nos órgãos que planejam a execução de programas educacionais, sanitários e sociais, a fim de se conseguir que o respeito ao grupo familiar e a proteção da família como tal se efetivem.

Outro aspecto importante refere-se à colaboração entre os serviços oficiais e particulares, tendo em vista o bem-estar das famílias.

4. As obras em que o Serviço Social pode melhor atuar, através de seus métodos, objetivando especialmente a família, são, indubitàvelmente o Centro Social e a Agência de Família. Ainda aqui, corremos o risco de atender aos sócios ou freqüentadores do Centro, esquecendo a família a que pertencem. Mas aquelas obras oferecem oportunidades excelentes para que todos os aspectos aqui focalizados encontrem alguma solução ou pelo menos o adequado encaminhamento.

5. O Serviço Social Católico não pode esquecer o aspecto sobrenatural, sacramental, do Matrimônio e da vida familiar. "O Serviço Social é, por si mesmo, de ordem temporal; tem um aspecto presente e particular no tempo. Êle existe para ajudar o homem a ajudar-se a si mesmo, a livrar-se mais cedo de seus problemas. Por outro lado, êle não visa diretamente um bem espiritual do homem, por exemplo, levá-lo a fazer a Páscoa. É preciso considerá-lo, em primeiro lugar, sôbre o seu plano pròpriamente, isto é, o interêsse mateiral de realização humana. Entretanto, existindo a fliosofia católica (entendemos aqui esta filosofia reconhecida e sancionada por Roma) que nos anima, não é possível negligenciar o apêlo do homem à vida sobrenatural; e o serviço social, na prática, é, necessàriamente, informado e condicionado por êste pensamento" (15).

A utilização da Paróquia e da vida paroquial viria ajudar, neste particular, o trabalho a ser desenvolvido nas famílias.

QUESTÕES PARA DEBATE

1. Que medidas de fortalecimento e proteção à família parecem mais viáveis, diante de nossa realidade? Quais seriam mais indicadas: as medidas preventivas ou as curativas.

---

(15) — Service Social et Catholicisme — René Raymond — S. Soc. — Québec, Été, 1957 — n.º 2, volume 7.

2. Seria oportuna entre nós a adoção do abono familiar generalizado? Quais as possibilidades dessa medida?
3. Que outras medidas poderiam solucionar o problema do salário insuficiente e da situação das famílias numerosas?
4. As Agências de Família têm procurado aproveitar ao máximo as possibilidades que se lhe oferecem para a educação das famílias? Que sugestões poderiam se apresentar nesse sentido?
5. Como podem os Centros Sociais proporcionar oportunidades de desenvolvimento e enriquecimento da família?
6. Qual a possibilidade que entre nós os assistentes encontram para participar de organismos de planejamento de âmbito estadual e federal? Qual a oportunidade de se pleitear essa posição?
7. Como têm aproveitado os assistentes sociais sua experiência nos vários campos onde atuam, para obterem medidas de alcance social? Como vêm colaborando para a reforma de estruturas, para a ação social?
8. Como vem o Serviço Social utilizando a paróquia e a vida paroquial nos programas de assistência e educação das famílias? Que se poderia sugerir nesse sentido?

CONTRIBUIÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL AO DESENVOLVIMENTO NACIONAL À BASE DE UM MUNICIPALISMO AUTÊNTICO (*)

Aylda Pereira Reis
Do Bureau Central da U.C.I.S.S.

INTRODUÇÃO

As reflexões que fiz, em tôrno do tema que me foi proposto, leveram-me a constatar — não sem alguma surprêsa para mim — uma acentuada aproximação entre o municipalismo autêntico, como eu o entendo, e a organização social da comunidade, como se entende em Serviço Social. E me dei conta de que a vida municipal, criada pelo municipalismo autêntica, apresenta as características de vida comunitária.

O município é, então, o "quadro", por assim dizer, no qual se desenvolve a vida comunitária de *cada uma* e de *tôdas* as comunidades que o município abarca.

E se temos concepção cristã da comunidade; se temos visão cristã da vida comunal; e se damos sentido cristão ao trabalho comunitário, teremos, conseqüentemente:

— concepção cristã do município, enquanto conjunto de comunidades;
— visão cristã da vida municapl, porque é nesse quadro que se processa a vivência dos membros das comunidades (dentro da área municipal);
— e o municipalismo autêntico terá, para nós, sentido cristão.

(*) Trabalho apresentado na reunião da U.C.I.S.S. — 12 a 14 de maio de 1961.

Se, pois, nos empenharmos na promoção de um municipalismo autêntico, estaremos contribuindo para o desenvolvimento nacional dentro de uma linha cristã.

Por outro lado, as perspectivas cristãs da promoção humana e social nos conduzem, naturalmente, ao trabalho comunitário; pois, do ponto de vista cristão, a promoção do homem e da sociedade só se fará com a presença do "outro", num trabalho em cooperação e em espírito de união.

Nossos esforços, portanto, devem tender a introduzir nos municípios o trabalho comunitário e neles criar e consolidar a vida comunitária.

Estaremos dessa forma promovendo a implantação de um municipalismo autêntico que será a base do desenvolvimento nacional.

Foi dentro desta ordem de idéias que me coloquei, a fim de examinar qual a contribuição que o Serviço Social poderia dar ao desenvolvimento nacional, à base de um municipalismo autêntico.

O MUNICIPALISMO NA REALIDADE BRASILEIRA

Há quem entenda por *municipalismo* o movimento que visa projetar o município, face ao Estado e à Nação, invocando direitos que lhe cabem por lei ou aqueles de que se julga credor, em razão de promessas de campanha eleitoral, tantas vêzes de efeito puramente demagógico.

Êsse municipalismo tenta estabelecer para o município uma situação de prestígio junto aos governos estadual e federal, fundamentada em motivos políticos. Situação temporária, pois se altera ao sabor da política de partido. Consolida-se ou esfacela-se, conforme ou não esteja o govêrno local em sintonia com o do Estado ou da União. É assim o município olhado mais como reduto político desta ou daquela corrente; da situação ou da oposição. É, em suma, um municipalismo *servil*.

Por vêzes, assume feição diversa, não marcada pròpriamente pelo sinete da política partidária subalterna; mas ainda eivado de interêsses, nem sempre confessáveis, de grupos econômicos mais ou menos ligados a grupos políticos. O municipalismo é, então, a "bandeira" sob a qual se disfarçam intenções de certos grupos.

Finalmente, um municipalismo que procura dar ao município uma situação de prestígio no cenário nacional, pelo que êle é ou pelo que possa vir a ser, como unidade básica político-administrativa da Federação. Representa uma tomada de consciência do valor atual ou potencial de cada parcela do território e de sua população; esfôrço legítimo e louvável de colocá-los em posição de desempenhar um papel na vida do país. É êste um municipalismo sadio.

Porém, nos três casos, encontramos certos vícios que, a meu ver, devem ser extirpados, se quisermos enveredar por um municipalismo autêntico.

1.º — O caráter "reivindicatório".

"Reivindicação" é palavra que se tornou habitual na linguagem dos municipalistas. Governantes, políticos, líderes de grupos econômicos, líderes operários e autênticos líderes comunais empregam-na constantemente. E sabemos quanto êrro envolvem, quanta injustiça acobertam, tantas das "reivindicações" que andam por aí agitando o povo e gerando a desordem social. Em muitas "cartas reivindicatórias", estão juntos o joio e o trigo.

2.º — O sentido "individualista".

O individualismo é, ainda, a marca da nossa civilização. Legado de um passado histórico cujo pêso estamos sentindo a cada passo, em todos os setores, inclusive no religioso e no próprio Serviço Social. Com a sua componente — o egoísmo — faz as vêzes do municipalismo — guardadas as devidas proporções — um pseudo "nacionalismo" de base municipal. O município quer crescer, quer projetar-se; mas não lhe importa o seu vizinho; quer, mesmo à custa do seu vizinho. Seus próprios interêsses lhe bastam. Não indaga até que ponto seu crescimento está condicionado ao ambiente geográfico, histórico, cultural que o circunda.

3.º — Municipalismo "de cúpula".

Governos municipais, políticos e homens de negócios há que fazem do município ou da prefeitura, sua casa, seu feudo. Trampolim para vôos mais altos. Sinecura para parentes e amigos. Pôsto de comando para manobras políticas. Fonte de enriquecimento próprio ou de protecionismo a grupos. As necessidades reais do município, as aspirações legítimas dos munícipes bem pouco entram nas cogitações dêsses falsos municipalistas. Felizmente, há exceções. E há também indícios de que as exceções tendem a aumentar. Porém, mesmo nos casos de municipalismo sadio, ainda se verifica que a voz do povo é fraca. A população local é a grande ausente. Não é ouvida nem chamada a colaborar nas iniciativas municipalistas. Menos por malícia do que por desconhecimento, a liderança local é de tal forma restrita que não representa o pensamento e a determinação dos munícipes.

DIMENSÕES DE UM MUNICIPALISMO AUTÊNTICO

Quer-me parecer que um autêntico movimento municipalista deverá apresentar-se com características inconfundíveis, em que sobressaiam:

1.º — *A valorização do homem.*

Não como peça indispensável num processo de industrialização ou como um voto a mais no reduto eleitoral de um político. Será a valorização do homem como pessoa humana; como cidadão; como membro da sua comunidade; como alguém que sente, pensa e delibera; que tem aspirações; que é chefe de uma família; que pertence a um grupo profissional; que deve saber e poder escolher seus governantes; que é membro de uma Igreja; que tem o que receber e o que dar ao seu próximo e a todos os irmãos da pátria comum. É autêntico o municipalismo que possibilita a valorização de cada homem e de todos os homens da comunidade, através da participação consciente e livre de cada um e de todos na vida municipal.

2.º — *A primazia do bem comum.*

Não se trata sòmente de fazer predominar o bem comum sôbre o bem individual ou de grupos, no âmbito municipal. Mas de fazer predominar o bem comum em âmbito intermunicipal, do Estado e da Nação, quando estiverem em jôgo interêsses e aspirações do município com implicações regionais ou nacionais. Sabemos como certos "localismos" e "regionalismos" têm causado danos ao bem comum da nação, vale dizer, do povo brasileiro.

3.º — *A função inequívoca do Poder Público como gerente do Bem Comum.*

A compenetração do Govêrno Municipal quanto às suas funções precípuas é um dos fatôres mais decisivos para um municipalismo autêntico. Legislar e executar em têrmos de interêsses pessoais ou de grupos, com desprêzo manifesto ou velado do bem comum local, regional ou nacional, temos visto a que descalabros tem levado nossos municípios do interior e suas desprotegidas populações. Legislativo e Executivo municipais representam, pois, duas fôrças que, canalizadas em sentido certo e mobilizadas para o bem comum, conduzem o município ao que dêle se espera em relação ao bem dos munícipes, da região e do próprio país.

4.º — *As instituições locais como instrumentos efetivos do Bem-Estar comunal.*

As instituições locais, tanto oficiais como particulares (instituições econômicas, sociais, culturais, religiosas etc.), via de regra, não se dão conta (conseqüência da mentalidade individualista) de que lhes compete, além da função específica, exercer uma função social mais ampla, na vida da comunidade. Limitadas, às vêzes, por uma visão estreita da realidade social, afogadas nas suas dificuldades ou no atendimento de seus clientes, vão a pouco e pouco divorciando-se do ambiente. Concentram-se em si mesmas. Não percebem as mudanças que se operam no mundo exterior, na verdade, deixam de ser instrumentos de promoção do bem estar da comunidade.

Num municipalismo autêntico, há vitalidade nas instituições sociais. Saem de si, projetam-se no meio, assumem responsabilidades nas iniciativas de interêsse comunal. Articulam-se em proveito da comunidade local e das comunidades vizinhas. Buscam o bem comum do município e dos municípios da região. A atitude individualista cede lugar à atitude comunitária.

5.º — *A consciência da integração do município na realidade geo-econômica e sócio-cultural da região.*

Num municipalismo autêntico, deve estar bem viva a noção de que o município se insere no país, a comunidade local, na comunidade nacional. A realidade político-administrativa do município é encarada em função da realidade geo-econômica e sócio-cultural da região e da realidade nacional. Tem-se do município e da vida municipal uma visão muito mais ampla; perspectivas muito maiores. E dessa visão e dessas perspectivas, surgem novos encargos para o município, novos rumos para a ação local, novas possibilidades e responsabilidades para a atuação dos municípios. Êstes se sentem solidários, ligados por laços não apenas materiais, mas morais e espirituais, aos irmãos da pátria comum, apesar das peculiaridades locais ou regionais que os possam, acidentalmente, diferenciar. Essa diferenciação está presente, mas não impede o município e os municípios de se situarem no contexto da realidade brasileira. E a consciência da solidariedade entre o local, o regional e o nacional, que começa a despertar, é o sinal de uma nova mentalidade que desponta e tende a se afirmar.

6.º — *A vontade de crescer em consonância e juntamente com a região e o país.*

O municipalismo autêntico não é egoísta. A ambição de fazer crescer o município, de projetá-lo face à nação é legítima,

quando acompanhada do interêsse pelos demais; quando ajuda ou coopera para que os vizinhos solidàriamente cresçam também. E sempre respeitando as peculiaridades locais e regionais e tendo em vista — às vêzes primordialmnte — o interêsse da região, do Estado, do País. Procura o equilíbrio da nação. O país será verdadeiramente grande, quando cada uma das suas unidades político-administrativas tiver atingido sua maturidade econômica, social, política, cultural. E se isso ocorrer de maneira harmônica, terá reflexos no equilíbrio geral da nação. A isso aspira, em última análise, o municipalismo autêntico.

7.º — *Liderança local autêntica.*

Seja exercida por líderes funcionais ou por líderes naturais, é autêntica a que respeita e valoriza o homem como pessoa humana; que busca, antes de tudo, o bem comum em todos os planos (municipal, regional etc.); respeita e fortalece os Poderes Públicos e lhes atribue o que de direito e por dever lhes caber; dá o devido valor às instituições e as chama à responsabilidade, quando está em causa o bem comum; situa devidamente o município e reconhece as peculiaridades locais e regionais quando cogita da ação comunal; e, finalmente, assegura a participação livre e consciente dos munícipes, no processo de desenvolvimento econômico-social do município. Não há municipalismo autêntico, sem autêntica liderança local.

ALGUNS FATÔRES QUE FAVORECEM O MUNICIPALISMO

Para que o municipalismo, tal como o vejo, possa ser uma realidade, é necessário, no meu entender, um clima propício; certas condições nas quais êle possa vingar, florescer e dar frutos em benefício do desenvolvimento nacional.

Julgo importantes, para a criação dêsse clima, os seguintes fatôres:

1.º — Uma *Política Social sadia, segura* e *esclarecida,* ou seja, *diretrizes* e *ação* do Poder Público coerentes com os princípios que informam uma verdadeira *democracia cristã.* Política Social sensível às mudanças que se operam no ambiente social e com amplas perspectivas no tempo e no espaço.

2.º — Uma *Administração flexível* e *dinâmica,* capaz de atender às exigências das necessidades sentidas em cada área; ajustada às caracteírsticas locais e regionais; irrepreensível em seus procedimentos administrativos e burocráticos, a fim de inspirar confiança e assegurar o andamento normal dos empreendimentos.

3.º — *Estruturas sociais que favoreçam a promoção do bem estar* local, regional. Estrutura agrária, estrutura eco-

nômica, política, jurídica, condizentes com as novas exigências da vida presente. Estrutura das instituições sociais atualizada, para permitir uma resposta adequada aos problemas dos respectivos campos de ação.

4.º — *Mentalidades coletivas favoráveis* à implantação e expansão do municipalismo: compreensão das elites, dos grupos profissionais, políticos, econômicos, culturais e religiosos, quanto à natureza e fins do movimento municipalista e das suas implicações na ordem prática.

5.º — Um *instrumental básico* capaz de fazer face às necessidades fundamentais da vida municipal e que, sobretudo, corresponda às exigências do desenvolvimento harmônico do país e do bem estar social de todos os cidadãos.

A conjugação dêsses fatôres concorrerá poderosamente para que o municipalismo tome corpo e atinja seus objetivos quanto ao desenvolvimento nacional. Caso contrário. só à custa de grandes dificuldades o municipalismo conseguirá transpor as barreiras que lhe serão faltamente impostas pelos fatôres apontados e atuando em sentido negativo.

CONTRIBUIÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL

Como a tôdas as ciências e a tôdas as técnicas; a todos os recursos humanos e materiais; a tôdas as fôrças psicológicas, morais e espirituais; cabe, também, modestamente, ao SERVIÇO SOCIAL, uma contribuição efetiva ao desenvolvimento nacional, tendo como base um municipalismo autêntico.

1.º — *Através da filosofia e dos princípios de ação.*

Tôda a filosofia do Serviço Social, todos os princípios que informam sua ação prática estão conformes com o que foi enunciado para caracterizar o municipalismo autêntico. Desnecessário relembrar aqui essa filosofia, êsses princípios. Urge, porém, que sejam difundidos, que sejam divulgados; que dêles sejam impregnados todos os ambientes, informadas tôdas as iniciativas que visam o bem do homem e da comunidade; que dêles sejam embebidas tôdas as mentalidades; que por êles sejam marcadas tôdas as estruturas sociais. Prouvera a Deus que dessa filosofia, dêsses princípios fôssem imbuído todos os trabalhadores sociais de tôdas as categorias, para que, por tôda a parte, mesmo onde não houvesse Serviço Social profissional, contudo estivesse êle de certa forma presente, através dos seus princípios.

2.º — *Através dos processos de Serviço Social de Casos*
Serviço Social de Grupo
Serviço Social de Comunidade

a) *Quanto ao S. S. de Casos.*

O S. S. de Casos pode trazer uma contribuição efetiva, se de um campo específico ou do âmbito de uma instituição fôr levada ao âmbito da comunidade. Da instituição média, da instituição de menores, da emprêsa econômica, do serviço público ou particular, pode levar à ação comunal, ao estudo e soluções de problemas do meio; à melhoria das condições, sanitárias do ambiente, das condições de trabalho e de habitação, à melhoria dos níveis de vida, à promoção de melhores padrões de comportamento social. Bastaria, para tanto, que o Assistente Social se colocasse num ângulo novo, face ao S. S. de Casos. Que não se deixasse absorver pelo trabalho individualizado, perdendo às vêzes a visão de conjunto, das reais dimensões do problema social no qual o "caso" se insere. Que da sua instituição, voltasse as vistas para as estruturas e mentalidades dominantes e nelas procurasse intervir. Que se associasse a outros profissionais que militam no mesmo campo para, num esfôrço comum, haver possibilidade de intervenção mais ampla, estendendo-a à ação legislativa, à ipinião pública, às demais instituições da comunidade.

É preciso que o Assistente Social colha da experiência dos "casos" elementos para intervenção mais profunda, subsídios para estudo de problemas da comunidade ou de uma área maior: o município, vários municípios, talvez tôda uma região. Essa oportunidade não tem sido, segundo parece, bem aproveitada. Talvez nisso resida uma das razões de desencanto de tantos Assistentes Sociais quanto ao S. S. de Casos. É êle tomado sem perspectivas, sem uma relação direta com as mudanças a se operarem na comunidade. E urge tomar esta direção.

b) *Quanto ao S. S. de Grupo.*

Por sua natureza e fins, tem o S. S. de Grupo maiores possibilidades quanto à dinamização da vida municipal. O senso de responsabilidade social, o desejo e a prática da cooperação, o zêlo pelo bem comum do grupo, a liderança, a ação intergrupos constituem, a meu ver, fortes elementos a serem postos a serviço da ação comunal. Creio que estão longe, ainda, de ser exploradas tôdas as possibilidades do S. S. de Grupo e que poderia ser para êle examinada uma nova posição: 1.º — que viesse libertá-lo da linha tão marcadamente juvenil e feminina que tem seguido tantas vêzes; e, também, da tendência tão acentuada de se voltar para a recreação e pequenas atividades manuais; 2.º — que o levasse, de preferência, a motivar os grupos para programas comunitários, para iniciativas em que os membros dos grupos se exercitassem na liderança

de projetos de interêsse coletivo; 3.º — em que outros campos, outras áreas de trabalho, ainda a descoberto, fôssem atingidos, particularmente com relação a grupos masculinos, de adultos.

Penso, por exemplo, em atividades econômicas, cívicas, técnicas, administrativas, culturais e outras que, certamente, atrairiam os homens adultos, desde que para elas fôssem convenientemente motivados. Tais atividades constituiriam excelentes ocasiões de treinamnto para estudo em comum de problemas comuns, para empreendimentos cooperativos, para exercitação em liderança e em planejamento e execução de projetos comunitários, principalmente, quando associados a programas de S. S. de Comunidade. Neste caso, os grupos — de jovens e de adultos, masculinos, femininos ou mistos — formar-se-iam em tôrno do programa comunal; seus interêsses e atividades seriam os da comunidade e para a comunidade.

Liderança, cooperação, responsabilidade social, inicitiva etc., estariam sendo postas a serviço do bem geral da comunidade, do município ou da região.

c) *Quanto ao S. S. de Comunidade.*

É, sem dúvida, o processo mais capaz de contribuir — com maior soma de possibilidades e de recursos técnicos, para a promoção de um municipalismo autêntico e para o desenvolvimento social, no município, na região ou no país.

Os problemas e necessidades das comunidades conduzem, naturalmente, aos problemas e necessidades de tôda uma área — que tanto pode ser um município como uma região. Pois sabemos que cada comunidade objeto de intervenção do S.S. — não é uma unidade independente. É sempre parte de um todo maior; está integrada numa realidade geo-econômica, histórica, política, social etc., mais ampla e com a qual tem vínculos materiais, afetivos, morais, espirituais. Embora o S. S. vise, diretamente a melhoria de uma comunidade, de cada comunidade, as medidas de melhoramento local que promove ou suscita podem estar condicionadas a situações que ultrapassam o âmbito da comunidade. Como podem ter efeitos benéficos para uma área cujos limites são mais amplos que os da comunidade local. Aliás, tratando-se de países subdesenvolvidos ou com áreas subdesenvolvidas, como é o caso, é de desejar que o S. S. de Comunidade tenha efeitos mais profundos e mais significativos, quanto à área atingida, assim como quanto à população a ser beneficiada.

A experiência tem revelado que nem sempre os programas de caráter comunitário são concebidos e conduzidos em têrmos de promoção do desenvolvimento efetivo das comunidades.

Tímidos, na maioria das vêzes; sem base em estudos sérios da realidade; sem planejamento racional que determine prioridades, que considere as intervenções a curto e a longo prazo, limitam-se quase sempre a uma ação superficial, em tôrno de interêsses imediatos e melhorias de pequeno porte. Circunscrevem-se mais aos "efeitos", aos aspectos secundários dos problemas sentidos; aproveitam apenas parcialmente os recursos locais e, via de regra, não chegam a envolver a fundo o Poder Público ou a mobilizar tôdas as fôrças disponíveis na comunidade. Quando muito, obtêm da administração pública e de instituições privadas uma ajuda momentânea para serviços imediatos.

Nessas condições, não conseguem, na verdade, alterar substancialmente as condições locais, modificar o quadro econômico-social das comunidades; não promovem as mudanças desejadas; não influem nas estruturas.

Por tais razões, penso eu, não tem havido maior interêsse em que seja o Serviço Social integrado nos programas nacionais, regionais ou mesmo locais de desenvolvimento econômico-social.

Para que isto ocorra, julgo necessário:

1.º — Que o S. S. de Comunidade passe a atuar de forma mais profunda baseado em melhores estudos da sua área de trabalho; que a sua influência nos diferentes setores da vida da comunidade seja mais decisiva para melhoria das condições locais; que provoque mudanças de atitude e de comportamento social, no sentido de maior participação nas iniciativas locais, não só por parte da população, mas dos órgãos públicos e das entidades particulares;

2.º — Que os programas de S. S. de Comunidade se articulem sistemàticamente com outros programas na comunidade ou na área municipal (programas sanitários, de educação, de habitação, de desenvolvimento econômico ou outros), a fim de que os resultados sejam mais apreciáveis para a comunidade;

3.º — Que procure participar, sempre que possível, de estudos científicos e trabalhos técnicos; de pesquisas sociais, levantamentos, planejamentos, projetos etc., que tenham por objetivo o desenvolvimento econômico-social local ou regional;

4.º — Que se empenhe no desenvolvimento da *liderança local,* a fim de que os programas comunitários se tornem, de fato, *da comunidade* e *da responsabilidade dos líderes locais.*

Ora, sucede muitas vêzes, que a liderança dos elementos da comunidade é mais nominal; na verdade, com os técnicos fica a responsabilidade. É esta uma situação que só se admite como *situação transitória,* pois, à medida em que o processo segue o seu curso, a responsabilidade deve ir passando para os elementos locais. Só então haverá liderança autêntica na co-

munidade. Mas isto depende da atitude inicial dos técnicos e da sua preocupação de *formar* a liderança na comunidade.

Pelo que acaba de ser lembrado, com relação aos processos do S. S., sentimos todos que o nosso Serviço Social dará uma contribuição direta, bem marcada, à promoção de um municipalismo autêntico e, conseqüentemente, ao desenvolvimento regional e nacional, se êle se tornar cada vez mais: — *consciente dos seus limites,* situando-se corretamente no conjunto das atividades técnicas chamadas a atuar em regime de cooperação, nos programas comunitários;

— *capaz de um trabalho em equipe,* inteligente, generoso, alto, no qual a competição esteja ausente e a cooperação esteja sempre presente entre os técnicos e entre êstes e os líderes locais;

— *mais dinâmico e mais funcional;* mais corajoso; menos prêso a fórmulas e a convenções; mais sensível às *nossas* realidades e às novas exigências de um mundo em transição, em que fatôres físicos, econômicos, políticos, culturais cada vez mais se interpenetram;

— *de largos horizontes,* isto é, que de uma tarefa ou de um campo específico passe sempre a considerar as correlações existentes com outras tarefas e outros campos e, assim, abarcar os problemas e as soluções em suas reais dimensões; finalmente;

— que se revista de um sentido de totalidade, indo do individual ao grupal e dêste ao comunal, pondo a "tônica" no *trabalho comunitário,* como condição para tornar possível a promoção humana e social, a valorização de cada homem e de todos os homens, pela realização do Bem Comum local, regional e nacional.

3.º *Contribuição do S. S. sob a forma de Coordenação*
Avaliação
Supervisão
Treinamento

Pensando sempre em têrmos da nossa realidade, julgo necessário empenharmos todos os esforços no sentido de:

— aproveitar ao máximo o que existe e fôr aproveitável (instituições, programas, recursos humanos e materiais);

— melhorar ao máximo o que fôr útil e passível de reforma;

— procurar o maior rendimento possível — qualitativo e quantitativo — dos recursos disponíveis;

— utilizar todos os meios hábeis para, com os recursos existentes, atingir da melhor maneira possível (o mais tècnicamente possível) o máximo de população e de área geográfica;

— ajudar, estimular, orientar — por todos os meios ao alcance — pessoas e instituições que estejam realizando trabalho social em qualquer setor da comunidade;

— adaptar métodos e técnicas de trabalho social, dado que as condições de meio e de tempo criam a necessidade de rever constantemente as maneiras de atuar;

— capacitar da forma mais adequada às circunstâncias de tempo e de lugar, o maior número de pessoas em condições de serem aproveitadas para o trabalho social (particularmnte "voluntários").

Ora, sabemos por experiência que há um grande número de programas de trabalho social de todo tipo; um sem número de instituições de tôda natureza; pessoas das mais diversas qualificações, que estão, de um extremo a outro do território nacional, necessitando e desejando — urgente e permanentemente — de um mínimo de ajuda técnica, de refôrço, de estímulo.

Programas, instituições, pessoas dispersos, desarticulados, desatualizados. Não se desenvolvem, não se aperfeiçoam, não apresentam maior rendimento, porque não contam com nenhum recurso técnico a que possam recorrer, de que possam se valer. Nenhuma possibilidade têm de troca de experiências; nenhum contato com novos métodos, técnicas e instrumentos de trabalho e por isso caem na rotina, no desânimo.

E, no entanto, se nota — por tôda a parte — um desejo de renovação; um esfôrço no sentido de melhorar certos tipos de atividades assistenciais e educativas; de introduzir modalidades novas de trabalho social, novos instrumentos de ação educativa. Ouve-se falar em coisas novas, mas não se sabe como fazer.

Eis porque julgo que há uma grande margem para o Serviço Social contribuir, com as suas técnicas e com a sua experiência, procurando:

— *coordenar* tantas fôrças dispersas, em âmbito local, regional, nacional; dar uma certa organicidade a tantas iniciativas úteis, sobretudo no campo da atividade particular;

— *avaliar* resultados, como oportunidade para introduzir algo de novo em matéria de métodos e técnicas de trabalho, para um melhor ajustamento às novas exigências do meio;

— *supervisionar* programas, atividades, pessoal técnico e pessoal voluntário em diferentes campos, como oportunidade para penetração dos princípios do S. S., para melhorar os padrões de assistência e modificar atitudes, sobretudo em relação à comunidade.

Coordenação mesmo informal, isto é, sem que se exija um órgão específico, em âmbito municipal, regional, nacional; avaliação e supervisão periódicas, sem compromisso formal, a simples título de cooperação técnica de caráter voluntário,

seriam formas de contribuição do S. S. cujos resultados de ordem prática seguramente se fariam sentir em todos os setores.

Quanto a *treinamento*, particularmente de "voluntários" para diferentes tipos de instituições e treinamento de "líderes locais" para trabalho de comunidade, seria outro campo aberto à cooperação do S. S., tanto em âmbito municipal, como no âmbito estadual e nacional.

DIVIDINDO AS RESPONSABILIDADES

No quadro que acabei de esboçar sôbre a contribuição do S. S. na promoção de condições que, em conjunto, realizem um municipalismo autêntico e conduzam ao desenvolvimento nacional, acredito que as responsabilidades possam e devam ser divididas.

Para o nosso caso particular, de entidades e pessoas que aspiram a uma promoção humana e social de sentido cristão, acho que podemos dividir as responsabilidades entre: — A Igreja — As Escolas Católicas de Serviço Social — Instituições católicas de bem estar — Assistentes Sociais católicos — Secretariado da U.C.I.S.S.

1.º — *A Igreja.*

É, no ambiente brasileiro, uma das maiores fôrças de aglutinação que conhecemos. Instituição organizada em base territorial (que tantas vêzes coincide com o território do município); de penetração em todo o país, através da ação pastoral; unânimemente aceita e acatada; dispondo de locais múltiplos de contato com as populações, mesmo do interior; possibilita a ação comunal em todo o município, se se dispõe a colaborar e tantas vêzes a liderar trabalhos comunitários.

Do âmbito paroquial ao diocesano, ampliam-se as possibilidades de penetração, de influência, de ação. E mais ainda se virmos a Igreja em plano nacional.

Por si ou em cooperação(preferentemente), poderá a Igreja ser instrumento poroso na promição das melhores iniciativas de desenvolvimento municipal, regional e nacional. E sem fugir à sua função específica.

2.º — *As Escolas Católicas de S. S.*

Representam maior fonte de recursos técnicos a serem postos a serviço da comunidade. Cada uma em sua respectiva área de influência e em cooperação com outras fôrças católicas (e também não católicas, porém com espírito comunitário) e depois coordenadas em plano nacional, poderão consti-

tuir uma preciosa rêde para assistência técnica em plano municipal e estadual.

Coordenação, avaliação, supervisão, treinamento poderão receber das Escolas de S. S. seu forte impulso e efetiva concretização com as Dioceses e com instituições que disponham de recursos técnicos que possam ser aproveitados para o mesmo fim.

3.º — *Instituições católicas de bem-estar.*

Vejo principalmente duas atitudes a serem estimuladas: — voltarem-se para o trabalho comunitário, em seus respectivos campos de atividade; — articularem-se com a Igreja e com as Escolas de S. S. para atuação mais ampla no campo da Ação Social.

4.º — *Assistentes Sociais católicos.*

Algumas situações que poderiam ser objeto de atenção especial da parte dos Assistentes Sociais: — há um grande número de instituições particulares que desejariam receber alguma assistência técnica, mas que não dispõem de recursos; — há um grande número de Assistentes sociais, atuando em diferentes campos, que necessitam de apoio, de ajuda técnica e não têm a quem recorrer. Articulados com as Dioceses e com as Escolas de S. S., poderiam dar à sua atividade profissional maior rendimento em benefício geral.

5.º — *Secretariado da U.C.I.S.S.*

O intercâmbio e a divulgação, no país e no estrangeiro, das iniciativas católicas de S. S., poderia trazer estímulo, favorecer o aperfeiçoamento e suscitar novas experiências em diferentes campos. Um órgão da natureza do Secretariado se prestaria a essa função.

——oOo——

Como acabamos de ver, pelo conjunto das considerações até aqui feitas, existem múltiplas formas e oportunidades do Serviço Social — e de cada um de nós, através dêle — contribuir para o desenvolvimento nacional, à base de um municipalismo autêntico, dentro de uma visão cristã de promoção humana e social.

E sem nos esquecermos de que, em matéria de trabalho social a união no Corpo Místico tem de se encarnar na união de pessoas e de instituições que buscam o mesmo fim temporal e eterno: o Bem de cada irmão e de todos os irmãos.

PEQUENO ESBÔÇO DE UM ESTUDO DO LINGUAJAR DO GAÚCHO BRASILEIRO

(Alguns apontamento bibliográficos terminados em 1958)

Prof. Dante de Laytano

Uma parte dêste trabalho já foi publicada na VERITAS quando, então, tratou-se de fazer um apanhado geral sôbre os seguintes temas: 1 — Vocabulários Nacionais; 2 — Vocabulários Gaúchos; 3 — Vocabulários Especializados; 4 — Vocabulários em Obras de ficção: 5 — Vocabulário em obras de pesquisa e, finalmente; 6 — Edições Comentadas, sempre no terreno da literatura regionalista, evidente.

Parece caber agora, antes de mais nada, a relação das obras e autores regionalistas do Rio Grande do Sul, que iniciaram o movimento da literatura gauchesca.

PRECURSORES DA LITERATURA GAUCHESCA

— José Antonio do Vale Caldre e Fião
"A divina Pastora" — romance (1837)
"O Corsario' — romance (1841)

— Apolinário Porto Alegre
"O Vaqueano" — novela (1872)
"Feitiço duns beijús" — romance (1873)
"Paisagens" — contos (1875)
"Lulucha" — romance (1877)
"Bromélias" — Poesia (1874)
"Creoulo do Pastoreio" — lenda (1873)

— José Bernardino dos Santos
"Sertões de um tropeiro" — contos serranos (1874)
"A Doida" — romance gauchesco (1880)
"Boi-Tá-Tá" — lenda gaúcha — (1869)

— Gustavo de Castro
"Benedito Corrêa" — novela — (1879)

— Aquiles Pôrto Alegre
"O Tropeiro" — Cinto (1872)
— Alberto Cunha
"Contos Riograndenses" (1872)
"Mãe do Ouro" — romance (1873)
"Pai Felipe" — um episódio de charqueada (1874)
"Um Farrapo não se rende" (1875)

— Múcio Teixeira
"Flores do Pampa" — poesia (1875)

— Oliveira Bello
"Os Farrapos" — Episódio da revolução (1896)

— Ernesto Jáo
"Caçador de avestruz" — romance (1880)

— Aprício Mariense
"O filho d'uma Escrava — drama em um prólogo e 3 atos — 1.ª edição — Tip. da Descentralisação — Cruz Alta (1882)

— Artur Rocha
"Teatro: Os filhos da viúva — Deus e a natureza (drama passado numa fazenda da Província)
"A Filha da Escarava — 1.ª edição — Ofcinas Tipográficas d'A Federação — Pôrto Alegre (1889)

— João Mendes da Silva, de Taquari
"O Campeiro Rio-Grandense" (1889)
"Índia Rio-Grandense" (1896)
"Sertanejo Rio-Grandense" (1883)

— Bernardo Taveira Junior
"Provincianas" — poesias (1886)

— João Damasceno Ferreira
"Auroras do Sul" — poesias (1879)
"Os gaúchos" — comédia (1891)

— Colimério Leite de Faria Pinto
"Meus Serões" — novelas (1871)

— Carlos Jansen
"Pátria" — novela — In "Revista Brasileira" — Tomos II e III (1879 e 1880). v. in "Enciclopedia Rio Grandense", estudo de Walter Spalding — Vol. 2.º pág. 217

— Gabriel Pereira

— Zeferino Vieira

— Evaristo Afonso de Castro
"Gigante Missioneiro" — Poemeto histórico e geográfico — 1.ª edição: 1902. 3.ª ed. Emprêsa Gráfica Serrana — Cruz Alta — 1951

— Caldas Júnior
"Versos Escolhidos" — Pôrto Alegre (1913)

— José Fialho Dutra
"Flores de campo" (1882)

— Carlos Bandeira Renauldt
"Pampeanos" — poesia — Pelotas (1880).

Evidente que esta lista é incompleta; além do mais, constitui-se de verdadeiras preciosidades bibliográficas e algumas dessas obras talvez não tenham passado, mesmo, de folhetins de jornais ou revistas, sem nunca aparecer em livro.

Outras são completamente ignoradas, como a de Ernesto Jáo, que figura na capa de edição de Echenique & Irmãos.

Mas o certo é que seus autores, pelo menos os conhecidos, não dispensaram de uma maneira ou outra, determinado comentário sôbre a linguagem do gaúcho, mesmo que de leve ou no próprio desenrolar do livro.

De qualquer forma, insistiam em escrever com acentuada tendência regional pelo uso de vocábulos gaúchos.

Quanto à publicação dêsses romances em revistas ou jornais, veja-se, por exemplo, "O Vaqueano", narrativa de Apolinário Pôrto Alegre, que apareceu, em 1872, na 2.ª série da "Revista do Partenon Literário", dando-se o mesmo com Bernardino dos Santos, que não só lançou os seus romances na revista do Partenon, mas nos "Murmúrios do Guaíba". " O Corsário" do Dr. Vale saiu em folhetim no "O Pelotense" (1852 e 1853) e sòmente depois foi reunido em livro, na Tipografia Filantrópica, à rua da Assembléia, n.º 30 Rio de Janeiro.

A "Revista do Partenon Literário" publicou, aliás, todos os quatro trabalhos de Apolinário Pôrto Alegre, que saíram com o pseudônimo de Iriema.

Usaram pseudônimos também José Bernardino dos Santos que assinava Daymã, e Alberto Cunha, que se ocultava como Vitor Valpirio, que apareceu quatro anos consecutivos, sempre, na Revista do Partenon, e, depois, noutras publicações literárias encontramos diversos autores mais.

Aquiles Pôrto Alegre, Gustavo de Castro e o Dr. Vale eram colaboradores assíduos da citada Revista do Partenon, onde vieram à luz os trabalhos mencionados dos dois primeiros, e, do terceiro, a Lenda do Passo da Areia: "Ibicuitã-retã (março de 1875).

O trabalho de ficção de Apolinário — "A Tapera" — tido, com justa razão, como uma peça literária de boa qualidade das origens do regionalismo, apareceu na Revista do Partenon, de abril a maio de 1874, em dois números, e, mais tarde, o A. o incluiu no seu livro "Paisagens", de que já falamos, volume de contos, onde se acha, ainda, "O monarca das coxilhas", conto muito interessante, de um precursor que foi a maior figura de sua geração.

As "Flôres do Pampa", de Múcio Teixeira, o A. as incluiu na edição completa de sua obra poética, editada pela Garnier, no Rio de Janeiro, em 2 vols. no ano de 1903, com o título genérico — "Poesias", mas antes Múcio acrescentara às páginas de seu livro "Novos Ideais", um caderno com as "Flôres do Pampa". Nas três edições, sempre veio a explicação do vocabulário, três edições de "Novos Ideais".

João Mendes da Silva, de Taquari, que assinava Heráclito, editou "O Campeiro" em 1889; mas o livro se encerra com a data de 1884, "O Sertanejo" 1883, que não conheço a não ser de nome, e "A Índia Riograndense", romance impresso na Tipografia a vapor da Agência Literária, Pôrto Alegre, 1896.

O motivo indígena teve muitos cultores entre nós.

Embora o tema não se enquadre bem no que se convecionou denominar literatura regional, os assuntos indígenas possuem interêsse folclórico.

"As Províncianas", de Taveira Júnior, é edição da Livraria Evangélica, da cidade do Rio Grande, em 1886, com explicações sôbre a idade das poesias do A. e sua posição entre precursores.

João Damasceno Ferreira publicou suas "Auroras do Sul", volume de poesias, na cidade do Rio Grande, Tipografia do "Artista" 1879 e Carlos Jansen, embora não apareça entre os regionalistas, deve-se tomar em consideração o papel que desempenhou com sua revista, em Pôrto Alegre, no fim do período monárquico e a novela gauchesca que publicou no Rio

de Janeiro. Figura curiosa dêsse intelectual, nascido na Alemanha, casado na família gaúcha Araujo e Silva, falecido no Rio de Janeiro e que teve importante atuação na vida intelectul da Província.

Colimerio Leite de Faria Pinto está citado no "Dicionário" de Correia de Melo: Natural de Pelotas, nasceu em 1852, faleceu em 1887 e deixou a seguinte bibliografia — "Albertina", — drama, 1875; "Meus Serões", novelas, 1870 e "Biblioteca Variada", romancetes, 1881.

Gabriel Pereira, que escreveu "Canção do Gaúcho", publicada em 1883 no "Diário de Pelotas" e Zeferino Vieira cujo poema "O Gaúcho" apareceu, em 1872, no "Album Semanal", de Pôrto Alegre, são considerados, realmente, precursores do regionalismo.

Enumeram-se diversas revistas e jornais do século XIX e princípios dêste, onde muita colaboração denunciava, aqui e ali, qualquer nota de cunho regional.

A obra de Oliveira Belo, "Os Farrapos" — Episódio da Revolução de 1835 — após ser publicada por partes, é que se editou em livro, impresso na oficina Tipográfica do "Correio do Povo", em 1890.

Consulte-se o "Catálogo de Jornais e Revistas" (1817-1941), das coleções do Arquivo Histórico, do Museu Júlio de Castilhos, e ver-se-ão os nomes de algumas publicações da segunda metade do século XIX que muito interessam, pois acolhiam a colaboração literária dos escritores da época.

"A Acácia" (1876), "Album dos Domingos" (1878), "Correio do Sul" (1860), "A Imprensa" (1880), "Estrêla do Sul" (1862), "Murmurios do Guaíba" (1870), "A República" (1896), "Revista Literária" (1881), "Tribuna Riograndense" (1854), etc. são ótimas fontes.

Não mencionamos os anteriores da primeira metade do século passado, mas acrescentariamos "A Federação", "Jornal do Comércio", "Jornal da Manhã", "Gazeta do Comércio", etc. que aparecem muito depois, alguns, e continuaram, outros, no princípio do nosso século e constituem bom manancial para o estudo da história da literatura.

A coleção de jornais e revistas do Museu do Estado é rica em publicações do interior, das quas destacamos as seguintes: "O Comércio" (1862), de Pelotas; "O Diabrete" (1875), de Rio Grande; "O Noticiador" (1856), de Pelotas; "O Riograndense" (1851) de Rio Grande.

É preciso folhear algum dêsses jornais para que não fique muito omissa uma pesquisa referente à literatura do passado.

Caldas Júnior, cujo livro surgiu em edição póstuma, escreve, entre outras, algumas poesias de inspiração gauchesca. A obra se denomina "Versos Escolhidos"; foi imprenssa na Emprêsa Gráfica da "Kodak" de L. Cunha, em Pôrto Alegre,

no ano de 1913. Traz um prefácio de Zeferino Brasil; o volume compreende 115 páginas e divide-se em "Poesias Líricas" e "Rabiscos", a última parte com versos humorísticos.

Simões Lopes Neto incluiu, no "Cancioneiro Guasca", o sonêto de Caldas Júnior intitulado "O meu bagual".

Podemos encontrar, talvez, algumas idéias precursoras do regionalismo, ainda nos versos de Evaristo Afonso de Castro e José Fialho Dutra.

GRAMÁTICAS

Aliás, não é diferente o aspecto com as outras gramáticas portuguêsas escritas no Brasil e, ao lado de um ou outro mais, sòmente Alfredo Gomes, João Ribeiro e Eduardo Carlos Pereira aludiram ao dialeto brasileiro e aos dialetos portuguêses. Apenas as gramáticas mais novas abordam de frente o assunto e assim mesmo nem tôdas.

Os gramáticos provincianos parece, contudo, que tentavam revelar seus conhecimentos da língua portuguêsa, superando, assim, a acusação que a fala da gente do povo compromete o bom nome do idioma

Talvez seja uma explicação não muito razoável.

Acrescente-se a publicação de uma revista especializada "A Escola" — de Aquiles Pôrto Alegre, onde apareceram diversos trabalhos sôbre a língua portuguêsa.

Os títulos e autores que se seguem não constituem uma relação completa, pois muitos dos escritores citados publicaram outros livros referentes à língua portuguêsa e que não figuram nesta lista de gramáticas.

— Antônio Alvares Pereira Coruja — "Compêndio de gramática da Língua Nacional" — Dedicado à mocidade riograndense. Pôrto Alegre, 1835 in — 8.º Adotada nas Escolas da Província e nas da Côrte, com diversas reedições corretas e ampliadas, notando-se uma de 1849, uma de 1849, uma de 1862 e outra de 1872, feitas no Rio de Janeiro.

— Bibiano Francisco de Almeida — "Compêndio de Gramática Portuguêsa" — dedicado aos estudantes rio-grandenses — Professor de Gramática, Latim, Francês, Retórica e Poética no Rio Grande. A 1.ª edição é de 1880 e foi escrita para os alunos do Colégio Souza Lobo. Traz um parecer do Prof. Fernando Gomes, — 4.ª edição do Rio Grande 1887. 8.ª edição Pôrto Alegre. Rodolfo José Machado — Mercador de Livros — Rua dos Andradas 338 — 1904 — 160 págs.

— Bibiano Francisco de Almeida — "Complemento da Gramática Portuguêsa" 1.ª edição — (1904) (?) — Pôrto Alegre — Rodolfo José Machado — Mercador de Livros — Rua dos Andradas, 338.

— Frederico Ernesto Estrella Villeroy — "Compêndio da Gramática Portuguêsa — 3.ª edição — 1904 — Pôrto Alegre. Rodolfo José Machado — Mercador de Livros — Rua dos Andradas, 338.

— André Leão Puente — "Gramática Primária da Língua Portuguêsa" — 2.ª edição correta e aumentada — Professor de Português, Francês, Geografia, História e Ciências Físicas, na Escola Brasileira — Editôres: L. P. Barcelos & Cia. — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre e Santa Maria — 1903 — 1.ª edição de 1895 a 2.ª edição c/ 138 págs. mais o índice.

— P. S. (Padre Schneider) — "Livro de exercícios para aprender os elementos da Gramática Portuguêsa" — Compilado por P. S. — 6.ª edição — 25.º a 35.º milheiro — 236 págs. — Pôrto Alegre — 190' — Editôres: Selbach & Mayer — Rua Marechal Floriano 92 e 94. Parecer do Conselho Escolar e "Síntese e Gramática Histórica da Língua Portuguêsa" — Ed. Selbach & Mayer — Pôrto Alegre — 1909.

— Alfredo Clemente Pinto — "Língua Materna". Primeiras noções de gramática. 1.º e 2.º curso — Selbach & Mayer — Pôrto Alegre — 1909 (?).

— Universina de Araujo Bastos — "Gramática Portuguêsa" — Baseada nas doutrinas modernas e compilada pela professôra normalista... Dedicada à mocidade Rio Grandense e especialmente aos seus distintos colegas de magistério — 1.ª edição — 1909 — Pôrto Alegre — Livraria do Glôbo — Santa Maria, Cruz Alta e Uruguaiana — págs. 194, seguidas de mais 73 págs. de "Complemento da Gramática contendo uma bem elaborada série de exercícios graduados de análise, léxica e sintática. Prefácio de Ildenfonso Gomes.

— Lepoldo Tietbőhl — "Segundo livro de exercícios de português — Propriedade do "Deutscher Evang Lehrerverein von Rio Grande do Sul". — 143 págs. — Editores: Krahe & Cia. — Pôrto Alegre — 1924.

— Hilário Ribeiro — "Gramática Elementar e Lições Progressivas de Composição" — 4.ª edição — 1883 — Carlos Pinto & Cia. — Pôrto Alegre — Livro premiado com o Diploma de 1.ª clásse e agraciado com o 1.º lugar pelo juri da Exposição Pedagógica da Côrte, em 1883 — 170 págs.

— Fontoura Ilha — "Gramática Portuguêsa" — Ensino Teórico e Prático — Contém 170 exercícios de aplicação — 2.ª edição correta e melhorada — 296 páginas — Ano 1928 — Editado pela Papelaria Comercial de Fortunato & Cia. — Rua Dr. Bozano — Santa Maria.

ADAGIÁRIOS

Os adagiários gaúchos são muito curiosos e pelo menos dois conhecem-se, devidamente ordenados.

— *Vitor Russomano* — Nasceu em Pelotas a 12-10-1890 e faleceu em Caxias ao 20-9-1937. Formado em medicina e direito, fêz carreira política e foi deputado à Assembléia Legislativa Estadual e Câmara dos Deputados. Pertenceu a idversas instituiç es, homem de imprensa e escreveu algumas obras: "História natural do Educando", "O valor mental da Assembléia Constituinte de 1823", "História Constitucional do Rio Grande do Sul", etc.

O "Adagiário Gaúcho" apareceu, pela primeira vez, publicado na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul" — (1.º Trim., ano XVIII, 1938), págs. 47 a 118. Com uma biografia, pela redação. Prefácio e bibliografia pelo A.

O adagiário é uma tentativa inicial de sistematização dos provérbios gauchescos. O autor o escreveu entre 1935 e 1936, na cidade de Pelotas.

Constitui-se o trabalho de mais de 400 provérbios, todos com explicações do sentido, das palavras etc. Não se deve menosprezar uma pesquisa tão interessante, embora com falhas.

A "Província de São Pedro" reeditou o adagiário nos números 12 (págs. 127-139), 13 (133-141), 14 (140 a 145), 15 (145-154).

Sylvio da Cunha Echenique — "Bruaca" — Adagiário Gaúcho — 80 págs. — Editôra Souza — Rio de Janeiro — 1954.

O trabalho vem com um prefácio de Augusto Meyer, que o elogia, dizendo que se trata duma pesquisa original, in-loco e na qual se desprezou a investigação de gabinete.

São 300 verbetes classificados por ordem alfabética.

É realmente um bom estudo. Seu A., natural de Pelotas, também político, ocupou uma cadeira de Deputado na Câmara, do Rio de Janeiro.

Walter Spalding tem publicado nos jornais numerosas coletaneas de adágios gauchescos. Outros escritores mais novos também vem se dedicando ao assunto. Mas não creio que existam livros sôbre o problema, além dos citados. Não os conheço, pelo menos.

A ESTÂNCIA

Os livros, monografias e discursos referentes à estância, bem como artigos, crônicas e conferências, são relativamente numrosos, evocam, descrevem ou apreciam a vida da estância.

Seria, pois, difícil um levantamento neste gênero mas tentaremos uma pequena bibliografia.

— *Felix Contreiras Rodrigues* — (Piá do Sul) — "Farrapo" — Memórias de um cavalo — (V. a Introdução) — Edição Glôbo — 1935.

— *General Borges Fortes* — "A Estância" — Discurso — no Inst. Hist. e Geográfico do Rio Grande do Sul. — Tip. do Ministério da Agricultura — Rio de Janeiro — 1931.

— *Albino José F. Coutinho* — "A Estância e as Cartas" — Livraria Americana — Pôrto Alegre — 1935.

No primeiro dos livros citados, a introdução tem um grande interêsse porque o A. faz um estudo sociológico sôbre a campanha e o cavalo. O segundo é uma peça de História e o terceiro apenas um trabalho de ficção, mas muito rico de descrições da vida da estância.

Evidente que sòmente três títulos não revelam a variedade de publicações que o tema inspirou.

Mas, com o sentido restrito, de ensaio sôbre a estância e seus respectivos aspectos zootécnicos, educativos ou informativos, convém enumerar três autores, que formam, então um segundo grupo.

— *Delfino M. Riet* — "Estância Moderna" — Edição da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre — 1926 — 200 págs.

O livro começa com um pequeno estudo do povoamento do Rio Grande do Sul, pasando para rápido histórico da fundação das estâncias, xarqueadas e os costumes tradicionais e depois, então aprofunda-se nos prbolemas de pecuária. Não há alusões aos aspectos lingüísticos.

Dr. Severino de Sá Brito — "Trabalhos e Costumes dos Gaúchos" — Edição da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre — 1928 — 222 págs.

A obra divide-se em três partes distintas: Introdução, histórico e progresso; uma segunda: a estância e seus trabalhos; e uma terceira sôbre os costumes.

O A. fêz certas referências ao linguajar do gaúcho. O livro é de maior interêsse.

— *Dr. Pedro Luís Osório* — "Rumo ao Campo" — Estudo sôbre os gados vacum, eqüino e ovino. Observações práticas e úteis ensinamentos. Técnica sôbre criação". Edição ilustrada com grande número de fotografias, desenhos regionais e plantas de instalações. Livraria do Glôbo — 1940 — 770 págs.

É uma segunda edição. Trata-se de verdadeira enciclopédia campeira e ninguém conhecerá assuntos do Rio Grande sem consultar êste livro em quarenta e cinco capítulos e mais de quinhentos tópicos.

Quase que em cada capítulo, cuida-se da linguagem gauchesca. O A. trata de frases e expressões comuns da linguagem do gaúcho, locuções gauchescas, roupagem e utensílios, têrmos regionais, alguns velhos anexins, frases populares, frases trocistas e tiradas agauchadas, vocabulário riograndense, etc.

Tanto o Dr. Severino de Sá Brito, como o Delfino M. Riet e Dr. Pedro Luís Osório são autores de outros trabalhos, en-

tretanto aquisa salientamos alguns livros que representa, por assim dizer, guias de assuntos do campo, devido ao caráter geral dado pelos respectivos estancieiros, que se transformaram em escritores.

Citamos, ainda, os seguintes estudos:

— *"Sociedade Gaúcha"* — João de Deus Martins — in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul" — III e IV Trim. Ano V, 1925 — págs. 13 a 56. C/ prefácio de Aurélio Pôrto (págs. 5 a 12).

O General João de Deus Martins nasceu em Sant'Ana do Livramento a 8-3-1846, numa estância de Cuña-perú. Deixou umas notas de sua autobiografia: "Minha vida militar".

Tomou parte na campanha contra Venâncio Flores, no Uruguai, em 1854 e na Guerra do Paraguai. Cursou a Escola Militar. Participou de diversas expedições, comandos e comissões. Deputado estadual. Conhecedor da língua guaraní que aprendeu quando no exército de ocupação, na terra de Solano López. Faleceu em 1918.

Seu trabalho que possui o maior interêsse não só estuda em 11 capítulos as condições histórico-sociológicas do gaúcho, mas aborda diretamente problemas lingüísticos. Abañeê, etc. (Cap. II), sôbre a influência indígena no vocabulário, geografia, costumes, etc. do Rio Grande; dialeto-patuá (Cap. VII e IX), sempre dando ênfase à contribuição ameríndia ao linguajar gaúcho.

— *"Sociogênese da Pampa Brasileira"* — Fernando Osório — Livraria Comercial — Pelotas — 1927.

Ensaio erudito e filosófico, escrito à luz de esplêndidas fontes. Segundo o A., o livro aborda a concepção e trato dos estudos riograndenses e a orientação do povo gaúcho, mais a terra e o homem, aspectos e fatores essênciais, o Rio-Grande na tradição, no lendário nativo, na lógica da história, na crônica, na gaucheria literária, nas instituições e na legenda, sua contribuição espiritual ao Brasil, destino de sangue e de alma.

Trata-se duma conferência pronunciada em Pôrto Alegre, no Salão Nobre da Biblioteca Pública, em 1926, a convite do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Estado.

Depois o A. publicou a conferência, com anotações, prefácio, etc.

— *"Terra do Gaúcho"* — Rúbio Brasiliano — Leia-se esta tese apresentada ao II Congresso de História, realizado no Rio Grande, em 1937. Interpretação sôbre a origem do homem da estância.

CATÁLOGO DE OUTRAS FONTES DE ESTUDO SÔBRE OS COSTUMES GAÚCHOS

— Barcellos, Ramiro Frota
"Tradicionalismo" — Conferência — Mandado editar pelo Centro Cívico Cultural Leopoldense — S/ ed. s/ 1 — São Leopoldo, 1955.

— Caviglia (Hijo), Boaventura — "Gaúcho de Garrucho" — Portador de Garrocha-garrucha — Carixo-Gaúcho-Gaudério-Tordo. Imprensa "El Siglo Ilustrado" — Montevidéo, 1933.

— Cidade, Cel. (Francisco de Paula): — "Costumes de Soldados" — Nação Armada, n.º 23 — Rio de Janeiro, outubro de 1941.

— Comissão Nacional de Folclore do IBECC: — III Semana Nacional de Folclore — 22 a 29 de agôsto de 1950 em Pôrto Alegre — Comissão Nacional de Folclore IBECC — Rio de Janeiro, 1953.

— Ferreira, Damasceno: — "Revivências" — Estudos e crônicas — Tipografia Leuzinger — Rio de Janeiro, 1928.

— Freitas, Luis C. Gomes de: — "Estâncias Antigas — Veículos de Carga-Cânhamo e Linho" — Edição da Comissão Estadual de Folclore, n.º 3 — Pôrto Alegre, 1954.

— Freitas, Luis G. Gomes de: — "Antigos Jogos Desportivos da Campanha" — Edição da Comissão Estadual de Folclore — n.º 10 — Pôrto Alegre, 1957.

— Freitas, Luis G. Gomes de: — "Gauchadas" — Contos, Historietas, Descrições, Memórias s/ed. — s/1 — Pôrto Alegre, 1957.

— J. V. B.: — Círculo de Tradições "Centauro dos Pampas": — O Gaúcho — Proveniências — Modos de Vida — (mimeografado) — Seminário Maior — Viamão 1957.

— Júlio, Sílvio: — "Estudos Gauchescos de Literatura e Folclore" — Edição do Clube Internacional de Folclore — s/1., 1953.

— Junqueira, Osvaldo Gomes: — "A Farinhada" — Edição da Comissão Estadual de Folclore, n.º 5 5 — Pôrto Alegre, 1954.

— Laytano, Dante de: — "Folclore do Rio Grande do Sul, Tradições populares do ciclo agropastoril — Corridas de Boi, Pixurú, Festas de Natal, Reisado, Páo de Fita, Jardineira e Bum-meu-boi. I Congresso Brasileiro de Folclore. Ministério do Exterior. Rio de Janeiro 1951.

— Laytano, Dante de: — "A Estância Gaúcha" Documentário da Vida Rural. n.º 4. Resumo Histórico. "Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agracultura". Rio de Janeiro. 1952.

— Laytano, Dante de: — "Lendas do Rio Grande do Sul". Coletânea de mais de 80 lendas dos diversos ciclos do folclore gaúcho, conforme os textos de sua literatura regionalista". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1956. Ed. em Separata da Comissão Gaúcha de Folclore. N.º 9.

— Lessa, Luis Carlos Barbosa: — "O Sentido e o Valor do Tradicionalismo" — Edição da Comissão Estadual de Folclore, n.º 2 — Pôrto Alegre, 1954.

— Meyer, Augusto: — "Prêto & Branco" — Ministério da Educação e Cultura — Instituto Nacional do Livro — Rio de Janeiro, 1956.

— Meyer, Augusto: — "Gaúcho" — História de uma palavra — Cadernos do Rio Grande — Instituto Estadual do Livro — Secretaria de Educação e Cultura — Of. Gráfica Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1957.

— Moraes, Cel. Luis Carlos de: — "Terço nos Quartéis" Boletim Municipal n.º 11, 1942 — Pôrto Alegre. Tradução de Couro" Documentário da Comissão Nacional de Folclore — Rio de Janeiro, 1957.

— Ornellas, Manoelito de: — "A Filigrana Árabe nas tradições Gaúchas" — Oficinas — Gráficas da Tipografia Líder — Editôra Arte no Rio Grande — Pôrto Alegre, 1952.

— Ornellas, Manoelito de: — "Tradições e Símbolos" — 1.ª edição — Pôrto Alegre — 1949 — Broch.

— Pires, Ary Veríssimo Simões: — "A Sombra do Umbú" — Estudos s. ed. — S/1 — 1949.

— Pires, Ary Veríssmo Simões: — "Chiripá" — Tradição — Estudo — Editôra Palloti — Santa Maria, 1955.

— Pires, Ary Veríssimo Simões: — "Gado de Osso". Estudo — Glôbo — Santa Maria — 1956.

— Rodrigues, Felix Contreiras: — "Crônica das Cavalhadas" — Separata dos Anais do Congresso de História e Geografia de São Leopoldo — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre — 1947 — (Veja Piá do Sul) — "Lenda do Boi "Vaquim" — Documentário da Comissão Nacional de Folclore — 1958.

— Scherer, D. Vicente, arcebispo: — "O Verdadeiro Tradicionalismo" — Discurso — Recortes do Corrêio do Povo, de 16 de setembro de 1955 e Jornal do Dia de 20 de setembro de 1955 — Pôrto Alegre.

— Torres, Dirceu Pires: — "Veterinária Campeira" — Coleta Folclórica — Oficinas da Livraria Municipal — Pelotas, 1956.

— Velinho, Moysés: — "O gaúcho riograndense e o gaúcho platino". Separata da "Revista Brasileira de Estudos Políticos", n.º 3. Universidade de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1958.

— Walter Spalding: — "Tradições e superstições do Brasil Sul" — 1.ª edição — Coleção Rex — Rio de Janeiro — 1955 — Broch. c/ capa original.

— Walter Spalding: — "A História e o Povo" — costumes, poesia e lendas — 1.ª edição — Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial — Pôrto Alegre — 1956 — Broch. c/ capa original.

— Walter Spalding: — "Tradições Gaúchas" — Ed. da Comissão Sul Riograndense de Folclore — Broch. c/ capa original.

— Walter Spalding: — "Cadernos do Extremo Sul — Alegre: a História e a Lenda" — 1.ª edição — Alegrete — 1957 — Broch. c/ capa original.

ANTOLOGIAS

Publicaram-se poucas, entre nós, e uma das antologias mais ricas é da autoria das professôras Guilhermina Krug e Nelly Rezende Carvalho, editada pela Livraria do Glôbo; mas não trata em especial do Regionalismo. São 333 páginas contendo 84 autores e o título do volume é "Letras Riograndenses" (1935).

As omissões nessa obra, como a de Athos Damasceno Ferreira e Viana Moog, não se justificam, em compensação aparecem autores com dez livros... a publicar e sem nenhum ainda publicado.

Os livros de leitura devem ser incluídos, da mesma maneira do que as antologias, quando tratam do Rio Gande do Sul.

As mais atuais antologias, e porque não dizer das raras que se editaram, são justamente as que mencionaremos em seguida. Obras bem recentes e ainda de gente nova que participa do movimento de renovação do regionalismo.

Evidente que nos referimos à antologia de literatura riograndense e não às de literatura brasileira ou portuguêsa, no geral.

— *35 — CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS — Versos crioulos de Poetas deste Centro* — Edição 35, 1.º vol. Edições populares. Obras de compilação de Vitor Cravo Teixeira (Busão) e Trabalho de revisão de Eugênio Mascarelo e Rui Cardoso Nunes. Prólogo de Walter Spalding. 200 págs. Colaboraram, além dos citados: Amândio Bica Quintana, Antero Corrêa de Barros, Félix Contreiras Rodrigues, Glaucus Saraiva, Horácio Paz, Hugo Ramirez, Luiz Carlos Barbosa Lessa, Manoelito de Ornellas, Mario Carlos de Bem Osório, Nitherói Ribeiro, Waldomiro de Almeida Souza e Zeno Cardoso. Ao todo 59 poesias.

— *"As mais Belas poesias Gauchescas"* — Antologia Crioula do Rio Grande do Sul — 1.º vol. — *Compilação de Luiz Carlos Lessa* — 1.ª edição — Pôrto Alegre — 1951 — 128 págs.

A antologia tem uma apresentaçã do compilador, seguindo-se uma poesia de Jorge Salis Goulart intitulada "Glória aos teus cantores, Rio Grande".

O livro está inteligentemente dividido em duas partes distintas: "Os poetas que cantaram o Rio Grande" e "Poetas Gauchescos".

O A. ainda acrescentou, no final, umas "Notas Bio-Bibliográficas" dos 34 poetas incluídos no livro e depois um ótimo "Vicabulário" com 164 têrmos e expressões gaúchas.

Precisa-se, entretanto, fazer justiça a livro mais novo, que apareceu em editôra interessada numa série de antologias estaduais, apenas de poetas, tendo publicado coletâneas da Bahia (Alcysio de Carvalho Filho), de Pernambuco (Oliveira e Silva) e de S. Paulo (Enéas de Moura).

A dedicada ao nosso Estado foi o quarto volume, e ignoro o aparecimento dos outros; aliás estavam anunciados, como em via de conclusão, mais os referentes ao Ceará, Alagoas, Estado do Rio, Minas, Paraíba e Distrito Federal.

— *"Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses"* — Antonio Carlos Machado — Editôra Minerva Ltda. — Rio de Janeiro — 1952 — 391 págs.

Livro em formato grande, com um prefácio do colecionador e índice em ordem alfabética dos autores.

Trabalho bom, paciente pesquisa e indispensável ao estudioso de assuntos do Rio Grande, embora, como é de esperar, a antologia não cuide em particular do regionalismo e sim da poesia no sentido geral.

Entretanto, sempre se encontra uma que outra poesia nìtidamente gauchesca nos 197 autores que reuniu e estão colocados segundo a idade de cada um dêles, começando por Delfina Benigna da Cunha, nascida em 1791, e terminando pela poetisa Isis Figuerôa Costa, de 1917.

— *"No Reino da Poesia"* — Edição da Associação de Cultura Literária de Pôrto Alegre — N.º 1 — 1951 — Tipografia do Centro.

Colaboraram nesta antologia os seguintes associados: — Eugenio V. Mascarello (11 poesias), Ruy Cardoso Nunes (10), Ribeiro Tacques (1), Amandio Bica (autor da capa, e 1 poesia), Waldomiro Souza (4), Angelo L. Andreazza (1). H. Montenegro (1), Horácio Paz (5) Eduardo Granata (1) Gláuco Saraiva (1), Newton José Pedrosa (1) e Zeno Cardoso (7).

A numeração do volume faz depreender que se continuaria a publicar a série mas não me consta que tenha aparecido outro.

Também não traz prefácios, notas ou quaisquer referências bio-bibliográfica dos autores. O livro possui 66 páginas e consigna, na última, o nome dos componentes da diretoria da Associação de Cultura Literária que editou o livro.

As poesias são de caráter geral e algumas exclusivamente regionalistas, como se lêem em Ruy Cardoso Nunes, Amandio Bicca, Waldomiro Sousa, Horácio Paz, Gláuco Saraiva e Zeno Cardoso, êste último com as poesias 'Briga de Touro" e "Esgarrões", e o primeiro com "Tropilha Perdida" e "Vozes da Querência".

O segundo citado com um "Fechando um "bsio", o terceiro o seu "Gaúcho não morre", e o quarto com "Velho Tapejara", "Meu Cigarro de Palha" e "Aguapé". Finalmente, o quinto com o Chimarrão".

É uma antologia de interêsse.

— *"Antologia Poética"* — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — Edição do Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino — Pôrto Alegre — 1951.

Volume de 200 páginas, prefácio de Jorge de Lima, de colaboração de professôres e alunos da Faculdade de Filosofia e alunos da Faculdade de Direito da PUC. Os quatro professôres que escrevem poesias: Francisco Juruena, Irmão Dionísio Fuertes Alvarez, Celso Lima e Bety Brognoli Borges Fortes. Os alunos da Faculdade de Filosofia são os seguintes: Walmir Ayala, Nilda Beatriz L. de Castro, Cláudio J. Furtado, Nazinha Mattioli, Luís Antônio Meira, Germano de Novais, Jaime Vitalino dos Santos, Teresinha Dochkorn Silva e Cyrley Santiago. Alunos da Faculdade de Direito: José Paulo Bisol, Orlando Jorge Degrazia, Sylel Pires Ferreira, Sérgio Kautzmann, Fernando Paranhos Moreira, Ziver Rita e Hermann Homem de Carvalho Roenick.

São ao todo 121 poesias; entretanto nenhuma de caráter gauchesco, regionalista, dialetal ou mesmo de inspiração campeira.

Representa, contudo, uma contribuição inestimável.

CANCIONEIROS

O Cancioneiro do Rio Grande é dos mais originais e pode ser visto através de dois ciclos distintos: poesia gaúcha e poesia popular.

Claro que a poesia gaúcha, temas de inspiração da vida do campo, também constitui poesia popular: entretanto, ela se distingue perfeitamente, pela sua origem pastoril, da poesia que se baseia em temas de evocação e costumes civis, religiosos ou de economia agrícola, até mesmo diante de seu aspecto etnográfico açoriano e negro, ou às vêzes sòmente histórico.

CANCIONEIROS GAÚCHOS

J. Simões Lopes Neto — "Cancioneiro Guasca" — 4.ª edição — Editôra Glôbo — Pôrto Alegre — 1954.

A 1.ª edição é de 1910, a 2.ª de 1917, a 3.ª de 1928 e a 4.ª de 1954. A primeira fo uma obra pequena; a segunda, o A. ampliou bastante a pesquisa; mas livro exgotado de há muito, tornara-se raridade bibliográfica. Um único exemplar que se conhecia, em Pôrto Alegre, dêsse volume de capa vermelha, pertencia a um servente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio Grande do Sul.

São vacilantes as fontes populares de Simões Lopes, porque é visível a intervenção erudita nos textos, que prejudicam a originalidade e a pureza, além de outros defeitos, como a não citação da procedência, etc.

Mas foi a única obra que se publicou no Rio Grande sôbre o assunto e se não lhe bastasse êste título, poder-se-ia dizer

quanta importância tem pela quantidade de material que reuniu. A 3.ª edição é uma repetição da 2.ª, e ambas são da Livraria Universal, de Pelotas. A 4.ª publicada pelo Glôbo, veio atender aos reclamos dos estudiosos que, assim, já podem consultar uma explêndida antologia.

Compreende nove partes: I — Antigas Danças, II — Quadras, III Poemetos, IV — Trovas (cantadas ao som do Hino Farrapo), V — Poesias Históricas, VI — Desafios (Dois modelos), VII — Dizeres, VIII — Diversas e IX — Modernas.

Abre com um "Pro Menoria", seguido da "Razão do Ttítulo", que é a transcrição do verbete "guasca" de Vocabulário de Romaguera Correa,

Nas "Antigas Danças", faz um resumo de Cezimbra Jacques e às Quadras foram tiradas de nossos três almanaques e anuários principiais. Os poemetos formam uma coletânea com versos de Apolinário, Taveiro, Lobo da Costa, Assis Brasil, Caldas Júnior, Múcio Teixeira, etc.

Indispensável para se conhecerem as raízes populares da poesia gauchesca.

Ernani Braga — *"Cancioneiro Gaúcho"* — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre — 1940.

Trabalho de musicólogo, que nada tem de original. O Prof. Enio de Freitas e Castro fêz-lhe restrições quanto à falta de fidelidade aos textos populares, porque não se trata de pesquisa nas fontes de inspiração. O Autor realizou trabalho de gabinete, que parece ser a moda entre a maioria de nossos estudiosos. A não ser "a tirana", que foi obtida diretamente, as outras peças são repetiçõe smais ou menos conhecidas.

Mas de qualquer maneira divulgou o menos comum dos aspectos do Rio Grande: o musical. Traz o livro os seguintes textos: Prenda Minha, Tira-tirana-tirana, Galinha Morta, Toada, Velha Gaita, Trovas Saudosas n.º 1, Trovas Saudosas n.º 2, Chimarrita, Meu Boi Barroso, Caranguejo.

Apolinário Pôrto Alegre — *"Cancioneiro da Revolução de 1835"* — Livraria do Glôbo — 1935.

O A. que ocupou destacada posição de líder do movimento intelectual de nossa terra, no fim do século passado, deixou uma vasta obra e, entre os inéditos, seu "Cancioneiro da Revolução", edição póstuma, foi publicado pelo filho, Alvaro Pôrto Alegre, na Livraria do Glôbo.

O livro está dividido em quatro partes distintas; é uma antologia poética da revolução farroupilha e compreende uma série de esplêndidos esclarecimentos históricos.

— Augusto Meyer — *"Cancioneiro Gaúcho"* — Seleção de Poesia Popular com notas e um suplemento musical — Editôra Glôbo — 1952.

Obra escrita com bom gôsto e que presta o melhor dos serviços, pois nos devolve, torna acessível e atualiza material folclórico, sempre raro.

O livro tem sete partes distintas: I — Motivos do Fandango, II — Motivos de Trova e Descante, III — Motivos da Guerra dos Farrapos, IV — Poesia Gauchesca, V — Algumas Notas, VI — Bibliografia, e VIII — Suplemento Musical.

Além da Introdução, a quinta parte é de maior aproveitamento e utilidade.

ESTUDO DE POESIA POPULAR

São trabalhos de consulta indispensável para o estudo da poesia popular, além de outros, mais os seguintes:

Maya, Alcides: — A Poesia Popular dos Gaúchos — Conferência "Correio do Povo", de Pôrto Alegre, 24 de março de 1907.

— Walter Spalding — "Poesia do Povo" — Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — IV Trim. — 1933.

— A. C. — "Poesia Popular riograndense" — Anuário do Estado do Rio Grande do Sul — de Graciano Alves de Azambuja — 1903 — (Anú, o Tatú, A Tirana, A Chimarrita, o Zorrilho).

— M. Coelho — "Chimarrita, Chimarrita e Chimarrita". — Anuário — 1900.

— J. Romaguera Correa — "Poesia popular riograndense" — 1904.

— Walter Spalding — "Bibliografia do Folclore do Rio Grande do Sul" — Comissão Estadual de Folclore — 1954 — Principalmente os índices dos Almanaques, Anuários, Anais, Revistas, etc.

— Luiz Carlos de Morais — "O Terço nos Quarteis" — Recolhe música — Boletim Municipal, n.º 11 — 1942 — Pôrto Alegre.

— Adão Carazzoni — "A Mulata no folclore riograndense".
Doc. da Comissão Nacional de Folclore — Rio de Janeiro — 1948 n.º 43.

— Carlos von Kosseritz — "Poesia Popular riograndense" Anuário do Dr. Graciano — Pôrto Alegre — 1892.

— Carlos Von Kosseritz — "Gazeta de Pôrto Alegre" — 1880.

— P. Luiz Mariano da Rocha — "A Nau Catarineta" — Rev. da Academia de Letras do Rio Grande do Sul — 1917.

— Silvio Julio — "A Tirana entre os Gaúchos" — Revista das Academias de Letras — n.º 43 — 1943.

— José Paulo Ribeiro — "Síntese da Poesia Popular riograndense considerada como fator histórico" — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Ano IV — 1924.
— Cecilia Meireles — "Folclore guasca — açoriano", n.º 6 e "Notas do folclore guasca-açoriano, nº 8, ambos na "Província de S. Pedro.
— Augusto Meyer — "Prosa dos Pagos" — Livraria Martins — S. Paulo — 1943.
— Sylvio Romero — "Cantos Populares do Brasil" — Tomo II — Livraria José Olimpio — Rio de Janeiro — 1954.

Consultar as obras de Múcio Teixeira, Felix Contreiras Rodrigues, Cezimbra Jacques, Roque Calage, etc.

MÚSICA

A música regional gauchesca é um dos temas prediletos no estudo da tradição. A língua cantada, os versos aplicados à dança, a indumentária, os instrumentos, os passos e os movimentos, etc. constituem elementos de maior interêsse folclórico mesmo no campo da dialetologia.

O Cancioneiro Musical Sul-Riograndense e as Danças Gaúchas devem ser apreciadas em outras fontes, das quais a mais importante é a "História da Música Brasileira", de Renato Almeida, investigador de primeira ordem e autoridade e nome nacional.

Veja-se, naturalmente, ainda a obra de Mario de Andrade.

— Almeida, Renato: — História da Música Brasileira — 2.ª edição correta e aumentada — com 151 textos musicais — F. Briguiet & Cia. Editores — Rio de Janeiro, 1942. Consulta indispensável.
— O Gaúcho: — peça teatral — música de Heckel Tavares — novela de Martha Dutra Tavare s— Ilustrações de Monteiro Filho — Versos de Vargas Neto — Lith. Pimenta re Mello & Cia. — Rio — Cart. original.
— Costa, Mirian Fernandes: — Silhuetas: Danças Gaúchas — Apresentações e notas de L. G. Barbosa Lessa — s/ ed. — Pôrto Alegre, 1955.
— Músicas Inspiradas em motivos populares, mas com autores definidos.
— Alvorada Liberal: Marcha canção de Arlindo Ramos e Roberto Eggers.
— Hino a Getúlio Vargas: do P. José Leonardi.
— Vencemos: marcha-hino de Henrique Casaes e Otávio Dutra.

— Vitória Revolucionária: de Zenade Cardoso Schultz e Walter Schultz.
— Pioneiro da Vitória, hino de Guapo (Emílio Kemp) e Claudino A. de Oliveira.
— Osvaldo Aranha, marcha canção de Paulo de Gouvêa e Sebastião Santos.
— O Grito do Sul, canção pampeana, tango, do Prof. Ticho B. de A. Machado e Claudino A. de Oliveira.
— Rio Grande de Pé, hino da revolução, letra e música de João do Sul.
— Nem é Carreira!, trovas gaúchas de Anselmo e Ercina Bertolloti.
— Epopéia Farroupilha, marcha, letra e música de Julieta Urbano de Santana. (As primeira são tôdas do período revolucionário, entre 1929 e 1931. A última é de 1935).
— Côrtes, J. C. Paixão e L. C. Barbosa Lessa: — Manual de danças Gaúchas — Publicação n.º 7 da Comissão Estadual de Folclore — Pôrto Alegre, 1956.
— Côrtes, J. C. Paixão e L. C. Lessa: — Manual de Danças Gaúchas, com suplemento Musical e Ilustrativo — 2.vols. — 1.º Imprensa Oficial do Estado — Pôrto Alegre, 1956, mesmo volume da Comissão Estadual de Folclore — 2.º Irmão Vitale Eidtores — São Paulo — s/d. — 1956.
— Giffoni, Maria Amália Corrêa: — Danças Folclóricas Brasileiras — Sistematização Pedagógica — Livraria Martins Editôra — São Paulo, 1955.
— "Ensaio sôbre a Música Brasileira" de Mario de Andrade (S. Paulo, 1928).

Contém as seguintes melodias populares do Rio Grande do Sul:

— 1) Ronda (Zona Missioneira)
2) Vacariana (Mazurca)
3) Terço
4) Toada do Chico Sôrro (Serra)
5) Toada do Louro-Louro (Serra)
6) Toada do Oneron (Missões)
7) Prenda Minha (moda)

Livros com textos musicais, entre outros:

— "Rumo ao Campo" — de Pedro Luis Osório.
— "Amores do Capitão Paulo Centeno" de Felix Contreiras Rodrigues.
— "Almanaque Literário e Estatístico de Alfredo Ferreira Rodrigues.
— "Coleção Gauchesca" — folclore — Arranjos de Victor R. Neves — Ricardi — S.Paulo, 1955 — Album n.º 1: e — Prenda Minha, 2 — Terol, 3 — Nos meus pa-

gos, 4 — Moreninha, 5 — Maçarico e 6 — Boi Barroso.

— Enio de F. e Castro — Pesquisa sôbre "Quicumbis" e "Moçambiques" nas "Congadas" de Osório. Ed. da Associação RioGrandense de Música, 1945.

— Luiz Cosme — "Oração à Teiniaguá". Algum Musical "Composições de Autores Riograndenses do Sul — Departamento Central de Organização do Bi-Centenário de Pôrto Alegre Alegre — Irmãos Vitale, 1940

— Luis Cosme — "Gauchinha" 1940.

— Sotéro Cosme — "Cousa Velha" — Versos de Vargas Neto — 1941.

— Nato Hem — "Festa dos Navegantes". 1939 (?).

DESENHO

Existem obras gauchescas, trabalhos impressos, exclusivamente de artistas plásticos.

Consulte-se, como trabalho primoroso de arte gráfica, a Edição da Livraria Martins (1953), S. Paulo: "Lendas do Sul" de Simões Lopes Neto, admiràvelmente ilustradas por Nelson Boeira Faedrich, pintor riograndense.

Ernest Zeuner, ilustrador da Editora Glôbo, tem feito, nestes trinta últimos anos, ótimos desenhos, gravuras, capas e ilustrações para os livros de Darcy Azambuja, Vargas Neto, Felix Contreiras Rodrigues e muitos outros autores.

— Lendas Brasileiras: — 25 lâminas, sendo 13 de lendas gaúchas — Desenhos de José Lutzenberger — Textos de Ciro D. Ferreira, Ivo Sanguinetti — J. C. Paixão Côrtes e Luiz Carlos Lessa — 35 Centro de Tradições Gaúchas — Livraria Pluma — Pôrto Alegre.

— Bianchetti, Glênio: — Seis ilustrações — linóleos — de motivos populares gauchescos — Editôra Estampa — Pôrto Alegre — 1956.

— Scliar, Carlos: — Gravuras de temas gaúchos. Editôra Estampa — Pôrto Alegre, 1957.

— Brans, Isolde: — História do Traje Gaúcho Brasileiro — Notas de Dante de Laytano — 4 estampas editadas pelo Laboratório Geyer S.A. — Pôrto Alegre, s/d — 1956.

— Lutzenberger, José: — O Caixeiro Viajante no Rio Grande do Sul — Der Musterreiter — Ilustrações — Tipografia Mercantil — Pôrto Alegre, s/d.

— Lutzenberger, José: — O Colono no Rio Grande do Sul — Der Bauer — Desenhos com textos em português e alemão do P. Edvino A. Friderichs, S.J. — Tipografia Mercantil — Pôrto Alegre, s/d. — 1950.

— Lutzenberger, José: — O Gaúcho Antigo no Rio Grande do Sul — Tipografia Mercantil, Pôrto Alegre — s/d.

MÚSICA REGIONAL GAUCHESCA E A SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DO RIO GRANDE DO SUL

Dando cumprimento à sugestão do professor Carlos Barone, Superitendente de Educação Artística, da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, a professôra Ida Paolini, orientadora de Música e Canto Orfeônico, delegados do Rio Grande do Sul na 1.ª Reunião Nacional Consultvia de Canto Orfeônico, realizada no Conservatório Nacional de 7 a 16 de julho de 1958, no que se refere ao intercâmbio entre os Estados de músicas folclóricas, regionais e cívicas, esta chefia está enviando aos professôres representantes dos vários Estados presentes ao conclave, uma coletânea de músicas especializadas para Canto Orfeônico.

Integram esta coletânea as seguintes canções: Prenda Minha —Boi Barroso — Velha Gaita — Pèzinho — Chimarrita — Balaio — Tirana — Chimarrão — Sul — Noites Gaúchas — Minuano — Luar — Luar do Sul — Meia Cancha — Saudade do Gaúcho — Negrinho do Pastoreio — Causa Velha — Cirandas — Gauchinha — Hino Rio-Grandense, de Joaquim José de Medanha — Canto do Orfeonista — Soldado do Meu Brasil — Ser Brasileiro — Brasil — Canto de Pé — Oração da Pátria e outras, de autoria ou arranjos a vozes pelos compositores: Vitor Neves — Enio de F. Castro — Paulo Guedes — Maria Oeste — Sueli Abreu Lima — Maria de Lourdes Rangel — Paixão Côrtes — Barbosa Lessa — Beatriz Regina — Normélia Alves Volpe e Arthur Etges.

As conclusões da 1.ª Reunião Nacional de Canto Orfeônico da qual participou também o maestro Villa-Lobos incluem recomendações de grande alcance para o ensino, entre elas no que se relaciona com a criação de conservatórios Estaduais de Canto Orfeônico e o estabelecimento de normas para a orientação e fiscalização do ensino desta disciplina, que serão submetidas oportunamente à consideração do Ministro da Educação e Cultura.

ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA E O RIO GRANDE DO SUL

Saliente-se, ainda, a investigação do Prof. Luis Heitor Correa de Azevedo, atualmente na UNESCO, em Paris, que fêz, no Rio Grande do Sul, pela Escola Nacional de Música, da Universidade do Brasil; importante pesquisa de música regional gauchesca e cujo material colecionado, é abundante e de primeira ordem, encontra-se guardado na Cadeira de Folclore daquele estabelecimento de ensino superior. Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.

INFLUÊNCIA

A linguagem sofre, no seu conteúdo nìtidamente português, evidente, diversas influências, no Rio Grande do Sul, das quais podemos salientar as seguintes: açoriana e brasileira, a espanhola vinda pelo Rio da Prata, a indígena e a africana.

Quando se fala da influência brasileira no linguajar gaúcho, temos em vista salientar aspectos históricos de grande importância: a penetração, a conquista, a ocupação e a colonização.

As bandeiras, os lagunenses, e os habitantes da Colônia do Sacramento, formando, todos êles, as primeiras camadas dos reconhecedores e povoadores do Continente de S. Pedro.

É verdade que não se pode distinguir, através dêsses elementos da natureza civil, econômica ou sociológica, a respectiva contribuição à formação e as origens do linguajar do gaúcho, mas se deve mencionar que foram êles que constiutiram a base inicial do tipo étnico.

Ao lado dêles, os militares representam uma parcela decisiva nos primórdios do Rio Grande, vindo principalmente de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas, além de outras capitanias, como Bahia e muitos de Pernambuco, para falar sòmente nos principais contingentes, além dos que chegaram do Reino. As fôrças militares que serviram na Capitania d'El Rei não foram elementos adventícios na nova terra ou que tenham passado rápido nela.

Pelo contrário, o Rio Grande os atraiu, além das obrigações das armas, e a oficialidade, da tropa de linha ou não, radicou-se aqui, transformando-se de militares em estancieiros, sem algumas vêzes deixar o Exército.

Fenômeno que tem sido assinalado pelos nossos historiadores e ao qual o estudioso dos problemas gaúchos necessita prestar a devida atenção.

Também, então, a linguagem sofreria o impacto de tais dependências ou proveniências.

Claro que estávamos em pleno comêço da vida do Rio Grande, para já se falar em influências, uma vez que êsses elementos foram os primeiros, cabendo a êles a tarefa do desenvolvimento do território, mas sua presença deixou marcas precisas e definitivas, que se refletiram na progressiva formação do linguajar gaúcho.

Já, na leitura de documentos administrativos, mesmo os de caráter particular, ou nas peças de arquivos sôbre batalhões ou regimentos tem-se procurado os dados lingüísticos dos primórdios do nossso dialeto.

Aurélio Pôrto, Eduardo Duarte e Augusto Meyer, além de outros naturalmente, explicam assim o aparecimento de vários regionalismos gaúchos, nem sempre brasileirismos.

Augusto Meyer, o mais recente, nas notas do livro "O Gaúcho" de José de Alencar, observa que "para o estudo do vocabulário gaúcho devem ser compulsados entre as fontes locais mais antigas: a "Devassa sôbre a entrega da vila do Rio Grande às Tropas Castelhanas (1764), a "Notícia Particular do Continente do Rio Grande do Sul" de Sebastião Francisco Betanio (1780), o "Compêndio Noticioso do Continente do Rio Grande de São Pedro, de Francisco João Roscio (1781) e o "Diário Resumido" de José de Saldanha, cujas notas constituem antes, nos referentes a expedição de Gomes Freire de Andrada às Missões Orientais e na documentação missioneira de procedência castelhana, começam a aparecer algumas vozes regionais..."

Continua, em seguida, o mesmo A., que fêz uma análise interessante: "A palavra *pampa* já consta de uma carta de Francisco de Brito Peixoto, Governador de São Paulo (1723). V. Rêgo Monteiro, Dominação Espanhola. Rio 1935, pág. 12.

No "Diário da expedição de Gomes Freire de Andrade às Missões do Uruguai", lêem-se: *lomba, pelota, chafalote, chasque, charque, reiúnos, ginete, rodejo, estância, ponche, lombilho.*

Na "Devassa", colhi: *chifalote* por *chifarote, pelego, tombilho, pião e peão, rodeio, reiuno, estância, estancieiro, carreta, chasque, cachonilho* por *cochonilho.*

Na "Notícia particular", encontram-se: *estância, rincão, piaens, alçado, ronda, rodeio, reiúnos,* e o verbo *reiunar,* isto é, cortar metade da orelha direito dos cavalos, esclarece Bettamio, que é o primeiro a descrever as peças dos arreios: — *lombilho, rabicho, peitoral, cabeçada, pelego, caronas.*

No "Compêndio Noticioso", *alçado, reiúno, guasca, posteiro, rincão, charqueada, rancho, pôsto, retovado, passo, fandango, carrêta, peões, carreteiros, rodeio.* Já em Francisco João Roscio, nota-se a preocupação de abrir comentário, para explicar o significado das palavras. O "Diário Resumido", porém, marca, então, a data mais assinalada, como contribuição léxica e tentativa de elucidário. Na documentação portuguêsa, foi o primeiro a registrar a palavra gaúcho, abrindo nota para sua explicação, e anotou ainda os seguintes vocábulos: *carência* por *querência, carrêtas, albardão,* (coxilha falsa), *vaqueano, lichiguana, anta, pelota, capão, restinga, tuna, jerivá, salso, rodeio, tacuru, bolapé, bolas e laço, ponche, bichará, pala, bagual, umbu, motuca, campestre, gravatá, Chirca, jacu, potreiro, pampa* (Pampas, ou Campanhas ao Sul de Buenos Aires), além de alguns outros que não cabem nesta relação. Excetuada a longa descrição da carreta por Francisco João Roscio, as suas notas são sempre as mais completas, e algumas ressaltam pelo grande valor etnográfico".

AÇORIANOS

A sedução do tema açoriano no Rio Grande é realmente enorme; entretanto, deixando de lado todos os variados sentidos antropológicos, geográfico ou histórico que sugere a rica, abundante e compacta influência açoriana, vinda diretamente do caudal imigratório do século XVIII, permaneceremos apenas nos já diversos moldes da sua incidência e presença na linguagm do gaúcho.

— *Dialeto* — O aspecto daletal do problema, apreciado do ponto de vista pròpriamente da língua, consta da Gramática Portuguêsa de Alfredo Gomes, aliás baseada em informes de Leite de Vasconcelos, mas de qualquer maneira é o filólogo brasileiro um dos raros que trata do caso.

Os principais característicos dos dialetos insulares, não só Açores mas das ilhas madeirenses, ao que tudo indica, são dois:

— troca do *o* em *u: flur*, amur, bum, por flor, amor, bom;

— corrupção de *aõ* em *ã:* de ei em é, mã, nã, sapatêro, mantêga.

— *Linguagem* — Apolinário Pôrto Alegre (1844-1904) foi dos mais fecundos pesquisadores e escritores do Rio Grande do Sul, tendo uma vasta obra de antecipação em muitos campos da ciência e da literatura.

Alude, num artigo repleto de informes ótimos "A Língua Portuguêsa no Sul do Brasil — Ligeiro estudo sôbre formas quinhentistas" (que apareceu no "Almanaque Popular Brasileiro" de 1910, talvez transcrito) à influência açoriana no Rio Grande, Paraná e Santa Catarina, "onde se fala o português mais extreme e castiço, e sem os viciamento do norte".

"Mas deixemos os lexicógrafos, em traços rápidos e a cálamo-corrente exibimos alguns escantilhões, que são de certo de puro quinhentismo e de provável procedência açoriana".

"Cambota, camba de rodado (Os dicionários não o trazem) um desenho que possúo, é todo maciço e compacto, como os dos nossos roceiros em geral, e compõe-se igualmente de duas cambotas e um meião, tendo êste o peito bastante relevado e cheio. Hoje já começa-se a fazer a substituição pela roda de raios.

"Cerceiar, com a acepção de cortar rente, que pertence agora à linguagem literária e erudita. Está caindo em desuso. Ex.: "Cerceiar a árvore, o tronco, os galhos. O Machado cerceirou-lhe o dedo".

"Cômputo, conta, calculo, como em: "Vamos fazer o cômputo da despesa". Hoje em desuso. É atualmente palavra do domínio dos calendários, mas há vinte anos, no Morro de Sant' Ana era popular e empregada por analfabetos. Assistí à luta

entre as duas palavras concorrentes, assistí à morte da fórma debatendo-se contra o elemento novo, o que foi a seleção pela lei do menor esfôrço".

"Eito, série de cousas numa direção, numa linha, a fio; como em: "Um eito de campina, de mato, de derrubada".

"Nuel, implume, sem penas; como em: "Ave, pinto, ninhada, passarinho nuel". Nenhum dicionário o menciona"

"Obrigação, família. Diz Bluteau que é termo rústico da Beira; pasou, portanto, desta para os Açores. Quando dous de nossos componeses se encontram, depois dos primeiros cumprimentos, vem logo a ritual pergunta: "Como vai a obrigação".

"Penso, inclinado, pendente; do latim pensus, e que, apesar de tão clássica, não é consignada nos dicionários. Ex.: "O outro está penso. "Esteio penso. Mesa pensa".

"Terçó, o último filho nascido; é sinônimo de caçula e caçulé, vocábulos brasileiros de orígem bantú. Em Portugal significa o último animal de uma barrigada ou ninhada; passou: por extensão, à criatura humana".

"Quase todos os termos de lavoura são de idêntica procedência, passando alguns da linguagem marítima para os servis e utensílios rurais e campeiros, como rajeira".

"O verbo "passar-se" com o sentido de ter delíquio e morrer; as fómas verbais "despida-se" por despeça-se, "mida" por meça acusamos passado quinhentista, que está a expirar às portas de Pôrto Alegre".

"Por vêzes surge um vocábulo da mais remota antiguidade, e que os léxicos, apesar de ser ainda um organismo vivo, resto que sobrevive das primeiras formações da língua, nunca recolheram".

"Tal é o caso do verbo "Hostar", hospedar, e que não é errôneo, pois no latim "hostis" não só significava estrangeiro que se recebia em casa, à mesa, o hóspede, por consequência, bem como o inimigo. Os Romanos, como os outros povos, em seu período primitivo, consideravam os estrangeiros, aqueles que não lhes falavam a língua, como inimigos; como inimigos; daí o prolóquio latino: "Hospes, hostis. Por isso Hostar", de hostis, e hospedar, de hospes são derivações normais. A diferença é que um pertence ao núcleo primário da formação da língua portuguêsa e o outro é de data mais recente".

"O "Promode", que tanto fere os tímpanos da gente culta e em alguns até desperta riso, é mera contração duma locução adverbial, por amor de. É aliás um processo regular e não uma anomalia. Destoa aos nossos ouvidos circunscrito à comarca da rusticidade".

"Apenas respiguei ligeiramente no terreno do português açoriano, não levando em conta a seara de contingente que-

chuas, guaranís e bantús, assás farta no morro de Sant'Ana, é microsmo do Rio Grande do Passado".

"Em outras partes tenho encontrado fórmas. Assim "rancho", ainda usual nos Açores com a significação da palavra inglêsa pick-nick, donde fizemos pique-nique, por intermédio do francês; e como colateral, aparecia a sinônimo "farrancho". Em vez do inglês lunch, empregava-se o vocábulo merenda, que, entre os Romanos e no Português continental, constituia ligeira refeição, entre o jantar e a ceia; mas entre nós era entre o almôço e o jantar. Muitos para exprimir o mesmo diziam também "fazer as onze", não querendo por ventura confundir com merenda, de meridies, meio dia".

Isto demonstra que podiamos perfeitamente dispensar anglicísmos".

FONÉTICA

Cezimbra Jacques que estudou muito bem a gente e os costumes desta parte o Brasil, no seu livro "Assuntos do Rio Grande do Sul", menciona a contribuição de elemento açoriano.

Escreve êle que "os açorianos tinham um metal de voz um tanto cantado e nas palavras, tais como — carvão, cargueiro, modificaram-nas, dizendo carivão, cariguero. Êste sotaque e essa modificação na pronúcia ainda se nota até hoje, posto que não em grande abundância, nos lugares a êste de Pôrto Alegre, tais como o município de Torres e no de Viamão, especialmente na Faxina".

Apolinário já observara, o fenômeno, naquel estudo citado: "Em Santa Catarina ainda a senhora nas principais cidades deslaça a voz, cantando, que é herança do ilhé, mantida também nas classes rústicas e plebéias.

"No mesmo Rio Grande, no lugar em que moro, por exemplo, a pouco mais de légua de Pôrto Alegre, a mulher conserva em geral a pronúncia em inflexões moduladas, relíquias sobreviventes de seus avós, ao passo que o homem no contínuo atrito da capital, em relações diárias de comércio, modificou-se a fala como a generalidade dos riograndenses".

"É próprio do sexo feminil pelo mais ferrenho apêgo à tradição, pelo seu maior isolamento, a fidelidade na conservação do passado".

"A região montuosa da Casa Branca ou Morro Sant'Ana, outróra rincão de S. Francisco, é uma mina para quem observa e estuda".

Ao contribuir para o Congresso de Língua Nacional, que Mario de Andrade promovera, em S. Paulo, no ano de 1937, escreviamos uma tese, quando, entre vários registros, assinalaríamos, através de Alcides Maya e Simão Lopes Neto, casos

fonéticos de acréscimo, supressão, medial, permuta e nasalação, e indo ao terceiro, citamos o *p'r'o* que fica em lugar de *para o,* ainda por influência do açoriano, o gaúcho reduz a quantidade das palavras, obedcendo a uma velha lei da formação do português, pois João Ribeiro nota que a quantidade latina não foi sempre desrespeitada, por isso que nas línguas românicas a vogal átona é sempre breve. Não é uma peculiaridade açoriana sòmente, mas, no Rio Grande, acredita-se tenha essa origem.

GAUCHISMOS

As relações entre os vocábulos arcaicos e a linguagem dos gaúchos tem sido aqui e ali apontadas.

Elpídio Ferreira Paes, que escreveu uma memória de grande valia sôbre a língua dialetal, trabalho original e único na nossa litratura, pois fêz uma rigorosa análise de fonética e gramática, também acha, amparado por sua vez em Apolinário, que numerosas formas quinhentistas, de provável origem açoriana, foram conservadas na linguagem do sul. Tais como "penso (inclinado), "rejeira", "passar se" ter delíquio), "promode", etc.

Walter Spalding, num interessante trabalho — "Arcaísmo portuguêses na linguagem popular do Rio Grande do Sul" defende, em detalhado estudo, a tese de que os arcaísmos da linguagem do gaúcho são provenientes dos Açores e argumenta.

"Luiz da Silva Ribeiro, em precioso trabalho Arcaísmo na linguagem popular da Ilha Terceira, "Angra do Heroísmos portuguêses na linguagem popular do Rio Grande do Sul" e já hoje obsoleto linguajar do Continente. Ora, transportado para o Rio Grande do Sul, continuou aqui a mesma língua e, por necessidades ambientes e meios e modos de vida, modificou, por analogia ou necessidade de criar têrmos, o sentido de muitas palavras, conservando, porém no geral, seu modo arcaico de falar e expressar-se".

Dess'arte, confrontando o atual linguajar gaúcho com o velho e ainda atual linguajar açoriano e o dos escritores portuguêses de 1.400 a 1.800, veremos que nós, na gleba gaúcha, *não sofremos, como* é hábito *afirmarem, influência castelhana digna de nota, mas conservamos, intacto por assim dizer, o linguajar açoriano".*

Recolhe, então, ao redor de 150 arcaísmos da língua popular gaúcha, que são os seguintes: abaxar (abaixar), abrasiado (vermelho, ruborisado), abusão (êrro, ilusão, engano), achegamento (união), achegar (chegar, reunir, aproximar), açucre (açúcar), acupar (ocupar), adevinhança (advinhação), adevinhar (advinhar), afloxar (aflouxar), agachar-se, render-

-se abaixar-se, sujeitar-se), agardecer (agradecer), alembrar, (lembrar, recordar), alembre (pessoa esperta, arame-alambrado), alevantar (levantar, erguer), alimá (animal), alimpar (limpar, almáro ou almáiro (armário), alumiar (iluminar, fazer luz, compreender, brilhar), amenhã amanhã), ametade (metade), amor, por amor de, pró móde, pramóde, amóde, amostrar (mostrar), então, antãoces, apeiro (parte dos arreios que serve para o govêrno, segurança e ornamento do cavalo), assossegar (sossegar), assigurar (assegurar), ánga, (sentar), assossegar (socegar), assigurar (assegurar), ánga, augua (água), avantagem (vantagem), Badana (carneiras), baile, beile), bautizar, bautismo (batisar), bombachas (calções) largos e compridos que se atavam por baixo dos joelhos), brabo (brabio), breta (corredor de madeira para o gado ir ao banho, etc).. Cangar (deixar-se enganar, jungir, etc.). cargar (carregar), carreta, carreteiro, cata, cata (procurar), cola atada (costume campeiro; rabo atado), companha (companhia), conduito (conduto), contia (quantia(, corno (chifre, corneta, etc.).

Defensão, defensar (defesa, defender), deferença (diferença), dereito (direito), des (desde), desparar), despois (depois), desposto (disposto) devisa (divisa), disgraça (desgraça), dona (senhora), dromir (dormir), Emaginar (imaginar), emborcar (cair de bruços), enício (início), entorce, entorces (entortão), entremente, entrementes (entretanto), enveja (inveja), enxuito (enxuto), escachar (esmagar), escarnho (escárneo), escuitar (escutar), esprito (espírito), esprementar (esperimentar), estamagado (aflito) ofendido, estamago (estômago), estória (história), estralar, (estalar), estromento (instrumento). Filosomia (fisionomia) fôlgo (fôlego), fremoso, formoso, fremusura fermosura, fermosa (formoso, etc.), florecer, (florescer), fruito, fruita (fruto, fruta), Gardecer, gradecer (agradecer), gorgomilho, (garganta), habelidade(abilidade), inorme (enorme), insinar, (ensinar), isame, insaminar (exame). Junto a (junto de), le (lhe), lencença (licença), lerdo (tardio) luita (luta), maginar (imaginar, mato (mata), menhã, (mesturar (misturar), milhor (melhor), molher (mulher), mui (muito), noitecer (anoitecer), onte (ôntem). Passo (de vagar), a passo, peão (empregado, etc.), perdença (pendência), perjuizo (prejuízo), Pertenção (pretenção), pertender (pretender), piadade (piedade), piedoso), piqueno (pequno), pinchar (impelir), pormeter (prometer), pôs (pois), precurar, prescurar, (procurar), preguntar (perguntar), premeiro (primeiro), premeter (prometer), profeitamente, prefeitamente (perfeitamente), proprio (própio). Raivar (encolerizar-se), rasto (restro), reposta (resposta), rezão (razão), riba (ribeira, acima). Sacrefício (sacrifício), saluço (soluço), samear (semear), simbrante (semblante), sêmos (so-

mos), sestroso (manha), sintimento (sentimento), sintir (sentir), somana (semana), sospeitar (suspeitar), sumiço (desaparecimento), tabalião (tabelião), taleigada, talagada (quantidade grande — principalmente de debida), tão-bem (também), trás, trasantonte (por trás, ante-ôntem), treição (traição), tresteza (tristeza), verar (cruzar o rio, etc.), velume (volume), vertude (virtude), vesitar (visitar), verpera (véspera), vever (viver) e vesinho, vezinhança, vezindário (vizinho, etc.).

Vim(

Esta longa relação de nomes de arcaísmos portuguêses usados na língua atual do gaúcho não é, quase sempre privilégio do Rio Grande, pois constitui fenômeno comum à língua popular do Brasil. Entretanto, o A. fêz interessante abonação em escritores regionalistas sul-riograndenses e clássicos quinhentistas da literatura lusitana, documentando a sobrevivência, permanência, existência de vocábulos arcaicos em plena corelação uso e emprêgo pela gente simples da pampa brasileira.

Não sendo palavras exclusivamente locais, dialetais ou provinciais, como não pode mesmo ser, elas, contudo, existem vivas e perenes na linguagem popular do gaúcho que às herdou dos açorianos, uma vez que foram êles que as trouxeram para o Rio Grande e os têrmos aqui se aclimataram sem dificuldade.

VOCABULÁRIOS

Indo-se por exemplo, à uma área econômicamente mais atrasada e onde, do ponto de vista sociológico, a cultura açoriana ficou mais intata, como na faixa litorânea, principalmente ao Norte do Rio Grande do Sul, para ser mais preciso, no município de Tôrres, limítrofe com Santa Catarina, encontraríamos, entre os pescadores, um vocabulário todo especial, oriundo das ilhas e que se mantém até hoje em dia.

Temos, empregado na linguagem diária do pescador, os arcaísmos macacor (doença, enxaqueca) e marion (pessoa sem moral), têrmos antigos, também, como inquisição (dúvida, arengar), côvado (média: 68 cms.) e pensão cuidado); as de arte náutica transplantadas com outro sentido que são as palavras vigia, (olhar) veleira, trabuco (mal feito), tripulação (moradores de uma determinada zona), piloto (ajudante de agrimensor, guia, etc.), engulho (vômitos sêcos) e alijar (vomitar). Completar-se-ia com a terminologia da pesca: manjuá (balaio de pescaria feito de cipó), engingado (encolhido), engôdo (ato de atrair o peixe) e cuar (ato d preparar o peixe para salgar).

O vocabulário érico e de muito mérito não só quanto à etimologia, mas pela semântica e sua procedência do arquipélago.

A pesquisa inicial deu perto de trezentos vocábulos, que foram reduzidos a cem, depois de atento exame em relação ao seu emprego, importância lingüística, etc.

AÇORIANISMOS

Manoel de Paiva Boléo, professor de Filologia Portuguêsa da Universidade de Coimbra, autoridade em idioma lusitano, realizou inquéritos especiais sôbre dialetologia, fazendo uma importante execução científica ao Estado de Santa Catarina.

Escrevendo, em vários trabalhos, a respeito do problema açoriano, analisa-lhe principalmente a extensão e ocorrência.

Diz êle que "é interessante notar que a pronúncia com ditongo, afinal a pronúncia do português normal (só com diferença de que nós pronunciamos *ai* e os brasileiros *êi,* mantendo o timbre próprio do *e*) foi considerada preferível no 1.º Congresso de Língua Nacional, reunido na cidade de São Paulo em 1937. E não é menos interessante saber-se que a pronúncia do ditingo *ei,* se nos depara em certas regiões portuguêsas (no Algarve, p. ex.) e em especial nos Açores, pelo menos n'algumas zonas. O ditongo, *ei* é pronunciado invariàvelmente *êi* e não *ai,* qualquer que seja a posição em que se encontre: boêro, caminhêiro (Resposta do Sr. Waldemar de Souza Medeiros — Ponta Delgada — ao inquérito língüístico organizado pelo A. em 1943).

Mais adiante: "No distrito de Ponta-Delgada (Açores), são freqüentes os substantivos e os verbos de tema em *a* em que se suprime o *r* final: carcanhá (calcanhar), scarrá, gaguejá, chamá (chamar) e jejuá (jejuar), conforme resposta de Walter de Medeiros, vê-se que "esta pronúncia encontra-se, mais ou menos, em todo o resto da Ilha de São Miguel".

Também argumenta "que em localidade da Ilha de São Miguel se ouve, a cada passo, dizer *senhara* por *senhora* (informação por carta, ao filólogo português, da Prof.a Maria do Carmo Oliveira e Dr. José Maria de Medeiros). Não estará aí, pergunto eu, uma das fases anteriores do brasileiro sinhá?" o que seria de curioso efeito na análise das proporções da influência açoriana.

Continua, depois, o mestre de Coimbra: "Ora vim a saber, pelo Inquérito Lingüístico, que no distrito de Ponta Delgada, designadamente na população de Arrifes, ainda se usa esta pronúncia: orvaio carrie (carrilho, nome de carolo — interior de maçaroca, depois de tirados os grãos), oveias, coeio, cestias (cestilhas, instrumentos para caçar pássaros), abêia, bor-

raio, joeieiro ajoeiar (ajoelhar). Merecem ser conhecidos, a êste propósito, os seguintes esclarecimentos fornecidos pelo Sr. Walter de Medeiros: É característica do local a elisão, na pronúncia, do grupo *lh* (mio, fôia, ágúia, milho, folha, agulha), que fica sòmente a revelar-se pela maior tonicidade das vogais que o procediam; o que podia grosseiramente representar-se de acôrdo com a simbolização fonética em desuso, por milho, fôlha, em que o *h* traduziria uma como elementar aspiração realizada entre duas vogais intermediárias".

Dissecando, em detalhes, o problema fonético, o A. faz alusão "a um outro traço da pronúncia brasileira, que, não se encontrando em tôdas as regiões, parece tender, no entanto, a generalizar-se — trata-se da consoante *t,* pronunciada, segundo creio, com a ponta da língua, não sôbre os dentes incisivos superiores, como ormal português mas na região alveolar (a semelhança do *t* alemão), o que dá a impressão de ser seguida duma ligeira aspiração e o aproxima da paletal africana *tch:* boa noite. Por isso os Portuguêses, quando querem imitar os Brasileiros, reproduzem a palavra absolutamente desta forma um tanto exagerada: *ábissolutamentche* — Ora essa pronúncia pelo menos aproximada, existia também nos Açores".

Estuda, em seguida, com mais pormenores o son *th* nos Açores.

O A., finalmente, propõe que se procure saber qual foi a região de Portugal que deu maior contingente para o povoamento dos Açores e Madeira ou de que ilha do arquipélago açoriano saiu maior quantidade de emigrantes para o Brasil e para que regiões foram elas de preferência.

Mas de qualquer forma é sempre preciso dar importância ao açorianismo na língua, a influência açoriana, no caso de suas transplantações para o Brasil e, em particular, a parte meridional da América Portuguêsa.

ESPANHOLISMOS

A influência espanhola, vinda pelo Rio da Prata, no linguajar do gaúcho brasileiro, é uma conseqüência sociológica, não só de áreas comuns, fronteiras geográficas e tipo idêntico de atividades econômicas, mas de relações humanas e históricas muito intensas.

O Rio Grande não é espanhol, como se pretende fazer crer ao resto do Brasil, nosso lusitanismo, fidelidade a Portugal e as guerras cruentas para manter o domínio de Lisboa, são provas suficientes para demonstrar como nos integramos no todo da América Portuguêsa.

Não foi uma obediência platônica, teórica ou rendosa, muito pelo contrário, o espírito de brasilidade de nossa gente teve de ser defendido de armas na mão.

O fenômeno oposto é que merece atenção, a influência luso-brasileira, no Rio da Prata, através do Rio Grande; aliás, estudos que já estão sendo feitos no Uruguai, Argentina e agora no Rio Grande do Sul. Vejam-se, no primeiro país, as pesquisas de Adolfo Berro Garcia e Ildefonso Pereda Valdês.

Não sendo possível o exame dessas questões de contágio, intercâmbio e reciprocidade, nem tão pouco a respetiva análise, por intermédio dos livros de historiadores, vamos nos ater única e exclusivamente num dos aspectos parciais, que é de fato boa contribuição hispano-rioplatense no linguajar do gaúcho brasileiro do Rio Grande do Sul, segundo a opinião dos investigadores, apenas no campo da dialetologia.

Não escapou, nem tal podia acontecer, aos autores de vocabulários gaúchos, a presença de abundantes palavras e frases espanholas ou rioplatense se Romaguera Correa já, em 1897, escrevia: "O Rio Grande, desde o seu povoamento, visitado pelos espanhóis e seus descendentes das margens do Uruguai, em contínuo contato e identificado com êstes pela comunidade da indústria principal, dos costumes, usos, e índole cavalheiresca e altiva; obrigado pela necessidade, e muitas vêzes por imitação, foi pouco a pouco apossando-se de seus têrmos e expressões..."

Segue-se Cezimbra Jacques, que começa dizendo que 'entre nós riograndenses do sul, por uma influência mesológica e em grande parte do espanhol falado do Prata, acentuou-se um dialeto..."; e, mais adiante, no seu livro "Assuntos do Rio Grande do Sul": "Voltando agora a falar novamente da influência da língua espanhola na nossa, isto é no nosso dialeto, cumpre dizer que ela não atuou sòmente quanto à pronúncia, atuou também diretamente, pela invasão de grande número de palavras entre nós aclimadas..."

Roque Calage imagina, com exagêro, que 60% dos vocábulos riograndenses são de origem hispano-platina ou puramente platinos; e Luiz Carlos de Morais afirma, sem sombra de dúvida, que querer-se negar a influência platina no dialeto que falamos é obra de insensatez desmedida".

Não parece ser necessário excluir-se esta influência, o que seria impossível, mas reduzí-la, sim, aos seus devidos têrmos.

Aurélio Buarque, na edição crítica dos "Contos Gauchescos e Lendas do Sul", escreve que "o primeiro aspecto, aquele que a um simples lance de vista ressalta, no vocabulário de Simões Neto, é certamente a contribuição espanhola, de um modo geral e, mais particularmente, platina".

Muitas vêzes os espanholismos já são apenas vocábulos platinos, têrmos de procedência indígenas ou negra que se

incorporaram ao falar espanhol do Rio da Prata e de onde vieram para o Rio Grande do Sul.

Acresce, ainda, considerar um terceiro aspecto: os vocábulos originários do espanhol ou do castelhano rioplatense que modificados, foram adaptados ao português.

A coleção de espanholismos, têrmos rioplatenses e os de ambos as procedências, mas modificados e adatados ao português falado no Rio Grande, é realmente enorme: changador, arreglar, alambrado, repecho, mantener, matambre, pajonal, malo, cojetilha, caña, carajá, calaveira, oigalé, oigaté, mancarrão, costilhar, cosquilhoso, empandilhar, afeitar, gaucho, entrevero, gambetear, boliche, bochinche, lonca, entrevero, macanudo, pechada, maula, propina, mermar, plata, rengo, mononguдo, prenda, pelea, rumbear, sinuelo, broma, cambiar, colorado, malacara, pulpeiro, sinuelo, soga, retaço, bagual, coronilha, sotreta, etc.

Incluam-se os vocábulos terminados em aço: guascaço, buenaço, etc. e os que finalizam em *ito;* guachito, malito, tranquito, etc. que sempre foram importados pelas vias espanholas e platinas.

Cezimbra Jacques, mais uma vez, tem razão em dizer "que na lida pastoril, levado pelas diferentes exigências dela, o sul-rio-grandense, transitando seguidamente pelas Repúblicas do Prata, com especialidade na zona da fronteira, falar, pràticamente, com a mesma facilidade que a nossa, a bela língua platina".

INDÍGENA

A penetração das línguas no português falado no Brasil é de grande significado, embora a estrutura do idioma nada sofresse que a abalasse; enriqueceu-se o idioma de Camões, na América Lusitana, principalmente ou quase apenas com a contribuição de novos vocábulos.

O linguajar do gaúcho, dentre as formas originais de dialeto Brasileiro, não fugiu à regra duma poderosa corrente de elementos indígenas.

Segundo a melhor lição, parece que se pode classificar, como proveniente de dois estoques tribais, a origem das palavras indígenas do vocabulário gaúcho.

a) guarani, para a parte histórica, isto é explicar têrmos indígenas formados no Rio Grande;
b) quichua, para a parte relativamente mais nova, ou melhor, de importação, no geral.

Romaguera Correa propõe um quadro mais amplo:

— guarani (tapera, guri, boitatá, caxerenguengue, chimbé);
— tupi (congacho, coivara, peáu, etc.);

— quichua (cancha, chacra, guacho, guarupa, guasca, guaiaca, etc.);
— araucano (poncho, chapetão, etc.);
— azteca (inhapa, galpão, etc.).

Os estudos riograndenses sôbre a influência indígena preocupam-se com a toponímia geográfica, com se pode notar, principalmente, nestes trabalhos, com excepção de Apolinário.

Aurélio Pôrto — "O Minuano na toponímia riograndense" — (Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio G. do Sul — Ano I, I trim.; ano I, III. Trim.; ano II, IV Trim; ano IV, I e II Trim.; ano V. I e II Trim.; 1921-1925).

Apolinário Pôrto Alegre — "Origens guaranotupicas do português falado no Brasil" — Popularium Sul-Riograndense — Rev. do Inst. Hist. e Geog. do R. G. do Sul — ano I — 3.º Trim.

Borges Fortes — "O Tupi na Corografia do Rio Grande do Sul" (Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio G. do Sul, ano X, III e IV Trim., (1930).

Vêem-se, ainda, citados, na pesquisa de Souza Doca, mais dois autores cujas obras não conhecemos:

— Alfredo de Carvalho — "Toponímias Tupis do Rio Grande do Sul" — 1906.

— J. Gonçalves — "Interpretações da Toponímica Brasílica no Rio Grande do Sul".

O problema desdobra-se em duas questões principais:

1.º — O tupí deve ser considerado separado do guarani ou aceitar a desigação genérica de tupi-guarani?

2.º — O ensaio clássico de Teodoro Sampaio — "O Tupi na geografia nacional" — suscitou as respectivas adatações, decalques e ampliações regionais; aliás Borges Fortes, em subt-título de um trabalho diz textualmente: "ensaio calcado sôbre..." e alude à notável obra do sábio bahiano.

O inquérito histórico dos habitantes indígenas do Rio Grande do Sul está feito nos tratadistas das Missões Jesuíticas, além de naturalmente em outros, mas com amplitude nos Pes. Teschauer e Jaeger, Conego Gay, Hemetério, Aurélio, etc. O exame das populações indígenas não é de nosso intêresse, cabendo-nos apenas esclarecer, conforme ensina, Souza Doca, na sua comunicação ao III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia (3.º vol. dos Anais), intitualada "Gente Sul-riograndense", os três estoques: Tupis-Guaranis (Tapes, Carijós, Coaguás, Guiananás, Arachanes), Gês (Botocudos, Bugres, Caingang, Coroados) e Guaicurús (Janos, Guenoas, Charruas, Minuanos).

Na verdade, é uma classificação com a qual não se pode concordar, em vista dos novos avanços da ciência, mas de qualquer maneira temos os nomes das tribos e povos principais que ocuparam o nosso território.

O vocabulário gaúcho recebeu do indígena os têrmos da geografia, flora e fauna, como aconteceu em todo o Brasil.

Devemos ter presente, ainda, a formação de muitos derivados híbridos, palavras indígenas com elementos portuguêses.

O Guarani tendo sido a língua usual das Missões e mais popular de tôdas, deixou-nos uma infinidade de palavras: chiru, biguá, mutuca, coronilha, cuia, tocaio, capincho, pixurum, sarandi, chipa, sapiranga, baita, itaimbé, Aceguá, Bojurú, atovi, guaxuma, Bagé, etc.

Evidente que os nomes da geografia, flora e da fauna repetem-se nos respectivos vocabulários de outros Estados.

O quichua sndo língua indígena do norte da Argentina, e de outras áreas do Perú e Bolívia, transmitiu-nos e incorporou ao vocabulário do gaúcho brasileiro, atravez da fronteira, muitas palavras: tambo, lichiguana, guaiaca, porongo, churrasco, xarque, chiripá, chasque, cancha, etc.

AFRICANISMOS

Os africanismos se refletiram em todos os primas: geográficos, fauna, flora, religião, etc.

O poder irradiador do trabalho, onde o negro misturava a tristeza e a saudade, projetou-se implacável sôbre os usos e costumes e, mais ainda, sôbre o orgulho dos filhos da terra.

Os africanismos no linguajar gaúcho devem ser vistos através de uma interpretação mais desenvolvida.

As condições sociais dos escravos negros nos revelam essas fôrças que vivamente se impuseram no panorama sul-riograndense.

Coligindo os africanismos do vocabulário gaúcho dividimo-los, para melhor apreciar, em vários grupos.

I — Incluimos num grupo os africanismos registados pelos vocabularistas sul-riograndenses, embora, quase sempre, não tenham êsses mesmos vocabularistas dado as respectivas etimologias:

Aricungo, angola, angico, angú.

Banzo, bobó, bombear, banguê, babá, bambaquerê, bandum, bocó, bambú (babuzal), banzear, bambear, boquinha, burundangas, balaio;

Cafife, cafua, cabungo, calombo, capenga, capanga, cangica, caximbo, candonga, candomblé, cambaio, cambada, cambota, camondongo, cazereguengue, chingar, chimbé, chicana;

Empacadeiro, encabular, enquizilar (engambelar).

Fuá, fuchicar, fandango, fufia,

Gambá, granja, guimbé,

Macota, mogango, mulanbo, muviba, malungo, mandraco, mandinga, maromba, marimbáo, moleque, matungo, massapé, muafos,

Pinguela, pito, papagaio,

Quibebe, quimbonbo,

Samburá, senzala,

Tarimba, tangolomano, tambo, tunda (tuzinha),

Zambo.

I — Palavras de origem afro usadas no nosso linguajar doméstico ou geográfico e que, entretanto, não foram incluidas nos dicionários sul-riograndenses até agora aparecidos:

Banana, bugiganga, carurú, carumbé, congo, cacimba, caxambú, cafundó, catimbáo, cafuso, caconda, fulo, gama, inhame, macuco, mulata, monjolo, mocotó, marimbono, macaco e xafariz.

III — Um grupo consta de palavras gaúchas que possuem a prosódia semelhante a alguns africanismos da linguagem brasileira.

Estão neste caso as palavras gaúchas — cachaço, cangerana, capetage, chambão e respectivamente os africanismos cachaça, cangeré, capeta e camba.

IV — Palavras gaúchas que parecem de procedência africana podem ser agrupadas numa categoria à parte, tais como fufia e outras.

A influência africana no vocabulário gaúcho está desta forma definida.

Foi da África Ocidental que nos veio uma boa parte da importação negra e os africanismos gaúchos são têrmos provenientes dêsse grupo ocidental:

Bambaquerê, bamba, banguê, banza, banzo, banzé, banzear, bambê, bombear, carimbo, catita, cafife, cafua, cabungo, calombo, candonga, camondongo, cacimba, cafuné, caximbo, caçula, curiar, coxilar, denguê, encabular, engambelar, fubá, gimbo, libambo, moxinga, mocambo, macota, macuto, minhoca, murundum, mulambo, marimbondo, marimáo, mexiba, quibebe, quilombo, senzala, tudan, tanga, tico e uricungo.

Ainda são têrmos banto:

Bimba, batuque, boquinha, burundangas, bumba, cambuta, camafange, cuimba, fuchicar, gingar, gogá, gangana, guando, jagunço, japona, libata, lundú, lenga-lenga, mataco, macumba, matambi, mazombo, mogango, moringue, moxôxô, missanga, nênê, quenga, quigila, quitanda, salalo e tamina.

São têrmos de origem africana (uso indistinto?):

Angú, candomblé, congo, inhame, matungo, e mandinga.

Assim temos um esquema das palavras de influência africana usadas na linguagem dos rio-grandenses.

Tratamos, então dos vocábulos de origem africana e alguns de seus classificadores.

Angú (aricungo, bamba, banbarquerê, bóbó, banza, banzé, batuque, bongar, carurú, congo, cacimba, cafuné, caçula, caloji, carimbo, cochilo, curiar, camafonge, denguê, enxacôcô, fubá, gambá, lundú, quibebe, quimbombo, malungo, murundum, mandinga, muxôxô, marimbáo, matungo, moleque, maromba, mocambo, mocotó, senzala, fulo, inhame, marimbondo, minhoca, macamba, camota, missanga, mataco, macuto, tamina, chingar, cangica, tatu, zungú, libamba, cafife, cafuá, casurgo, calombo, papagaio, macaco, tunda, zambo, tanga zambi cangica, candonga, candomblê, cambada, camondongo, gimbe, gongá, são têrmos que, com essa etimologia africana, constam do vocabulário de Renato de Mendonça.

Bundun, caconda, cacunda, cambaio, cambota, chicana, tambo, combuta, gama, são têrmos que Nelson de Sena recolheu como afriscanismos da nossa língua mas ainda o mesmo filólogo, Nelson de Sena, dá-nos muitas outras palavras cuja procedência considera duvidosa.

Embora faça a necessária ressalva, admite êsse estudioso que as palavras abaixo possam ter etimologias africanas:

Angico, anta, banana, bambú, mulata que de acôrdo com Nelson de Sena, "são duvdosas, quanto à origem, contestada por muitos indianólogos e vernaculistas".

Mas, em estudo mais recente, o mesmo sr. N. de Sena amplia e modifica alguns conceitos de filologia africano-portuguêsa.

Angola, bocó, bugiganga, capenga, caxerenguengue, mulambo, pito, são têrmos comuns no nordestes, recebidos dos negros, como diz Mário Marroquim.

Bombear, capanga, ganja, manguá, e samburá são palavras de procedência africana, segundo Jacques Raimundo no seu "Elemento Afro-Negro na Língua Portuguêsa".

Muitos dêsses africanismos, está claro, são simultaneamente estudados por diversos filólogos, mas dando a cada um dêles, africanismos, um de seus intérpretes da nossa língua parece ser o suficiente cara que se lhe autentique o uso (ntelectual e) popular.

Apreciamos os africanismos no vocabulário gaúcho, os mesmos africanismos nas autenticidades dos nossos modernos filólogos e agora vamos citar os recolhedores dos africanismos sul-riograndenses.

Luiz Carlos de Morais, que nos deu a melhor coletânea no gênero além de ser um dicionarista novo, no seu "Vocabulário Sul-Riograndense" inclui os seguintes africanismos:

Bamba, bambaquerê, bobinha, banguê, banze, burundangas, zanzear, cafife, cafua, cabungo, calombo, candonga, ca-

cunda, camondongo, caximbo, capenga, capanga, cangica, candomblê, cambota, caxerenguengue, catinga, chimbé, chingar, aricungo, angico, anta, agú, angola, bocó, bundum, bambuzal, balaio, bombear, fandango, fuá, fufia, gambá, ganja, guaimbé, mandraco, malungo, manguá, mandinga, maromba, marimbáo, empacaceiro, enquizilar, (engambelar), fuchicar, macota, mogango, mulambo, e muxila.

Roque Calage, um dos nossos mais interessantes regionalistas deixou-nos também um belo vocabulário gaúcho, mas escrito há uns trinta anos passados: portanto, ainda não estava dentro do atual rumo africanista dos nossos estudos.

Daí o preferirmos Morais; Calage, porém, recolheu, entre seus 2.000 vocábulos, diversos africanismos, embora não lhes citasse as origens, e aí figura "cambada", além de diversos outros.

Agora, desde os africanólogos brasileiros antigos os modernos e os seus dicionaristas do Rio Grande, está Apolinário Pôrto Alegre com o seu inédito "Popularium Sul-Riograndense".

Apolinário estudou quase todos os vocábulos de origem africana de nossa língua.

Dando ao seu trabalho o título de sul-riograndense admite assim, o uso consagrado de tais palavras negróides entre os gaúchos.

Partindo dêsse critério incluimos os africanismos do "Popularium" como têrmos regionais do Rio Grande.

O depoimento filológico de Apolinário é precioso e seu abundante material bem caberia numa pequena distribuição, por exemplo, assim:

a) Os vocábulos empregados no dialeto gaúcho e que não aparecem nos dicionários sul-riograndenses até hoje publicados.

b) Os vocábulos recolhidos pelos dicionaristas do Rio Grande, mas que acidentalmente e assim mesmo sòmente alguns, foram apreciados como africanismos.

c) Os vocábulos do dialeto brasileiro, com emprêgo no Rio Grande, cujas etimologias se podem considerar consolidadas.

Foi atendendo à expressão científica das notas do filólogo riograndense que, sempre, procuramos transcrevê-las, ao invés de interpretá-las resumindo; mas se o nosso trabalho de nada vier a valr, fica-nos a satisfação de divulgadores das pesquisas inéditas do mestre, quando editamos nosso estudo ("Os Africanismos do dialeto gaúcho", 1936).

"Popularium Sul-riograndense" — Elementos bantos de Apolinário Pôrto, além de seu extraordinário mérito intelectual, incorpora, de uma vez para sempre, no nosso linguajar um número considerável de têrmos de origem africana (158 têrmos).

Bastaria a designação de Riograndense, para aceitarmos o uso literário ou popular, dêsses têrmos no Rio Grande, embora êles pertençam, está claro, também, às vêzes, ao vocabulário brasileiro e, até, com mais propriedade.

Mas Apolinário nos impõe o uso ,agaucha um bom grupo de palavras afro-brasileiras, enriquecendo o nosso dialeto, o dialeto sul-riograndense.

Porém, para dizermos de que consta nosso vocabulário de palavras africanas, vamos fazer a seguinte chave:

I) Os têrmos do vocabulário gaúcho recolhidos e publicados nos dicionários regionalistas;

II) Os têrmos do vocabulário gaúcho apenas recolhidos por Apolinário Pôrto Alegre, no seu "Popularium";

III) Os têrmos da corografia sul-riograndense.

ESTUDOS ANTIGOS

Os estudos que chamamos de antigos, referentes ao linguajar do gaúcho, os ensaios dedicados exclusivamente ao assunto, são os publicados no fim do século passado e princípio dêste.

Indo-se às fontes gerais, evidente, encontramos referências indispensáveis à comprensão do problema dialetal, mas, como já nos referimos, noutras passagens, os filólogos e gramáticos não deram, no Rio Grande, muita importância ao caso, para não dizer que não deram importância alguma.

O nome principal é Apolinário Pôrto Alegre, seuingo-se seu continuador Augusto Daisson e, finalmente, Joaquim Gomes de Campos Júnior.

Joaquim Gomes de Campos Júnior tem publicado o seguinte:

— "Dialeto Riograndense" — Pôrto Alegre — 1909.

— "A Formação do Rio Grande do Sul" — Rio Grande — 1909.

Aepenas mencionamos os títulos que vêm citados noutros autores, pois ignoramos a existência dêsses trabalhos.

Augusto Daisson escreveu um livro — "À margem de alguns Brasileirismos", que foi prefaciado por Zeferino Brasil e editado, em 1925, pela Livraria do Glôbo.

A obra é dedicada à memória de Apolinário, traz-lhe o retrato e os estudos baseiam-se no "Popularium", cujos inéditos consultou.

O livro possui quase 150 páginas e examina as seguintes palavras: abombar, encangar, butiá, butiatuba, butiazal, penso, cambaio, guenzo, amandoim, buçal, caipora, churrasco, pabulagem, pongó, caborteiro, espia, cambicho, banzé-de-cuia,

derivados de ita, promode, verbo hostar, obrigação, cambota, nuel, charque, pagos, etc.

Em apêndice: Crônica do Partenon Literário, Prestígio de Apolinário, José de Alencar e Apolinário, Cartas recebidas e escritas pelo mestre riograndense e a notícia da morte do solitário do Morro de Sant'Ana, feita po rCaldas Júnior, etc.

O volume de Augusto Daisson precisa ser lido e é uma das poucas contribuições na apreciação da dialetologia brasileira no Rio Grande.

Falecia, na capital do Rio Grande, a 23 de março de 1904, Apolinário Pôrto Alegre, a maior figura de escritor da Província que temos tido, mesmo depois do desaparecimento do fecundo intelectual, que aliou a quantidade à qualidade de uma obra literária de fato esplêndida.

Obra e vida que se completam nêsse talento que foi ao mesmo tempo homem de ação e homem de gabinete.

Político, tomou posição, impôs suas idéias corajosamente, afrontou o exílio, pregou a revolução, teve de armas na mão e pagou um preço bem alto para manter sua honra intata.

As lides de jornalista, também, custaram-lhe esfôrço e desgaste até físico, mas a imprensa é uma paixão que se cultiva assim mesmo, com sacrifício de tôda a espécie.

Tarefa árdua essa de semear idéias, pregar, doutrinar e defendê-las, principalmente.

Não prmaneceu apenas na imprensa literária de revistas eruditas, o que já constitui missão ingrata, mas combateu das barricadas dos diários, passando pelos panfletos e manifestos.

Depois, como professor não se deixou envolver pela rotina, mas, ao contrário, renovava-se com assiduidade e a cátedra transformou-se logo em tribuna de princípios novos.

Paciente e lido, calmo e preparado, sua presença, numa sala d aulas, era a da própria inteligência.

Esclarecido, criticava e elogiava doutrinas, invadia as seareas dificílimas do mundo filosófico de sua época, então de princípios de século, inquieto, ruidoso e tantas vêzes de rumos incertos.

Seus alunos foram, entre inúmeros outros, Júlio de Castilhos e Assis Brasil, o que mostra a fôrça do mestre, quando os discípulos passam à história.

Ainda sua vida está assinalada por um fato que marcou um período de nossa evolução: fundou, animou e tornou-se a principal personagem do Partenon Literário, sociedade com fins anti-escravagistas e uma academia que permitiu ao resto do Brasil ouvir a voz dos gaúchos, sempre muito festejados como heróis guerreiros e nunca lembrados como heróis das pugnas estéticas.

Os traços de uma biografia estão aí em linhas gerais, embora as omissões e a rapidez do tratamento do assunto.

A obra que é tão importante como a vida de seu autor não se assinala pelos inúmeros livros, peças, ensaios, estudos que publicou e sim diante de sua originalidade, porque êle é o criador do nosso regionalismo literário, examinando-lhe as fontes de sua inspiração, mais as raízes dialetais e históricas.

Pioneiro, que não se define só porque a cronologia dos fatos i colocam antes dos demais e seu mérito de precursor reside justamente, que êle é o fundador da literatura regionalista, elevando-se ao mais alto prestígio, pela fôrça da evocação, originalidade criadora e conteúdo lingüístico.

Seu regionalismo aparece em contos, como na Tapera, do livro Paisagens, em romances como o Vaqueano ou em poesia, aqui e alí.

Mas sua poesia ou sua prosa revestem-se de estilo castiço e casos universais, através duma bibliografia vasta de volumes que fizeram sucesso.

Não foi estranho à confecção de um poema, que êle escreveu com gôsto ou um poemeto onde revelou sua iniciação em temas continentais contudo, por mais que pareça inacreditável, sua bagagem de peças teatrais é imensa, encenando dramas e comédias, ora de fundo histórico ou de costumes, ora de crítica e discussão.

A parte de sua obra que pode ser considerada de peqsuisa, divide-se em múltiplos caminhos: viagem, biografia, filologia, história e política.

A viagem à Laguna é um estudo científico bastante elogiado, e seu autor tem oportunidade de revelar conhecimentos inesperados, bem como no esboço biográfico de José de Alencar, uma contribuição a uma análise literária da obra do pai do romantismo nacional.

Abordando os temas de filologia, êle prefere a dialetologia e discute raízes, o popularium sul-riograndense, o dialeto nacional, o português falado no Brasil, principalmente as origens guarani-tupi e anota, corrigindo, o Diocionário de Aulete e o Vocabulário de Beaurepaire-Rohan.

Vê-se de imediato que o autor está a par das últimas investigações lingüísticas.

Examina a contribuição africana e açoriana na linguagem gauchesca, o que vale pelo primeiro passo dado nessas apaixonantes teses.

Bastam os dois levantamentos com referência à gente do arquipélago e do continente negro para que o nome de seu autor não fique esquecido.

Sem falar nas revisões que fêz de duas obras de autoridades na matéria, pois o dicionário e vocabulário não estavam modernizados então, e o mestre não admitiu a displicência.

O que tratou de história é sempre documentado, como convém. Embora os originais sôbre a revolução farroupilha se considerem perdidos, o cancioneiro de 35 é uma antologia de poesia política que pode e deve ser consultada.

Além do mais, cantou uma poesia do desterro, fêz uma lira patriótica e entrou pela polêmica destemidamente.

Onde está o biógrafo? Por que Apolinário não foi apreciado em livro especial dedicado a êle?

OBRAS DE APOLINÁRIO PÔRTO ALEGRE — Filologia: Anotações ao dicionário de Carlos Aulete. Anotações ao dicionário de vocábulos brasileiros pelo tenente-general visconde de Beaurpaire- Rohan. Anotações ao vocabulário Sul-Riograndense pelo dr. J. Romaguera Corrêa. Raízes. Dialeto Nacional. Do Português falado no Brasil. Origens guarano-túpicas.

História e política; História da Revolução de 1835. Estígmas e apoteóses. Lira patriótica. Canto do exílio. Polêmicas.

Cantos gaúchos; Paisagens.

Romances: Creoulo do Pastoreio. O Vaqueano. Beijús. Vaqueiro. Lulucha. Graciana. Flôr de laranja. Os dous amores. Homem e o Século. Palmares (romance histórico).

Poesias: Bromélias. Flores da Morte. Lampírios. Poesias. Poema: Gabila.

Poemeto: América.

Teatro: Sensitiva. Os filhos da Desgraça. Epidemia Política. Ladrões da Honra. Cham e Japhet. Jovita (colaboração com Menezes Paredes). Mulheres! Benedito. Gildo Tobias. Porcina. Crônicas teatrais.

Estudo lítero-científico: Viagem à Laguna. Populário Sul-Riograndense.

Estudo literário: Estudo Biográfico de José de Alencar.

MATÉRIA POPULARIUM SUL RIO-GRANDENSE: Introdução e um estudo sôbre o português em sua evolução nos domínios europeus; elementos bantos, quechuas, taino calinos, aztecas; do português falado no Brasil; origens guarano-túpicas; processos tupi-guaranis, na formação das palavras; origens germânica sdo português; tratamento doméstico. Expressões de carinho de pais a filhos e vice-versa. Influência primacial do tupi-guarani. Nulidade do fator africano; brinquedos e jogos infantis, superstições, crendices e lendas; enígmas populares ou advinhações; provérbios brasileiros e portuguêses usados no Rio Grande do Sul; vestuário sul-riograndense; armas, castigos e suplícios peculiares ao Rio Grande do Sul; o cancioneiro riograndense; pêlos de animais. A antiga nomenclatura portuguêsa, etc.; a cozinha rio-grandense; e nomenclatura geral.

ESTUDOS MODERNOS

Destacamos, nesta parte, três autores, embora tenhamos de mencionar outros, preferimos dividir o assunto desta maneira, pois deixaremos para o estudo da dialetologia especialmente dois autores, Elpídio Ferreira Paes e Meqsuita de Carvalho, que bem podiam ser incluídos nos Estudos Modernos.

Assim dividimos os mesmos Estudos Modernos em dois grupos, um dedicado inteiramente ao mecanismo gramatical do dialeto e outro, que é o dêste parágrafo, aos trabalhos gerais de linguagem regional.

"Vozes de Querência" — Antônio Carlos Machado — Subsídio para o estudo do linguajar regional sul-riograndense — Livraria do Globo — Pôrto Alegre — 1949.

O A. é natural de Santiago do Boqueirão, vive no Rio de Janeiro, mas já residiu em Pôrto Alegre, escreveu, além de outros livros "Pampa Heróico" (1942) e "O Solitário da Casa Branca" (1945), editou uma revista regionalista "Querência".

"Vozes da Querência" tem o mérito de ser a primeira obra sistematizada sôbre o assunto, volume de mais de 100 páginas, começando com uma Nota Prévia e o primeiro capítulo trata de Lingüística e Ecologia, seguindo-se um sôbre o Habitat Rio-Grandense.

A segunda parte do livro que está pròpriamente dedicada ao assunto, com os capítulos seguintes: O Processo Lexical no Rio Grande do Sul, Características do Linguajar Gaúcho, aliás capítulo subdividido em três outros títulos; Léxico, Prosódia e Sintaxe.

As características do Linguajar Gaúcho é o capítulo principal. O livro traz informações muito interessantes.

"ALGUNS MODISMOS DA LINGUAGEM POPULAR DE MINAS E DO RIO GRANDE DO SUL" — Francisco Fernandes — In "Província de São Pedro" — Págs. 46-52 — n.º 8 — 1947 — Edição da Livraria do Glôbo.

Francisco Fernandes tornou-se a maior autoridade brasileira em dicionários, sendo autor dos seguintes: "Dicionário de Verbos e Regimes", "Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguêsa", "Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos" e "Dicionário Brasileiro Contemporâneo", além da "Gramática Portuguêsa", parte de Enciclopédia do Curso Secundário, todos Edições Glôbo.

O A. nasceu em Minas Gerais, foi funcionário do Banco do Brasil, abandonando-o após o sucesso merecido de seu esplêndido "Dicionário de Verbos e Regimes", com o que estreou, e recebeu o Prêmio da Academia Brasilira.

Pertence ao quadro de funcionários efetivos da Editôra Glôbo, que vem publicando seus ótimos Dicionários.

Dos Dicionários, o que nos interessa de mais perto é o "Brasileiro Contemporâneo" (1.ª edição de 1953), que acolhe "Todos os brasileirismos usuais, inclusive os regionalismos, com a iniciação da zona em que ocorrem".

Mas, "para registro dos regionalismos, resolveu-se dividir o território nacional em seis zonas", incluindo-se o Rio Grande naturalmente na zona Sul, com S. Paulo, Paraná e Santa Catarina.

"Teve-se por mais acertada essa medida porque é difícil e, mesmo, temerário delimitar com prcisão a área em que se usa determinado vocábulo".

O estudo sôbre "Alguns Modismos da Linguagem Popular de Minas e do Rio Grande do Sul" talvez seja um dos únicos no gênero.

Começar por definir o que é dialeto, examinando-lhe as diversas regiões lingüísticas nas quais se podem distribuir e as diferenciações entre o vocabulário mineiro e gaúcho representam o ponto alto da pesquisa, uma vez que alude a fatos realmente curiosos, embora os conceitos eruditos estejam aos dois outros parágrafos — Fonologia e Sintaxe.

Sã quatro pequenos capítulos de maior valia e constituem uma novidade no campo da filologia comparada.

"Gauchismos" — A. Tenório D'Albuquerque — A Linguagem do Rio Grande do Sul (Influência do Castelhano, das línguas africanas, do Guarani, do Tupi e do Quichua) — Livraria Sulina — Pôrto Alegre — 1954 — 102 páginas.

O A. não é mineiro, entretanto vive em Minas Gerais, o que revela a atenção que agente do vasto Estado montanhês dispensa ao Rio Grande, não só os nturais daquela província mas os próprios filhos adotivos. O gôsto dos mineiros pelos probelmas do idioma é fato conhecido.

A. Tenório D'Albuquerque escreveu numerosos livros, sempre de preferência sôbre língua portuguêsa, tais como, entre muitos outros: "O Vocabulário de Camilo", "Dicionário de Galicismos", "Deslises Gramaticais", Falsos Brasileirismos", "Americanismos", Dicionário da linguagem", etc. etc.

A Academia Brasileira premiou-lhe duas obras: "O Nosso Vocabulário" (Estudos de Semântica. A formação do nosso léxico. Estudo comparativo e histórico) e "A Evolução das Palavras" (A transformação semântica e morfológica dos vocábulos nas línguas românicas), que recebeu o Prêmio Francisco Alves.

Quase todos os seus livros têm mais de uma edição; escreve muito, contribui para a bibliografia de concursos; e A. pertence a várias instituições científicas e literárias.

O livro em aprêço compreende os seguintes títulos: Apresentação (Carioca com alma de gaúcha), Gauchismos (o significado do vocabulário), Americanismo e Gauchismo. Os auto-

res estrangeiros e o conceito de Americanismos, a procedência dos gauchismos, o elemento africano, Quitanda, Matungo, mandiga, quilombo, vocábulo possìvelmente procedentes do Uruguai, zambo, Contribuição rioplatense para o dialeto riograndense. Palavras espanholas no dialeto gaúcho, Solito, inhapa, Cajetilha, Gargosear, Changador, Galpão, Guacho, Influência das Línguas Indígenas, Influência do Guarani, Palavras Indígenas no dialeto gaúcho, Topônimos de origem guarani, vocábulos originários do quichua e Bibliografia.

"Gauchismos" é bom trabalho, além de ser, por assim dizer, a única obra de especialista sôbre o assunto, que examina o problema em conjunto, quanto ao aspecto etimológico. Deve-se consultá-la.

DIALETOLOGIA

A dialetologiaí no seu mecanismo gramatical, teve poucos cultores, alguns apenas se referiram, levemente, ao problema, até chegarmos ao Congresso da Língua Nacional Cantada, realizado em São Paulo, no ano de 1937, por Mário de Andrade.

É difícil encontrar-se, na história dos congressos, um que fôsse tão dinâmico e revolucionário, pois, nêle, estiveram associadas a arte e a ciência, a linguagem, a música, o folclore, a poesia, etc.

Não sendo possível recorrermos aos ensaios de caráter local ou regional, que, em algumas passagens, cuidaram do tema, resta-nos, mesmo consultar os "Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, promovido pelo Departamento Cultural, da Prefeitura Municipal de São Paulo, onde encontramos, três comunicações sôbre o Rio Grande do Sul.

— *Elpídio Ferreira Paes* — Professor de Direito Romano e Língua e Literatura Latina das Faculdades de Direito e Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica de Pôrto Alegre. Desde cêdo, dedicou-se ao magistério, escreveu algumas teses e monografias no campo de sua especialidade e manteve, na imprensa, secção de língua portuguêsa. Foi Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, conquistou, após brilhante concurso, a cátedra de Direito Romano e secretariou por muitos anos a Faculdade de Ciências Econômicas da Pontifícia Universidade Católica.

A tese de Elpídio Ferreira Paes — "Alguns Aspectos de Fonética Sul Rio-Grandense" — escrita para o Congresso de Língua Nacional, é o único trabalho que abrange um aspecto geral de questão, examinando-o sob todos os pontos de gramática a respectiva posição dialetal da linguagem do Rio Grande.

Nada foi escrito, nestes últimos quase vinte anos, que superasse o belo trabalho de Elpídio Paes; entretanto, o que é

mais grave, a tese vem sendo plagiada e repetida, mas jamais citada. O estudo, em aprêço, inicia-se com uma Nota Preliminar, na qual se comenta a posição do gramático diante da evolução da linguagem e suas respectivas formas populares.

As diferenciações sintáticas, a topologia dos pronomes oblíquos, o "se" sujeito, os verbos transitivos indiretos tendendo a se tornarem diretos, a substituição da regência "a" por "em" noos verbos de movimento, etc. constituem os aspectos distintos observados no uso da língua popular, em comparação com a língua erúdita.

A primeira parte da tese examina a "Fonologia", começando pelo "Vocalismo" que estuda os seguintes aspectos da línguagem gaúcha: vogais tônicas — "A", "A tônico final seguido de "S" ou "Z", diante de "m" o "a" às vêzes se nasaliza, "A" sofrendo a ditongação pelo acrescimo de "u", o "e" final e ditongação especialmente quando seguido de "S", o "Z", a naszalização do "e" medial, "Em" final tônico soa "ei", Pouca alteração apreseta o "I", a nasalação do "i", a pronuncia do "o", a não mudança do "u". Vogais Atonas — As modificações arbitrárias do "a", por dissimilação o "a" pode passar a "e", o "a" final postônico sofre redução para "e" surdo, mudança do "a" pretônico inicial e isolado em "i", alteração das formas "vosa micê", ditongação do "a" pretônico: o "a" pretônico conservado ou passando a "i", inicial ao passar a "i" se nazaliza, "e" incial e protegido por "s" apenas se iotiza; o "e" final passa a "i"; o "e" nasal pretônico passa para "i"; dissimilação do "e" passando para "a"; o "e" seguido de "s" cai; desnalização do "em" para "i" ou "e"; mudança do "e" inicial para "a" quando seguido de "l" ou "r". O "i" pretônico passando para "e"; o "i" pretônico se nasaliza; o "i" postônico no sufixo "il" passa para "e"; desnalização do "i" nasal; o "i" médio passando para "u", confusão entre o "i" e o "j". — O "o" soando como "u"; no infinito dos verbos da primeira e segunda conjugação sôa "a" simples; nos nomes há dualidade; o "o" pretônico passar a "i", "o" em "u", "o' em "a" o "u" pouco muda; o "u" pretônico puro muda em "i", "u" para "a", o "u" se ditonguiza.

Ditongos — "ai" — o grupo vocálico "ai" passando para "ei", diante de "x" perde a semi-vogal"; "ao" — final e atono perde o primeiro elemento; — "am" — dá "um" ou "o" breve; — "eu" — quando átono, resolve-se em "o"; — "ei" — geralmente "au" — quando átono, resolve-se em "o"; — "ei" — geralmente perde a semi-vogal; — "ou" — transforma-se em "o"; os casos de "ou" — "oi", "om", "us", e "ui". Os histos: "ae", "au", "oe", "eo", "is", "io", "co", e "uo".

O Consonantismo — "B" e a troca pelo "v"; o "c" inicial se transforma em "G", "G" médio cai; "L" passa para "D"; o "N" sem alteração; queda do "R" do infinito dos ver-

bos; o "S" sibilante em "X" ou "C" chiante; o "V" médio cai; o "X" medial conserva o som chiante; o "Z" passa a "G"; grupos Consoantes; Br, Fr, Dr, Gr, Gn, Lh, Hn, Pr, Rm; Grupos com "L"; Bl, Cl, Fl, Cl, Ll, Lc, Ld, Lg, Lf, Lm, Lp, Ls, Lv, Lch, Lz, Pl, Sl.

Metaplasmos: Auxese — Prótese, Epênteses, Epítese; Sincope, Apócopos, Metástase — Hipértese; Metátese, outras modificações: assimilação, dissimilação, vocalização, enfraquecimento, ditongação, nasalação, desnasalação, suarabacti, haplologia, ectlipse.

Morfologia, Substantivo — Número — Flexão numérica desaparece do substantivo ficando a cargo dos determinativos, repulsa do "s" plural; repetição, acréscimo; plural de "aõ" em "ões" e casos de gênero. Adjetivo — adjetivo proclítico mantém o "s" do plural; Os gráus — preferência pelas formas analíticas às sintéticas.

Determinativos — Seguem o substantivo ao em vez de precedê-lo, emprêgo do demonstrativo pronominalizado; poucas modificações nos números cardinais; substituição de "todo" por "tudo".

Pronome — ausência do pronome oblíquo; transformação de "conosco"; uso do pronome relativo "cujo"; transformação de "nós"; confusão entre "tu" e "você"; reptição do pronome interrogativo "que"; origem de "cadê"; demonstrativo "aquilo"; palavra "senhor" espécie de pronome; redução de "seu" em "sô".

Verbo — A existência sòmente das primeiras e terceiras pessoas nos tempos verbais; desaparcimnto do sigmatismo da primira pessoa do plural; defectividade de alguns tempos e o raro emprêgo de outros; acréscimo do "i" na terceira pessoa do singular do presente do indicativo; o futuro não é de grande us; pronuncia geral dos verbos; confusão dos verbos em "iar" com os em "car"; falta de distinção entre "crear" e "criar"; "saber" em "sube"; caber, valer; regularização dos particípios passados; o imperativo negativo se forma com o indicativo.

Palavras Inflexivas — advérbios; tempo, lugar, modo, quantidade, negação e gráu.

Conjugação, proposição, interjeção e derivação.

Elpídio Ferreira Paes dividiu sua tese em 128 parágrafos e o índice que fizemos aqui seria evidente muito mais interessante na hipótes d ilustrar-se cada caso com os respectivos exemplos, ocorrências e textos.

Mas ampliaríamos demasiadamente o presente trabalho, além de repetir o que já estava escrito. Assim o resumo, embora muito técnico, dá uma idéia da importância da tese.

José Mesquita de Carvalho — Natural de Minas Gerais, residiu muitos anos em Pôrto Alegre, lecionou português no

Colégio do Estado e no Anchieta, escreveu diversas gramáticas, antologias e outros livros escolares editados pela Glôbo. Colaborou no Congresso de Mário de Andrade com um pequeno estudo, mas de maior importância.

Vêm nos "Anais" das págs. 629 a 640 e trata de Prosódia, com os aspectos referente sàs vogais "a", "o" e "e", depois os grupos vocálicos "ou", "oi", "ei", "io", "eo", "ea", "ie", "ui"; seguiam-se as consonâncias "e os casos do "b", "D", os pronomes, os sufíxos, as figuras de dicção e seis problemas de sintaxe, inclusive salientando-a influência castelhana.

São poucas páginas, não traz bibilografia, é um rápido trabalho, mas pessoal que pode ser lido com proveito êstes "Traços Gerais de Linguajar Nacional no Estado do Rio Grande do Sul".

A terceira tese é de nossa autoria e pretende resumir certas pesquisas sôbre a linguagem do gaúcho, através dos textos da literatura regional.

Algumas noções gerais referentes ao linguajar do gaúcho podem ser consubstanciadas numa síntese que vamos tentar, repetindo uma contribuição também, feita por nós, para o Congresso de Mario de Andrade.

Além dos principiais dicionários e gramáticas portuguêsas, foram consultados os vocabulários nacionais e dialetais e as obras de língua portuguêsa no Brasil, de João Ribeiro, Antenor Nacentes, Mario Marroquim, Renato de Mendonça, etc.

Dentre os glossários gaúchos, aproveitamos as coletas de Roque Calage e Luiz Carlos de Moraes, que são os modernos invstigadores dos têrmos do Rio Grande do Sul.

As obras citadas aparecem no decorrer do presente inquérito e as citações de literatura regional pampeira que documentam as afirmativas, observam-se com as seguintes abreviaturas: A igual a Alcides Maya, por exemplo, 22 A é a página 22 de "Alma Barbara", aqui livro padrão, de Alcides Maya e S é igual a Simões Lopes Neto, assim 22 S é a página 22 de "Contos Gauchescos", também livro padrão, de Simões Lopes Neto.

As referências mais abundantes são, por assim dizer quase que exclusivas, dêsses dois autores, nos seus respectivos livros mais característicos, ao nosso ver, e o que não afasta de considerar-se a riqueza e a côr local dos outros escritores, como daqueles que estão incluídos na bibliografia de literatura regional do sul.

PRIMEIRA PARTE

FONOLOGIA

A) *Acréscimo...*

— I — *Final*

1. acréscimo de *s* final (1)

E êle resmonsou iroso o índio, até que *finalmentes*. 60A
Depende disso, afinal, refleti, — a bondade das *gentes*. 19A.

— II — *Inicial*

2. acréscimo de *a* inicial

— *Arroposar*

— mas eu ali *arroposei* e o que mirava era pegar os dois 85A.

— *Apertencer*

— me apertencesse êste animalito 24A.
quando me apertenceu, já estava fino e dançava na bainha. 82A.

— *Arrenegar*

— quando mesmo se *arrenegou* vai de rasto que nem uma vaquilhona tirada do sinuelo p'ra se sangrar. 28A.

— *Arreceiar*

— nunca se *arreceiou* de nenhuma porfia. 35A.

— não se *arreceiava* de almas. 85S.

— *Achegar*

— *acheguem-se* no mais a cachorrada, que êste foi atirado com mimo. 61A.
que só a cachorrada te avista, se te *achega* de noite a cozinha p'ra a panela e o amargo. 170A.

— *Arreparar*

— que só *arrepará* na fumaça que sahia de riba da cozinha. 53A.

— *alembrar*

— e dias há mesmo em que se *alembra* mesmo do seu ranchinho nos pagos. 81A.
quando me *alembro* do amargo que se toma do outro lado, no posto do Chicuta. 148A.

— *assuceder*

— Vá ver o que assucedeu. 147A.

— *Arrecusar*

— Esmolas, não hai quem se arrecuse a dar. 171A.

— *avexar-se*

— Patrício! não me *avexo* duma herezia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrêlas. 2S.

— *arreferir*

— Vicente Nogueira e todo o instante se *arreferia* com ar zombeteiro àquela bestinha marchadira e quieta. 149A.

3. outros acréscimos iniciais:

— *desparramar* por esparramar (2)

— depois rompeu um vozerio, a gente *desparramou-se,* parecia um formigueiro desmanchado. 20S.

— empuxão por puxão (3)

— deu-lhe um *empuxão,* derrubou-o e começou a bater como doida, primeiro na árvore, depois na área. 47A.

— III — *No Meio:*

— *despois* por depois (4)

— e *despois* (se era manhoso) conversou tão direito. 149A.

— *escuitar* por escutar (5)

— não me condene sem me *escuitar*. S4A.

— *escuite* no mais... chega o dia do baile. 145A

— *desgracia* por desgraça (6)

— Fêz sua *desgracia,* le digo. 81A.

— *Desgracia!* Nem baile, nem china: os outros tomaram conta. 146A.

— *rumear* por rumar (7)

— e postola à cinta, lá *rumeava* para as sangas. 66A.

---

(1) Mario Maroquim informa do uso, no nordeste, da paragoge em somente que dá *somentes* — (2) Despararmar. Têrmo do Vocabulário Sul-Riograndense de Luiz Carlos de Moraes. O gaúcho usa os prefíxos *des* e *dis* que dão a idéia de separação, procedência apartamento. Forma clássica, como se vê no dicionário português de Moraes: des-parrar (desparrar) tirar as fôlhas das vinhas. Despartir, separar. Despear, tirar o cavali a péa, etc. — (3) Empuchão ou empuxão. O fronteiriço do sul emprega, com muita freqüência, o prefíxo *em,* que encerra a idéia de tendência, movimento para dentro (Carlos Preira). Exemplo: encartilhar, emassilhar, embarrigar, embolar, embonecrar, emborquilhar, embrabar, embretar, embuçalar, empacar, empachar, empardar, etc. etc. (4).

Depois, conforme Moraes, dicionarista, preposição ao modo castelhano. O Rio Grande a emprega pelo espanhol. (5) Escuita. No dialeto caipira, segundo A. Amaral. Crônica do século XV. Estória de Vespasiano —: "foy escuitado" (apudo Leite ed Vasconcelos) Escuitar, também do dicionário de Moraes, recolhido de Camões e Mistória Inédita de Portugal. Escuitador in Eufrosina de Jorge de Jorge de Vasconcelos. Ainda com a mesma significação que tem hoje. (6) Desgraciado recolhido por Moraes no seu dicionário. O têrmo constava dentre outros trabalhos da História da Índia de Fernão Lopes de Cas-

A) *Supressão*

— I — Inicial

1. Supressão do *a* inicial

Tanásia por Atanásia.

— uma negra mina chamada mãi *Tanásia*. 40X.

lemão por alemão

— Depois é que apareceram una *lemães* e una inglêses, melados. 84S.

2. Outros casos

hi por ahi

— *Que'hi* dentro havia gente...

proviso por improviso (8)

— E armou-se ali, um *proviso*. Um baile de relancina.

CJ *inda* por ainda (9)

— mas *inda* mostrava u'a mancha no alto, que certos dias parava negra. 83A.

— *Inda* hoje cortando aí pelos fundos, vou encontrar o general no Guabijú. 100A.

tá ou *sta* por estar

— Póde, como disse o cabo, que êle *steja* com outros tocaia 53A.

— Os arroios podiam *star* pelos galhos. 82A.

— A guerra *'stava* no fim, não tardou Porongos. 84A.

— *'Stou* puxando nos dentes, o senhor vae ver.

— II — *Final*

ont'onte

— iso vi, inda *ont'onte*. 53A.

des'que

— Mas des'que passei na cintura a minha adaga, tinha que ser. 86A.

aquel'ferro

— que muito manoteei *aquel'*ferro

qu'és

— Tu, qu'és feliz, fica sabendo... não envergas. 170A.

D'espacito

— E d'espacito vim subindo a barranca. 22S.

val por vale (10)

— Lá a história, patrícia, que *val* contar? 81A.

— *mui* por muito (11)

— que andava comigo um cachorrinho brasino, um cuasco *mui* esperto. 14S.

— Tinha os pés pequenos e as mãos *mui* bem torneadas. 26S.

---

tanheda. Os espanhoes ou os rioplatenses impuzeram seu uso no Rio Grande. Vocábulo Espanhol. (7) Rumear — Teschauer o recolhe. Luiz Carlos (Voc. Riogr.) dá a variante *rumbe*.

— Todos os dias pisado na ponta do casco, *mui* bem composto e lindo. 29S.
— Bueno, amigos, *carregamo* ou não? 53A
— III — *Medial*
p'ra
— correr o laço à vontade, *p'ra* não errar. 28A.
qu'es
— *p'r o* (12) —
— *p'r'o* cazo — que tinha um que dizia... 25S.
chacra por chácara (13)
— Pedrinho se afastou do jardim da *chacra* para a senhora das árvores fronteiras... 43A.
c'alo por cavalo (14)
— *ca'alo,* me parece, como o senhor diz, quem faz é o dono. 35A.
— Que pingaço! Um *ca'alo* de lei. 35A.
u'a por uma (15)
— Por Deus! que u'a mulher é p'ra um homem e tu como naceste p'ra mim. 85A.
— Mas inda mostrava u'a mancha no alto, que certos dias parava negra. 83A.
a'ora fixe como vim dar com os costados nesta urupuca. 76A.
— e *a'ora* passe um cigarro e ouça o resto. 84A.

---

(8) Proviso por imporviso é um curioso caso de mataplasmo de subtração registrado no vocabulário gaúcho de Luiz Carlos de Moraes de quem aproveitamos a citação. (9) Inda — A. Amaral registra a forma arcáica de vale; de valet, conforme Leite de Vasconcelos: "... e grand pecado — fará, se me não val". (Gil Sanchez). Comentando Garcia de Rezende, João Ribeiro diz: val por vale, como quer por quere. Quando porém, se segue o pronome o ou a enclítico, a forma íntegra é a única de bom uso; vale-o, quere-o, e não val-o ou quer-lo". (11) Mui — Moraes, no seu dicionário, atesta o uso corrente de mui e muito. (12) — Ainda por influência do açoriano, o insular, o gaúcho reduz a quantidade das palavras, obedecendo uma velha lei da formação do português. João Ribeiro diz que "a quantidade latina foi sempre desrepseitada, por isso que nas línguas românicas a vogal átona é sempre breve" (Grm. Portuguêsa. 2.ª edição. 1888 — pág. (19). (13) Chacra. Chácara perdeu o c. Fenômeno comum na língua do Brasil. Chacra está incorporado ao vocabulário nacional. (14) Caalo na língua do nordeste tem a pronúncia de seus dois a como se fôsse uma vogal longa. No sul, o fenômeno fonético é duma pura contração, breve e como no português. Acentuação do linguajar açoriano que vernaculizou da melhor maneira muitas partes

C) *Permuta*

inhora por ignóra

— O senhor inhóra que eu tenha posse de nascença, ia ser gente grande. 145A.

viemo

— *Viemo* aqui p'ra olhá... 53A.

andemo

— nos é que não *andemo* aqui devalde... 53A.

tardemo

— não *tardemo* em chegar à fronteira. 86A.

cruzemo (17)

— quando *cruzemo* 'sta fechada... 53A.

o *i* pelo u (18)

— porem uma bala *derribou-lhe* o cavalo... 53A.

o *e* pelo i

— Êste facão *véve*. 88A.

o l pelo n

— Curava na certa, fôsse cristão, *alimal* ou judeu... 129A.

o *v* pelo b

— nós é que não andemos aqui *devalde*. 53A.

o *l* pelo r (19)

— e por onde passava ia largando *plata* que parecia um arroio correndo... 147A.

D) *Nasalação* I

Inté por até (20)

— e *inté* o bicharedo curava. 82A.

— com uma serpente enrolada desde as cadeiras *inté* à taboa do pescoço. 83A.

— o frio *inté* pareceia amigo da gente. 100A.

Anssim por assim (21)

— Ninguém te póe os olhos em riba, que *anssim* a fidalguia. 170A.

---

do dialeto gaúcho. (15) Em u'a ocorre um caso de contração forte. Num vilancete do século XVI de Sá de Miranda lê-se ua, contrução suave de uma (L. de Vasc.). (16) a'ora, forma áspera de agora, lembrando *aua* de água.

(17) "A tendência do dialeto é para a uniformidade, para a abolição das flexões verbais" (Marroquim). — (18) Derribar "vem do nome *riba,* e é mais conforme à analogia, e tem por si autoridade clássica, "diz Moraes (Dic. I, 537). (19) — Plata, voz espanhola, que se incorporou ao dialeto gaúcho. (20) — *Inté,* prep. e adv. — Recolhido do dialeto gaúcho por Luiz Carlos de Moraes. A. Amaral: inté que. (21) — Anssim — "Forma popular em todo o Brasil, com a nazalização por

SEGUNDA PARTE

MORFOLOGIA

Gráos

Aumentativos

— Quando voltarmos, virás um *oficialão* bonito e guapo. 75A.
— O pobre não andava com o pensamento na china e nos filhos, nós dois e o Adão, já *creçudos*. 81A.
— e à meia noite atei o ca'alo na frente e empurrei na porta um *manotaço*. 85A.
— Que *amigaços!* um era alegre, outra era sério... 174A.
— o negro era *ginetaço* de rédea no lobuno. 29S.
— a cabeça no lombilho, com o chapeu sôbre os olhos, fiz uma sesteada *morruda*. 13S.
— No mais *buenaça*, sem entono. 26S.
— Êle era um *perdidaço* pela cachaça, pelo truco e pela taba.
— porque a sia Firmina ainda fazia um *fachadão*. 27S.
— Foi então que o gaúcho *gadelhudo*, mui alto, cahonto, desprende.
— com outra fulana, uma piguancha de cara chata, *beiçuda*. 35S.
— Foi um *alegrão* para todos, para Maria Altina, nem se fala.
— A Maria Altina fêz um *fachadão* entre a moçada 41S (22)

Diminutivos

ito e *ita*

— O giro apressado, mas calmo, dos seus *olhitos* negros denota ânsia... 47A.
— atirar, eh! atirar um *pouquito*... 62A.
— levantar-se de *manhãsita* encilhar o pingo, a dizer-lhe coisas amigas, saihir aos trancos e de laço nos tentos. 24A.
— Boas tardes *amiguitas!* o mundo é grande. 27A.
ou ninhada de mulitas, que êle criava com paciência. 44S.
— O *gauchito*, por infelicidade, vem a conhecer... 32A.
— A delícia de uma césta, de uma *torasita* de horas no silêncio do galpão. 67A.

---

influência de *im* — Encontra-se freqüentemente nas peças castelhanas de Gil Vicente" (A. Amaral. Ob. Cit.).

— e unhemos a todos o trapo, eu *levianito* 86A.
— vestido, mesmo, bandeava *serenito a correnteza.* 83A.
— foi um *galopito* faceiro. 99A.
— a sorrir deu ordem de largar no mais o *mocito.* 109A.
— Que o pobre, *solito,* não se tirava d'ali. 98A.
— Entonces campiei o *bichito* e vim tocando. 130A. (23)
— Agora... era vender o *campito,* a ponta de gado manso... 22S.
— *etc.*
— Um gaúcho degenerado, que nem para *caudilhete* serve. 119A. (21)
— *inho* e *inha*
— Tremiam sôbre as pestanas, luziam um *tempinho.* 19S. (25)
— *Devagarinho,* como gateando, subiam... 19S.
— Tocar à meia rédea, antes que outros andantes passassem. 16S.

Pronomes

— *lo* e *le*
— E teve que vaquenar essa gente, senão *lo matavam.* 81A.
— *Le digo,* eu por mim, sempre fui contra os galegos.
— A rapariga consentiu, *dei-le* umas bouquinhas (ah tempo) 85A.
— *Dizer-le* que estava em mim seria mentir. 86A.
— Pois, *lo derrubei* a bala, irmão. 86A.
— Mas a morte, caramba, *lo respeitava.* 83A.
— Já à bôca da noite, em viagem, *caiu-le* um quase em riba. 83A.
— Pode-se outra vez em marcha, *lo charquearam.* 84A. (26).

---

(26) — lo, la, "como artigo e como pronome, tem ainda vida. Seu emprêgo é porém restrito e limitado aos casos em que fica enclítico, como observa Marroquim na linguagem do nordeste. Forma arcáica de largo uso entre nós. Temos *le* que se origina de *lhe* (27) Vosmicê e vancê — A. Amaral recolhe de dialeto caipira as seguintes alterações de vossa-mercе: vance, vance, vassuncê, vossuncê, vamicê, suncê, mecê. A forma vancê é mais respeitosa para o caipira e para o gaúcho, também. Vosmicê é o voss'mecê, que João Ribeiro diz ser do uso embora menos familiar. Persistiu, entre nós, através do açoriano a velha forma portuguêsa vosmecê.

Vosmicê

— *Vosmicê* parece guapo, mas...123A.
— Vi que *vosmicê* gostava mesmo dela... 123A.
— Iamos arreglar contas, *vosmicê* tinha certeza. 123A.
— Que foi *vosmicê* mesmo quem disse p'ra trazer. 130A.
— *Vosmicê* perguntou adonde 'stava, se p'ra baixo ou p'ra riba.

Vancê

— Amigo! *Vancê* é moço, passa sua vida rindo... 19S.
— uma cousa que *vancê* nunca pensou ver. 38S.
— e até diziam mais alguma cousa... *vancê* entende. 42S.

Colocação de pronomes

— E fui-me à água que nem capincho. 14S.
— do mais não se lhe dava. 43S.
— nada de ti se me dava. 30A.
— Aproximou-se. Falou. Vão matar êle, disse. 121A.
— E se fixe, dr. Mendes, é aqui na sua Estância, numa das ilhas do mato. 119A.
— E a fôlha, amigo, mudava de Côr — me desdiga, que muito manoteei aqul'ferro... 83A.

Verbos

Matear

era cedo e mateávamos no galpão, quando a voluvel se desprendeu do breve namôro matinal com as madresilvas da cêrca... 61A.

Burlequiar

Eta! que se tem gana de sair a *burlequiar* pelos rincões. 24A.

Graxear

Graxeava deliciosamente com tôdas as moças bonitas da redondeza. 28A.

Mosquear

Sob o umbú, de maneia, o cavalo de Roberto *mosqueava-se* à sombra, mordendo os coscos do freio... 66A.

Sampar

E sampou com ela na cara do muçum. 31S.

Matear

Aqui o Nadico mateou... 31S.

Amanoncear

Vim a saber que o negro Bonifácio fôra o primeiro... a *amanoncear* a Tudinha... 35S.

Tourear

Acolherar

Que já convidára para se *acolherar* com êle. 36S.

Sopezar

E no soflagrante *sopezou* a trouxinha... 31S.

Testavilhar

E já se via o Nadico *testavilhar* e cair, aberto na barriga. 32S.

Quinchar

Dêsde torrão para os ranchos, e *quinchar,* madeiras, cercados, lavouras... 40S.

Botar

Botou-lhe uns versos mui lindos... 24S.

Abombar

Era por fevereiro, eu vinha *abombado,* da troteada. 13S.

Mermar

Isso havia de chegar folgado; o caso me amasse a conta. 22S.

Amargar (castelhano)

Amarguei o corpo e penicando de esporas, toquei a galope largo. 17S.

Frentear

Ali logo *freentei* com uma comitiva de tropeiros com grande cavalhada por deante. 17S. (28)

Palavras invariáveis

No mais

P'ra experimentar *no mais* a vista... 60A.

A gôsto, *no mais,* muchachas. 27A.

E aí *no mais,* sem um — Deus te salva. 29S.

Ao demais

Ao demais, a porta escancarada...

Ao demais, a chinoca (terneirita linda) ficou mesmo pelo beiço e nos arreglemos. 85A.

Ao demais, probrezito, só as garras de montaria e um couro pra dormir e o chiripá e o poncho.

Mais

Sta a Rosita, mais seu Roberto, sem cerimônia. 66A. (29)

Exclamativas:

Eh! Mano! — Eh! Pucha! — Pucha, seu! — Cêe pucha! chô mico! Heta! Vú! Mire, amigo! Caramba! A lô!

---

(28) Frentear, recolhido por Teschauer no seu Vocabulário Nacional, também empregado no pretérito perfeito em texto de Simões Lopes Neto: "Lendas do Sul". (29) — Mais, no Rio Grande, tem o mesmo sentido que no nordeste, valendo *com,* "o povo, aliás, prefer *mais* a *com*" (Marroquim) — No mais sobreviveu dos Lusiadas e na Eufrosina, tendo a sig-

Vocábulos interessantes

Milicos

Vamos dar uma boa lição no Padilha e um exemplo aos *milicos*. 117A.

Maléva

Si o negro era *maléva?* Cruz! Era um condenado. 24S.

Cajetilha

Um *cajetilha* da cidade duma vez que a viu... 24S.

Repente

Ah! E num *repente* lembrei-me bem de tudo. 16S.

Rebenqueador

Mas o *rebenqueador,* o rebenqueador... eram os olhos. 26S.

Teatino

E aquele tal dos versos era um *teatino*... 26S.

Soflagrante

E no *soflagrante* sopezou a trouxilha. 31S.

Miangos

Como quem quer reduzir a *miangos* uma prenda que foi querida. 35S.

Camote

Mostrava mesmo que o seu *camote* preferido era aquele. 35S.

Vocábulos de origem espanhola

Até hoje não *arreglei* esta conta...36A.

E o *perro* era velho. 38A.

Que mamãe olhará com orgulho e as *muchachas* também. 75A.

Mire amigo, te embolaram. 86A.

Foi *entonces* que me arrodeei de guarcaria alçada e me parei nuvem. 86.

Na cruzada nos tocamos todos na aba do *sombreiro*. 17S.

A *maroxa* mais linda que tenho visto, saltou em cima do Bonifácio. 34S.

Era roda a gauchada *mirava,* de sobrancelhas rugadas, porém quieta. 35S.

Em quatro paletadas, *desmuchecando* uns, cortando outros... 32S.

Vi entãoo que é uma mulher *rabiosa*. 34S.

---

nificação de não mais, segundo observa João Ribeiro. "Não vi mais e não mais. Esta última locução na sua forma antiga *non mais* transformou-se em *no mais* e assim foi constantemente empregada até os últimos tempos dos clássicos". Aqui, entretanto, no mais e ao demais são construçpões comuns ao

Pleitos de namoriscos e *milongajens* de crianças. 41S.

Êle andou com os pampas, teve com os *frailes* nas Missões e sabia mais cousas que muito doutor. 82A. (3)

Palavras de extensão

Dinherama

Andava sempre carregada de *dinherama*. 35A.

Querendona

E na garupa, mui refestelada, trazia um chirúa com ar de querendona. (31)

Frases diversas

Era p'ra *um tudo*. 82A.

Era um mimo, tinha de *um tudo*. 27S.

Um dêles matreiro de fama, tinha cisma com um índio *mode* uma quetão de cancha. 84A.

E tudo porque? *Mode* a liberdade! para a honra do Rio Grande. 101A.

Não vale a pena *de falar* neste schicos 41S.

O tempo foi passando até que a *defunta morreu*... 40S.

O pobre desatou num *pranto de choro*, ao ver a malvadez daquele judeu... 45S.

Mal atado, o seu lenço de três pontas caia sôbre um dos hombros. 35.

Retrovim para a merencórea Soledade, flôr do deserto. 113.

A moroxa parou em *meio riso que estava rindo*. 30S. (32)

a — A IMPRENSA E A LINGUAGEM GAÚCHA

Os jornais diários de Pôrto Alegre, e do interior do Estado têm, ùltimamente, inserido pelo menos uma vêz por semana, uma "Página Tradicionalista".

Acrescentem-se a imprensa que não diária, os jornais menores e tôda a sorte de revistas e publicações que dão também grande importância à literatura gauchesca.

Adão Carrazoni, da Comissão Sul-Riograndense de Folclore, foi um dos pioneiros na confecção de tais secções e até

---

espanhol que passaram para o Rio Grande. (30) — Vozes genuinamente rioplantenses que se incorporaram ao dialeto gaúcho, dfinindo o estado de influência do espanhol da América na linguagem da pampa brasileira. (31). — É vulgar, no sulista, o emprêgo de "Vocábulos que, sem ter intensidade, tem maior extensão de idéia", como diz João Ribeiro de certas palavras que alguns autores as consideram entre os aumntativos. (32) Na colocação dos pronomes como " a musicalidade dessas diversas frases, caracterizando o rítmo duma linguagem, podemos apreciar os efeitos mais interessantes da sonoridad do dialeto pampeiro" — Anote-se a apócope e ao mesmo tempo a aférese de *por amor de* que se transformou em pru mode, móde ou móde igual a por causa de.

hoje mantém, com muito gosto intelectual, a Página Regional, no "Jornal do Dia".

Relação dos jornais da capital e do interior do Estado que mantêem e mantiveram páginas especializadas em assuntos folclóricos e correlatos.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS — "Tradição": Esta página foi a primeira que apareceu em Pôrto Alegre. Inicialmente esteve sob a dirção do jornalista Sady Scalante e do folclorista Barbosa Lessa, depois passou às mão do jornalista Bolivar Madruga Duarte e mais tarde para Luiz Albert Ibarra que atualmente a dirige. Substituiu êste último, interinamente, Natálio Herlein, voltando a página ao seu diretor efeteivo.

JORNAL DO DIA — Êste matutino mantém a página intitulada "Tradição, Regionalismo, Folclore", que está sob a direção dos jornalistas Adão Carrazoni e Dimas Costa. Anteriormente publica "A Voz da Querência" dirigida por Claudio Ribeiro e "Estância de Piratini" sob a orientação de Batu e de Paulo Nery Lopes.

A HORA — "regionalismo— Tradição" dirigida desde o primeiro número pelo foloclorista Antônio Augusto Fagundes.

O CLARIM — Manteve em sua primeira fase a página de regionalismo intitulada: "O Clarim nas Coxilhas", que foi dirigida pelos folcloristas Remy Gorga Filho e Luiz Airton Gorga.

A CUIA — Êste semanário já desaparecido manteve também uma página especializada em assuntos riograndenses, que teve o título de: "Chimarrão de Espuma Verde" e foi orientada por "Chico Domador" (?).

HOJE — Semanário também desaparecido, manteve em sua segunda fase uma página de regionalismo. Esta intitulava-se "O Rio Grande de Hoje" e éra orientada por Luiz Celso Gomes Hyarup.

O que se vê não só nas páginas Regionalistas ou nas Secções Gaúchescas dos Grande jornais diários da Capital do Estado, para não citar as outras publicações e o próprio interior do Rio Grande, e em tôda parte centros tradicionalistas e suas revistas e boletins, é o vigoroso renascimento do culto àLs coisas do pampa.

A manutenção da linguagem dialetal já seria, por si só, um bom serviço prestado mas não se devem esquecer o quanto se enriquece o vocabulário, a importância da divulgação das formas gramaticais gaúchas , finalmente, o resultado da presença e da permanência, sempre renovada, do espírito da tradição riograndense.

A RAZÃO — Jornal de Santa Maria — Mantém a página "Tradição Gaúcha" dirigida por Wladimir Cunha e ilustrada por E. Trevisan.

DIÁRIO POPULAR — jornal de Pelotas — Mantém a página regionalista "Querência", dirigida pelo dr. Fernando Brockstedt.

A FRONTEIRA — jornal de Uruguaiana — Manteve a página regionalista "Ao Clarão do Rio Grande", dirigida pelo jornalista J. A. Pio de Almeida.

O DEBATE — Jornal de Erechim — Sob a direção de Tio Lautério — Mantém a página regionalista "Tradição e Tradicionalismo".

O JORNAL DO SUDOESTE — de Encruzilhada do Sul — Mantém uma secção especializada em regionalismo, dirigida pelo jornalista Dimas Costa.

QUERÊNCIA: — Revista Regional — Ano I — Nos. 1, 2 e 3 — únicos publicados — Pôrto Alegre, setembro de 1949 e janeiro e fevereiro de 1950. — Direção de Antônio Carlos Machado e Gevaldino Ferreira.

QUERO-QUERO: — órgão da União "J. Simões Lopes Neto", de Pelotas — Nos. 1 (1952), 2 (1953) e 3 (1956) — Está no prelo o n.º 4.

CONGRESSOS TRADICIONALISTAS

Os Congressos Tradicionalistas foram e são assembléias que reuniram e reunem os Centros Tradicionalistas do Rio Grande. Houve e há ainda um amplo movimento opinião, a imprensa de todo o Estado abordou e aborda o assunto e finalmente foram publicados os "Anais" dos Congressos. São fontes indispensáveis para o exame de linguagem e literatura dialtais. Tiveram lugar quatro congressos:

1.º Congresso: — Santa Maria, 1954
2.º Congresso: — Rio Grande, 1955
3.º Congresso: — Ijuí, 1956
4.º Congresso: — Alegrete, 1957
5.º Congresso: — Caxias do Sul 1958.

Foram publicadis apenas os seguintes Anais:

ANAIS — do 2.º Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul — 17 a 19-XI — 1955 — Edição do C.T.G. Mate Amargo, de Rio Grande — Of. Gráficas da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1956.

ANAIS — do 3.º Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul — 18 a 21-X — 1956 — Edição do C.T.G. Clube Farroupilha, de Ijuí — Emprêsa Gráfica — Ijuí, s/d. (1957).

BIBLIOGRAFIA DA LITERATURA REGIONALISTA

A relação de obras e autores que confeccionamos, aqui, exclui os já citados no parágrafo "e", onde figuram os "Pre-

cursores da Literatura Gauchesca", pois é assim que denominamos àquela parte dêste ensaio.

Referimo-nos, sempre, nos Precursores e nos atuais apenas aos escritores de ficção.

Algumas citações, entretanto, podiam ser feitas quando se pensa em fontes de estudos:

— João Pinto da Silva — "História Literária do Rio Grande do Sul" — Edição da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre — 1924.

— Moisés Vellinho — "Letras da Província" — Edição da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre — 1944.

— Luis Correia de Melo — "Subsídios para um dicionário dos intelectuais riograndenses" — Distribuição da Editôra Civilização Brasileira — 1944.

— Coronel Álvaro de Alencastro — " ORegionalismo no Rio Grande do Sul" — Edição do Centenário Farroupilha — n.º 2 — Papelaria Velho — Rio de Janeiro — 1932.

— Lindolfo Color — "Literatura Riograndense" — Biblioteca Internacional de Obras Célebres — vol. XVIII.

— João Maia — "Literatura, Artes e Ciências" — In "Rio Grande do Sul" de Alfredo Costa — Pôrto Alegre — 1922.

Idem — "Poetisas do Rio Grande do Sul" — Revista do Instituto Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul" — 3.º Trim., ano 12, 1932.

Idem — "Regionalismo em confronto" — 3.º e 4.º Trim. — ano 5.º — Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul.

— Sousa Doca — "Literatura do Rio Grande do Sul" — Terra Farroupilha — 1.º v. — Pôrto Alegre — 1935.

— Arí Martins — "Poetas do Rio Grande do Sul" e "Autores Dramáticos do Rio Grande do Sul" — Anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia — págs. 1389 e 1419 do 3.º vol. — 1940.

— Dante de Laytano — "Bibliografia do Rio Grande do Sul" — Obras de Literatura — 1.ª parte — Poesia — 500 Títulos — Seguidos de "Notas à Bibliografia da Poesia do Rio Grande do Sul" — Boletim da Biblioteca Central da Universidade do Rio Grande do Sul — 1945.

— Augusto Meyer — "Guia do Folclore Gaúcho" — Grafia Editôra Aurora Ltda. — Rio — 1951.

— Guilhermino Cesar — "História da Literatura do Rio Grande do Sul" (1737 — 1902) — Coleção Província — Editôra Glôbo — Pôrto Alegre — 1956.

Surgiram recentemente algumas revistas de caráter regional mas que também já desapareceram da circulação, tais como: "Querência" — (Pôrto Alegre) e "Quero-Quero' (Pelotas), onde se encontram muitas informações aceitáveis e boas.

Incluam-se, embora não sejam estudos literário ou filológicos, mais os seguintes, pelo interêsse que possuem como subsídios esplêndidos:

— Múcio Teixeira — "Os Gaúchos" — Estudo do meio físico, do momento histórico, da vida pampetana, do cancioneiro popular e síntese biográfica dos riograndenses ilustres — 2 vols. — Editores Leite Ribeiro & Maurilio — Rio de Janeiro — 1920.

— J. Pinto Guimarães — "O Rio Grande do Sul para as Escolas" — Mandado adaptar pelo Govêrno para servir de "Livro de Leitura" nas aulas públicas do Estado — 2.ª ed.) Livraria Americiana — Pôrto Alegre — 1889.

— Aquiles Pôrto Alegre — principalmente nos seguintes livros:

"Homens ilustres do Rio Grande d oSul" (1917)
"Vultos e Fatos" (1919)
"Homens do Pasado" (1920)

— Rubens de Barcellos — "Estudos Rio-Grandenses" — Motivos de História e Literatura — Coleção Província — Editôra Glôbo — 1955.

FICÇÃO

A Bibliografia da literatura gauchesca, sem contar, como se dissse no início, com "Os Precursores", que mereceram capítulo especial, pode constar, aqui, em duas partes distintas: I — Prosa e II — Poesia.

I — PROSA

ACAUÃ, Manuel — "Ronda Charrua" — (contos) — Centro Boa Imprensa — Pôrto Alegre, 1931.

ALENCASTRO, Álvaro de — "Refugando o sinuelo" — Crônicas e contos gauchescos — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1928. "O Rancho" — Galdino Loureiro Editor — Bahia — 1931.

AQUINO, Eurico — "Gaúchos" — Contos Regionais — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1935.

ARAÚJO FILHO, Luís (LAF) — "Recordações gaúchas" — 2.ª edição — Echenique Irmãos & Cia. — Pôrto Alegre, 1905.

AREIMOR, (João Moreira da Silva) — "Alinhavos" — Humorismos Inocentes — (Contos) — Oficinas tipográficas do Jornal do Comério — Pôrto Alegre, 1896. "Cousas de rir" (Pôrto Alegre, — 1897), "Prosa Alegre" (S. Leopoldo, 1908) e "Humorísmos Inocentes" (Pimenta de Melo & Cia. — Rio, 1925).

AZAMBUJA, Darcí — "No galpão" — Contos Regionais — Edição da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1925 — 6.ª edição de 1951.

AZAMBUJA, Darcí — "Romance antigo" — Edição Livraria do

Glôbo — "A Prodigiosa Aventura" — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1939. "Coxilhas" — Contos — "Coleção Província — Edição Glôbo 1955.

BARCELOS, Ramiro Frota — "Estância Assombrada" — Novela — Tipografia Thurmann — Pôrto Alegre, 1937.

BARNASQUE, Clemenciano — "No Pago" — Manchas pampeanas — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1926.

BELEM, João — "Canções Gaúchas" — "Drama em 3 atos — Livraria Comercial de Francisco Dania — Santa Maria — 1931.

BASTOS, Manuel E. Fernandes — "Noite de Reis" — Narrativa História — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1935.

CALLAGE, Fernando — "Juca Pedroso" — Romance Rural Gaúcho — 2.ª edição — Edição Comemorativa do 25.º Aniversário de fundação do "Centro Gaúcho" de São Paulo — 1952.

CALLAGE, Fernando — "Na Querência da Palma" — (Romance) — Edição da Casa Cardona — São Paulo — 1955.

CALLAGE, Roque — "Terra Gaúcha" — 2.º edição — (Cantos) — Oficinas Gráficas do Instituto Eletro Técnico da Escola de Engenharia — Pôrto Alegre, 1914.

CALLAGE, Roque — "Terra Natal" — (Contos) — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1920.

CALLAGE, Roque — "Terra Gaúcha" — 2.ª edição — (Contos) Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1924.

CALLAGE, Roque — "Rincão" — Echenique e Cia. — Pelotas — 1921.

CALLAGE, Roque — "Quero-Quero" — Cenas Crioulas — Livraria do Glôbo Pôrto Alegre, 1927.

CALLAGE, Roque — "O Drama das Coxilhas" — Monteiro Lobato Editôra — S. Paulo — 1924.

CALLAGE, Roque — Prosas de Ontem — L. P. Barcellos e Cia., Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre — Santa Maria, 1908.

CALLAGE, Roque — Crônicas e Contos — Editores Augusto Corrêa & Dania — Pôrto Alegre, 1920.

CALLAGE, Roque — Escombros — contos — 1.ª edição — Livraria Americana — Pôrto Alegre — 1910 — Encadernação particular c/ capa original.

CALLAGE, Roque — Episódios da Revolução — 3.ª ed. 24 de outubro de 1930 — Edição da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre — 1924 encader.

CALLAGE, Roqâue — No fogão Gaúcho — contos — 1.ª edição — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre — 1929 — encader. partic. s/ capa original.

CAVACO, Carlos — Flor dos Pampas — Contos e cenas de revoluções — 1.ª edição — Livraria Antunes — Rio de Janeiro — 1934.

CORRÊA, M. Faria — "Farrapos" — Ópera em 3 atos — Música de Roberto Eggers — Tipografia Esperança — Pôrto Alegre — 1935.

COUTINHO, Albino José Ferreira — "A Gaúcha" — Romance re-

gional rio-grandense passado durante o primeiro lustre da revolução farroupilha — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1937.

D'AVILA FLÔRES — "Último Basto" — Crônicas e contos — Imprensa Oficial — Pôrto Alegre, 1958.

DIAS, Márcio — "Brumas de minha saudade" — Edição póstuma — 2.ª edição — 1935.

DUARTE, Manuel — "Humildes" — Contos e Evocações — Livraria do Glôbo, 1930.

FLORES, D'Avila — "Pelo Meu Rancho" — Imprensa Oficial — Porto Alegre, 1953.

FONTOURA, João — "Nas Coxilhas" — Contos regionais — Livraria e Papelaria Gomes Pereira — Rio de Janeiro — 1912.

FONTOURA, João — "Umbú" — Contos regionais — Tipografia do Jornal do Comércio — Rio de Janeiro, 1929.

FONTOURA, João — "Rancho Grande" — Contos Sul-Riograndense — 3.ª Série — Tipografia do Jornal do Comércio — Rio de Janeiro, 1939.

JACQUES, Alfredo — "Os Provisórios" — Contos militares — Edição Glôbo — 1938 — "Os Brigadianos" — Contos militares — Edição Glôbo — 1937.

LERMEN, Zulmir — "Maratá" — Tipografia Thurmann — Pôrto Alegre, 1944.

LOPES NETO, —. Simões — "Contos Gauchescos e Lendas do Sul" — Edição da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1950. (É terceira edição da obra e 2.ª em conjunto).

— "Casos do Romualdo" — Contos — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1952 (1.ª edição em 1952).

MAIA, João "André, o Farrapo" — Edição Glôbo — Pôrto Alegre, 1935.

MAIA, João — "Pampa" — Episódios regionalistas — Edição da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1925.

MARTINS, Ciro — "Campo Fora" — (Contos) — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1934.

MARTINS, Ciro — "Sem Rumo" — Novela — Ariel — Rio de Janeiro — 1937.

MARTINS, Ciro — "Enquanto as águas correm" — Romance — Edição Glôbo — 1939.

MARTINS, Ciro — "Portira Fechada" — Romance — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1941.

MAYA, Alcides — "Ruinas Vivas" — Livraria Chardron, de Lelo e Irmão — Pôrto Alegre — 1910.

MAYA, Alcides — "Tapera" — Cenário Gaúchos — Livraria Garnier — Rio de Janeiro, 1911.

MAYA, Alcides — "Alma Bárbara" — (Contos) — Pimenta de Meo Editor — Rio de Janeiro, 1922.

MORAES, Afonso — "Tôrres maltidas" — (Lenda da Igreja de Nossa Senhora das Dores) — 3.ª edição — Contos Noturnos e Contos Gauchescos — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1931.

NASCIMENTO, Domingos — "Em caserna" — Contos militares — Livraria Moderna — Florianópolis, 1901.

OSÓRIO, Fernando — "Fogo Morto" — Romance riograndense — Glôbo, 1937.

ORNELAS, Manoelito de — "Tiarajú" — Romance Histórico das Missões Orientais — Livraria do Glôbo — 1945.

PAULA, Jorge de — "O Pão" — Revolução Constituicionalista de 1932 em Sociedade do Rio Grande do Sul — Narração e exposição de motivos (Não é o bra de ficção, mas algumas passagens tem sabor literário) — Rio de Janeiro — 1935.

PEIXOTO, Gabriel — "Alma Gaúcha" — Romance de Costcmes — Livraria do Glôbo — Pôrto Aegre, 1926.

PIRES, Vieira — "Querência" — Contos Regionais — Livraria do Gôbo — Pôrto Alegre, 1925.

PÔRTO, Aurélio — "O Tesouro do Arroio do Conde" — Novela Histórica do Rio Grande setecentista — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1933.

RODRIGUES, Félix Contreiras — "Amores do Capitão Paulo Centeno" — Novela — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1927. (Com 9 textos musicais).

RODRIGUES, Félix Contreiras — "Nair, moça moderna" — Romance — A nação — Pôrto Alegre — 1939.

RODRIGUES, Francisco Pereira — "Sombras e Sangue" — Problemas sociais e econômicos na voragem de desastrada política — eis o fundo deste romance que se desenrola no Rio Grande do Sul — 1953 — S/L da edição.

SEVERO, Rivadávia — "Visão do Pampa" — Romance Gaúcho — Edição da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1936.

SOUTO, Adalberto Pio — "Lendas do Caverá, Contos e fantasias" — Livraria Americana — Pôrto Alegre.

STENZEL FILHO, Antônio — "A Vila da Serra — Conceição do Arroio" — Sua descriação física e histórica. Usos e costumes até 1872. — Reminiscência — Livraria do Glôbo — 1924 — Não é livro de ficção, mas lagumas pasagens é obra dêsse gênero.

SUL, Piá do (Félix Contreiras Rodrigues) — Farrapo — Memórias de um cavalo — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1935.

MEDEIROS, Mario — "Gente do Rio Grande" — Um romance de "A Nação" — Filhetim — Pôrto Alegre — 1941 (?).

TITO, Léo — "Aventuras de um tropeiro" — Narrativa Regional — Tipografia Glundlhach — Pôrto Aegre — s/ data.

VEIGA, Árgeu — Amar e Dever — Romance — Quaraí — 1931.

WAYNE, Pedro — Xarqueada — Romance — Ed. Guanabara — Rio — 1937.

II — POESIA

ALENCASTRO, Álvaro de — "Fantasias... e Qaudros Pampeanos" — Rio de Janeiro, 1933.

AMARAL, Gomercindo — "Cantores Gauchadas e outras coisas" — (Poesia e "Rádio) — Gráfica Editôra Aurora Ltda. — Rio, 1953.

BARBOSA, Fernandes — Carreirada — Versos — s/ed.-s/ — Cachoeira, 1954.

BARCELOS, Florisbelo G. — "O Casamento do Vovô" — Pequeno Romance em verso — Tipografia da Alvorada — Pelotas, s/ data.

BARCELOS, Florisbelo G. — "O Orgulho quebrado pela fôrça do amor e do destino — Emocionante romance de aventuras em 9 partes, em verso" — 6.ª ed. — Tipografia da Alvorada — Pelotas, 1945.

BARCELOS, Florisbelo G. — "O Mambira na cidade" (e outras poesias) — 5.ª ed. — Tipografia da Alvorada — Pelotas, 1946.

BEAL, Almiro — "Restinga" — Regionalismo — Livraria Continente — Pôrto Alegre, 1950.

, BITENCOURT, Adail — "A voz do pago" — Prefácio de Piá do Sul — Pôrto Alegre, s/ data.

BLAU, Zeca — (Pseudônimo de José Figueiredo Pinto) — "Trovas da Estância em Abandono de D.ª Brasilia comarca" — Tipografia do Comércio — São Paulo, 1933.

BRASIL, Zeferino — "Alma Gaúcha" — Poemas Farroupilhas" — Livraria Selbach — Pôto Alegre, 1935.

BRAUN, Jaime Caetano — "Calpão de Estância" S. Luiz Gonzaga — 1955.

CAVALHEIRO, Hermelindo — "O Negrinho do Pastoreio" — Lenda Gaúcha — Pôrto Alegre, 1954.

CARVALHO, Firmino de Paula (Desidério) — Geração pelas Caronas — Of. Gráf. — Pelotas, 1957.

CAVALHADAS — versos das cavalhadas — documento manuscrito do último quartel do século XIX.

CASTRO, Perí — "Coisas de meu pago..." — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1926.

CAIGOATÉ, Fidêncio — Sabençário — Cadernos do Extremo Sul — Alegre — 1957. (Psd. de Felisberto Soares Coelho).

CHIESA, Dorceu A. — "O Gênio dos Pagos" — Pôrto Alegre — 1950.

CAIGOATÉ, Fidêncio — Pseudônimo de Felisberto Soares Coelho.

CASAES, A. Henrique de — "A Terra Gaúcha" — poesia — Livraria Selbach — Pôrto Alegre, 1928.

CAMARGO, João Camargo Filho — "História do Gaúcho" — Poesia — Domador do Gavião — conhecido por desengana Pião da Fazenda de Dom Sebastão — Gráficas Güntzel — a Guaíba S/ data.

CORREA, M. Faria — "Rumo aos pagos" — poesia regional — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1925.

COSTA, Dimas — "Céu e Campo" — Versos do livro de autoria de A. Amaral da Silva — Veja. — s/ ed. — Bagé, 1955.

CRUZ, Milton — "Gaúchos" — Poesia MCMXVIII — Brasil.

DESIDÉRIO, Dino (Pseudônimo de Waldemar Corrêa) "A Volta de Antônio Chimango" — Contribuição do Centenário Farroupilha — Edição ilustrada — s/ data. Rio 1935.

DIAS, Marcio (Pseud. de Tristão Veloso Nunes Vieira) "Brumas da Minha Saudade" (alguns contos gaúchos e poesias regionais). Ed. postuma — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1935.

FERREIRA, Barcelos — "Glória aos Farrapos" — Livraria do Glôbo — Pelotas, 1935.

FERREIRA, Gevadino — "Tapera da Saudade" — Imprensa Americana Editôra — São Paulo, 1940.

FORTES, M. Pereira (Manuel do Carmo) "Cantares de Minha Terra..." — Monteiro Lobato Editor — São Paulo, 1924.

FORTES, M. Pereira (Manuel do Carmo) "A Marcação" — poema regional — Livraria Acadêmica — São Paulo, 1940.

FREITAS, Antônio Gomes de — "A Cavalgata dos Farrapos" — Pelotas, 1935.

GONZALES, Anita R. — "A Querência" — Edição da Livraria Sulina — Pôrto Alegre, 1954.

GONZALES, Anita R. — "Meu Rio Grande do Sul" — Livraria Sulina — Pôrto Alegre, 1953.

JENSEN, Luís — "O Bagual Tordilho" — Cenas de Doma — Poesia.

JUVENAL, Amaro (Ramiro Fortes de Barcelos) — "Antônio Chimango" — 1.ª edição — Pôrto Alegre, 1915 — Nova edição comentada e prefaciada por Augusto Meyer — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1952.

JUVENAL, O MOÇO (Homero Prates) — "Antônio Chimango", por Amaro Juvenal — e sua continuação por Juvenal, o Moço — Schmidt Editor — Rio de Janeiro, 1932. ("História de D. Chimango") — Homero Prates — S. S. — Depositária: Livraria Machado — Rio — 1927 — 1.ª ed. da anteriora.

DEAL, Isolino — "Água da Sanga" — Oficinas Gráficas da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1927.

LEAL, Isolino — "Alma Simples" — Liv. do Glôbo — 1924.

LEAL, Isolino — "Sementes" — Tipografia Gaúcha — 1923.

LEIRIA, J. O. Nogueira — "Campos de Areia" — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1932.

LEITE, Antônio Echenique — "A Voz do Rio Grande" — Poesia digo Poema cívico — A Sucessão presidencial da República em 1930 — Livraria Universal — Pelotas, 1930.

MACHADO (Alfredo Costa) — "Coisas do Pago" — Editora Livraria Andardas — Pôrto Alegre — 1956.

MACIEL, Gentil — "Tapera" — Livraria do Glôbo — Santa Maria, 1951.

MAGALHÃES, Francisco de (Francisco de Paulo Pinto de Magalhães) — "Reminiscências do Gaúcho — Oficinas Gráficas da Livraria do Glôbo — Pelotas, 1940.

MÉRCIO, Cláudio — "Bagaço" — Poema Social — Oficinas Gráficas da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1936 — Não é gauchesco o tema, entretanto há alusões ao assunto.

MORAES, Antenor — "Na Fazenda" — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1935.

MORAES, Antenor — "O Crime na Aldeia" — Poema — s/ed. — Santa Maria, 1910.

MORAES, Antenor — Poesias — Livraria do Glôbo, S.A. — Pôrto Alegre, 1957 — Inclui o poemeto "Na Fazenda" e outras poesias e poemetos regionais — Edição Póstuma.

MORAES, Herminio de — "Amor de Gaúcho" — Opereta — Rio-Grandense (?)

NEVES NETO, Andrade — "Violas Gaúchas" — Pôrto Alegre, 1906.

NEVES NETO, Andrade e ABBOTT, Eliezer — "Violas Gaúchas" — improvisos do creoulo Sezefredo e do caboclo Molina — Tipografia do Progresso — Rio Grande do Sul, 1906.

NUNES, Rui Cardoso — "Almas Penadas" — Poesias — Tipografia do Centro S.A. — Pôrto Alegre, 1951.

NUNES, Rui Cardoso — "Queimadas" — Poesias — Tipografia da Editôra La Salle — Canoas — 1957.

NUNES, Rui Cardoso — "Desafio" — Impresso nas Oficinas Gráficas da Revista do Lar — Pôrto Alegre, 1949.

OLIVEIRA, Lola — "Saudades do Pampa" — Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Francisco Antonio Xavier e — "Cartas Gaúchas" — A Nacional — Passo Fundo, 1929.

ORNELAS, Manoelito de, — "Rodeio de Estrêlas" — S. Paulo, 1928.

PIRES, Arí Veríssimo Simões — "Caraguatás" — Versos crioulos — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1939.

PLASTINO, Carlos — ""Alma do Pago" — C/ Pseudônimo de João Bueno — São Paulo, 1930.

PÔRT OAurélio — ""Farrapiada" — Rio de Janeiro, 1938.

PÔRTO, Aurélio — "Último Farrapo" — Montenegro, 1923.

PÔRTO Aurélio — "Farrapiada" — Rio de Janeiro, 1938.

PRATES, Homero — "História de D. Chimango" — Livraria Machado — Rio de Janeiro, 1927.

— "Ao Sol dos Pagos" — Papelaria Velho — Rio de Janeiro, 1937.

QUATY, (Mário Nunes) — "Nova História" — Poema regional — Revolução de 1932 — Livraria Rosariense — Rosário do Sul, 1935.

QUINCAS CORONEL, (Joaquim R. Pereira) — "Sombras da Tarde" — Pelotas, agôsto de 1931.

RAMIREZ, Hugo — "Canção da Fronteira — Nascimento, vida e morte do peão" — Pôrto Alegre, s/ ed. — 1951.

— "Cancioneiro das Noites do Sul" — Erechim — Tipografia Modêlo, 1952.

RAMOS, Laurindo — "Trovas Gaúchas" -- 1936.

RENAULDT (Carlos Bandeira) — "Pampeanas".

RIBEIRO, Niterói — "Serigote Chapeado" — (Edição do autor) — Pôrto Alegre, 1951.

RIBEIRO, Niterói — "Luz de Candieiro" — (Edição do autor) — Pôrto Alegre, 1953.

RIBEIRO, Niterói — ""Tronqueira de Guajuvira" — Poemas regionais — Impresso na Tipografia Lider — Pôrto Alegre — 1957.

REIS (Osvaldo da Silveira) — "Acacio, o Perseguido" (Pronto

para a luta) — Décima em 200 estrofes e 6 versos — Pôrto Alegre) — 1936.

ROCHA, Balbino Marques da — "A Estância de Dom Sarmento" — Poema satírico sôbre a Escola de Medicina — Pôrto Alegre, 1937 — 2.ª edição.

ROCHA, Balbino Marques da — "Trança Creoula" — Contribuição Gaúchesca — s/ ed. — Pôrto Alegre, 1956.

ROCHA, Balbino Marques da — "A Mudança do Portela" — "Trovas do Amigaço" — Gráfica Polaco — Pôrto Alegre, 1957.

RODRIGUES, Lauro — "Senzala Branca" — Poesias — Coleção 3 Chirús — Editôra Corujo — Pôrto Alegre, 1957.

RODRIGUES, Lauro — "Minuano" — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1944.

LAURO, Rodrigues — "Ronda de Sentimentos" — 1947.

RODRIGUES, Lauro — "Invernada Vazia" — Editôra Gaúcha — Pôrto Alegre, 1951.

RUIVO, Juca — "Tradição — Poesias — Of. Gráficas da Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1957.

RUIVO, Juca, — Pseudônimo de José Leal.

SANTANA, Mario — "Sovéo de Trovas" — s/ ed. Livramento, 1948.

SANTANA, Mario — "Os Pagos" — Oficina Gráfica Impressora Ltda. Livramento, 1956.

SILVA, A. Amaral da — "Céu e Campo" — Poesias — Parte do Volume é de Dimas Costa — (Veja êste) — s/ ed. — Gagé — 1955.

SILVA, João Palma da — "Rancho Crioulo" — Poemas regionais — Impresso na Editôra La Salle — Canoas, 1953.

SOLDADO (Um soldado do 1.º esq. da 14.º RCI) — 1932 — Versos da Revolução de São Paulo — Tipografia do Poncho Verde — Dom Pedrito — S. Ed.

SOUSA, Leal de — "Canções Revolucionárias" — Edição Popular — Rio de Janeiro, 1923.

SOUSA, Valdomiro — "Chimarrão" — Tipografia Goldmann — Pôrto Alegre, 1951.

SUL, Piá do — (Félix Contreiras Rodrigues) — "Gauchadas e Gauchismos — 2.ª edição — s/ ed. — Montevidéo, 1924.

TEIXEIRA (Vitor Cravo) — "Versos crioulos de poetas do "35" Centro de Tradições Gaúchas" — Prefácio de Walter Spalding. s/ ed. — s/l. (Imprensa Oficial) — Pôrto Alegre, 1952.

TERRES, Dirceu Pires — "O Meu Cavalo Crioulo" — Versos Gauchescos — Livraria do Glôbo — Pelotas — 1952.

VARGAS NETO (Manuel do Nascimento Vargas Neto) — "Tropilha Crioula" — Livraria do Glôbo — Pôrto Aelgre, 1925 — 2.ª edição 1926.

VARGAS, Neto — "Gado Chucro" — Livraria do Glôbo — Pôrto Alegre, 1928.

VARGAS, Neto — "Tropilha Crioula" e Gado Xucro" (Reunidas num só volume) — Coleção Província — Editôra Glôbo — Pôrto Alegre — 1935.

SPALDING, Walter — "Ponaim" — lenda da Lagoa do Parobé — poema dramática em um ato 1.ª edição — Pervigil — Pôrto Alegre — 1954 — Brochura c/ capa original.

Alguns autores, citados nesta bibliografia, não escreveram obras de natureza pròpriamente gauchesca, como João Moreira da Silva, que assinava com o pseudônimo de Areimor, entretanto seus livros retratam costumes interessantes da época. Mesmo que não estejam em linguagem dialetal, não deixam de ser mais ou menos documentais, até, evidente, onde pode chegar semelhante latitude.

Outros, por sua vez, e aqui Luis Araújo Filho, não devem considerar-se escritores de ficção, mas cronistas que registravam muitos aspectos, com gosto de ficção; aliás seu livro compreende partes distintas onde figuram cênas, memórias e descrições.

Darcy Azambuja, também, publicou obras literárias que não são gauchescas, mas estão incluídas nesta relação porque tem fundo histórico, que é o caso de Manoel Bastos.

Há os que cuidam de matéria especial, como se vê em Alfredo Jacques e Domingos Nascimento, com seus respectivos contos militares, recompondo lendas, como no livro "Maratá" ou nos "Humildes", de Manoel Duarte, com descrições campeiras ou não.

Quanto à poesia regional, pois até agora apenas enumeramos os prosadores, achamos de bom alvitre incluir, entre os temas gaúchos, os assuntos referentes aos farroupilhas, ou ainda, os poetas que descreveram o cenário riograndense, embora sem o fazer na linguagem dialetal.

O estudo sociológico ou histórico, referente ao gaúcho não estaria completo se deixássemos de mencional a contribuição dos escritores não riograndenses.

Salientaríamos pelo menos cinco obras, o que não quer dizer que se ignorem os outros escritores, portanto as omissões estão longe de ser intencionais.

Os títulos a que vamos fazer referência são realmente de trabalhos capitais:

— Gilberto Freyre — "Continente e Ilha" — Conferência lida no Salão de Conferências da Biblioteca do Estado do Rio Grande do Sul, no dia 19 de novembro de 1940 — Edição da Casa do Estudante do Brasil — Departamento Cultural — Rio de Janeiro — 1943.

— Thales de Azevedo — (da Universidade da Bahia) — "Gaúchos" — Notas de antropologia social — Palavras de Gilberto Freyre — Tipografia Naval — Bahia — 1943.

— Madaline Walis Hichols — "O Gaúcho" — Caçador de gado — Cavaleiro — Ideal de Romance — Traduzido do Inglês — Edição da Duke University — Livraria Editôra Zélio Valverde — Travessa do Ouvidor, 27 — Rio, 1946.

Oliveira Viana — "Populações Meridionais do Brasil" — História — Organização — Psicologia — Primeiro volume (5.ª edição) — Populações Rurais do Centro-Sul — Paulistas — Fluminenses -- Minei-

ros — Segundo volume (Póstumo) — O Campeador Riograndense — Livraria José Olimpio Editôra — Rio de Janeiro — 1952.

"O Continente do Rio Grande" — José Honório Rodrigues Edições São José — Rio, 1954.

BIBLIOGRAFIA

O ESTUDO DO ALEMÃO, ATRAVÉS DE FIGURAS

"Aprender uma língua estrangeira não é fácil. Mas êste livro facilitará o estudo do alemão de tal maneira que não parecerá mais difícil do que o de qualquer língua" — diz Fritz Pietzschke, ao apresentar seu método moderno de iniciação e prática, com processos intuitivos que tornam o alemão acessível a todo e qualquer principiante. No início do compêndio, o autor vale-se engenhosamente da semelhança de inúmeros vocábulos em alemão e inglês, o que torna extraordinàriamente rápida a assimilação do vocabulário básico alemão. Mas quem não sabe inglês não é prejudicado, pois as explicações são feitas em português, de maneira simples e hábil.

Além disso, "Aprenda a Língua Alemã" tem uma grande vantagem: sempre que necessário, Fritz Pietzschke recorre a gravuras a fim de alucidar o aprendizado. Num volume de 120 páginas, há cêrca de 300 desenhos executados especialmente por Herbert e Maria Moes. As ilustraçõs são adequadas e sugestivas, estimulando o interêsse do estudante pelas lições.

Pietzschke dedica seu livro "aos estudantes de alemão, que prometem não desistir depois das primeiras páginas". E estas são realmente tão agradáveis que prendem a atenção do aprendiz de alemão.

As declinações, as palavras compostas, os gêneros das palavras e tantos outros problemas da língua alemã surgem fàcilmente solucionados em face do método direto e prático de Fritz Pietzschke.

"Aprenda a Língua Alemã" já tem obtido ampla acolhida do público estudioso e o lançamento da 4.ª edição veio mais uma vez comprovar o êxito da iniciativa das Edições Melhoramentos, ao apresentar com execelente aspecto gráfico uma obra de grande utilidade, principalmente em face do crescente interêsse pelo estudo do alemão no Brasil.

RESURGE LIVRO FAMOSO QUE REVOLUCIONOU O SISTEMA EDUCACIONAL

"Introdução ao Estudo da Escola Nova" é um dos tpoucos livros de autor brasileiro que conseguiu repercussão internacional logo após a sua publicação. Os trechos principais passaram a ser imediatamente transcritos em compêndios estrangeiros ou tratados da especialidade, como na obra do educador alemão Adolf Rude ou na enciclopédia "Ciencia de la Educación", da Editorial Atlante, México. Na Argentina, o livro foi considerado "uma das doze obras fundamentais da peda-

gogia latino-americana, enquanto no Uruguai se tornou um guia indispensável à formação do magistério. Em institutos nacionais e várias universidades latino-americanas o livro figurou como tema de programas de didática, história da educação e comparada.

E. Claparède atribuiu o êxito do livro à capacidade de síntese do autor, enquanto Paul Fauconnet, da Universidade de Paris, ressalta a competência de Lourenço Filho em filosofia, psicologia e pedagogia. Outros críticos categorizados apontaram a clareza do estilo e o poder de penetração no estudo das relações entre a educação e os problemas sociais.

Interessando a professôres primários e secundários, estudiosos das questões educativas em geral, administradores, publicistas e trabalhadores sociais, "Introdução ao Estudo da Escola Nova" é indispensável também a todos os que desejam compreender os problemas pedagógicos da atualidade, como também muitas das questões sociais e culturais de nossa época.

Na primeira parte do livro, o Prof. Lourenço Filho trata dos fundamentos científicos da educação; na segunda, apresenta uma súmula da história da educação e revela os segredos da arte de ensino; na última, encara a problemática da educação.

Na 7.ª edição, agora lançada pelas Edições Melhoramentos, mantendo o tema e o espírito da obra, o Prof. Lourenço Filho atualizou sua obra reescrevendo-a sob novo plano, levando em consideração os grandes acontecimentos que transformaram o mundo, nestes últimos trinta anos. Portanto, a atual edição equivale a um livro novo, baseado na mais recente documentação e nas experiências da escola nova.

Êsse livro, que revolucionou os métodos educacionais no Brasil, tertence às "Obras Completas de Lourenço Filho", das quais se destacam "Juàzeiro do Padre Cícero", "Testes ABC" e "A Pedagogia de Rui Barbosa".

INDICADO O CAMINHO SEGURO PARASOLUÇÃO DE PROBLEMAS DA INFÂNCIA

Acaba de ser reeditado um livro que interessa profundamente a tôdas las mães: "Problemas da Infância". Escrito por uma notável psicologista — a Prof.ª Ofélia Boisson Cardoso — essa obra constitui valiosa contribuição para a educação da criança. Baseada na psicologia evolutiva e na experiência, tanto individual como na dos psicólogos que se dedicaram ao estudo da criança em suas diferentes fases de desenvolvimento, a autora apresenta os padrões típicos do comportamento infantil e ressalta as atitudes que podem concorrer para comprometê-los ou assegurá-los. Desta forma, o livro é um guia seguro que orienta as mães, alertando-as para que não cometam erros, às vêzes irreparáveis.

No prefácio, o Prof. Lourenço Filho destaca a importância e a utilidade da obra que também deve ser lida por mestres, assistentes sociais e clínicos, quando interessados nos problemas da formação das crianças

em idade pré-escolar. São êstes os capítulos de "Problemas da Infância: Maternidade Consciente, Agressividade, Anorexia Mental, Angústia Infantil, Terror Vesperal e Noturno, Enurese, Sentimento de Insegurança, Temas Sexuais e Nervosismo.

Publicado plas Edições Melhoramentos, em 2.ª edição, "Problemas da Infância" é um volume de 212 páginas. Sua autora é técnica de Educação e professôra de Psicotécnica da Faculdade de Serviço Social do Estado da Guanabara. Escreveu também outro livro de grande êxito: "Problemas da Adolescência". Ambos fazem parte da "Biblioteca de Educação", organizada pelo Prof. Lourenço Filho e que reúne, entre outras obras: "Noções de Psicologia", de Iago Pimentel; "Introdução ao Estudo da Escola Nova", de Lourenço Filfho e "A Arte de Ensina", de Gilbert Highet.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Pôrto Alegre

ENTIDADE MANTENEDORA

União Sul Brasileira de Educação e Ensino (U.S.B.E.E.)
Irmãos Maristas

ADMINISTRAÇÃO GERAL

Chanceler

Dom Alfredo Vicente Scherer, Arcebispo de Pôrto Alegre

Secretário Geral

Irmão Elvo Clemente

Reitor	Vice-Reitor
Prof. Irmão José Otão	Prof. Manoel Coelho Parreira

Conselho Universitário

Prof. Irmão José Otão	Prof. Balthazar G. Barbosa
Prof. Manoel C. Parreira	Pro.ª Lúcia G. Castillo
Côn. Otto Skzypczak	Prof. Daniel Juckowski
Prof. Antônio César Alves	Prof. Ivo Wolff
Prof. Irmão Fautino João	Prof. Jorge G. Felizardo
Prof. Francisco S. Juruena	Acad. Válcio D. Peixoto

Conselho Superior

Prof. Irmão José Otão — Reitor
Côn. Otto Skzypczak — Representante do Chanceler.
Prof. Irmão Faustino João — Representante da U.S.B.E.E.
Prof. Irmão Leôncio José — Representante da U.S.B.E.E.
Prof. Irmão Moacyr Caetano Empinotti — Repr. da U.S.B.E.E.

DIRETORES DAS UNIDADES UNIVERSITÁRIAS EM 1961

1 — *Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas* — Prof. Dr. Antonio Cesar Alves.
2 — *Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Pedagogia e Jornalismo* — Prof. Dr. Irmão Faustino João.
3 — *Faculdade de Serviço Social* — Prof.ª Dra. Lúcia Gavello Castillo.
4 — *Faculdade de Direito* — Prof. Desembargador Balthazar Gama Barbosa.
5 — *Faculdade de Odontologia* — Prof. Dr. Daniel Juckowski.
7 — *Instituto de Psicologia* — Prof. Irmão Hugo Danilo.
6 — *Escola de Engenharia* — Prof. Ivo Wolff.
8 — *Instituto de Sociologia* — Prof. Irmão Leopoldo Kehl.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Pôrto Alegre

Equiparada pelo Decreto n.º 25.794 de 9 de novembro de 1948

FUNDADA E MANTIDA PELOS IRMÃOS MARISTAS

A Pontifícia Universidade Católica do R.G.S. compreende:

I — INSTITUTOS UNIVERSITÁRIOS

1 — Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas — — Fundada em 1931

2 — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Fundada em 1940

3 — Escola de Serviço Social — Fundada em 1945

4 — Faculdade de Direito — Fundada em 1946

5 — Faculdade de Odontologia — Fundada em 1953

6 — Escola de Engenharia — Fundada em 1959

II — INSTITUTOS COMPLEMENTARES

1 — Instituto de Psicologia — Fundado em 1953

2 — Centro de Pesquisas Econômicas — Fundado em 1954

3 — Curso de Orientação Educacional — Fundado em 1958

4 — Instituto de Sociologia — Fundado em 1.º de maio de 1959.

5 — Instituto de Cultura Hispânica — incorporado em 1960.